

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

JOYCE GALDINO GOMES

**MÍDIAS SOCIAIS, ADOLESCENTES E CIDADANIA: ESPAÇO  
DE REPRESENTAÇÕES E DE EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA**

Presidente Prudente

2014

JOYCE GALDINO GOMES

**MÍDIAS SOCIAIS, ADOLESCENTES E CIDADANIA: ESPAÇO  
DE REPRESENTAÇÕES E DE EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Maria de Lima

Presidente Prudente

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

Gomes, Joyce.

S---- Mídias Sociais, Adolescentes e Cidadania – Espaços de Representações e de Educação para a Mídia / Joyce Gomes. - Presidente Prudente : [s.n], 2014  
126 f.

Orientador: Cláudia Maria de Lima  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Inclui bibliografia

1. Mídia-educação. 2. Cidadania. 3. Redes Sociais. I. Lima, Cláudia Maria de. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

**BANCA EXAMINADORA**



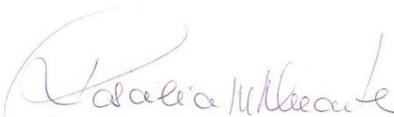
---

**Profa. Dra. CLAUDIA MARIA DE LIMA**  
(ORIENTADORA)



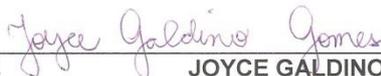
---

**Profa. Dra. RENATA MARIA COIMBRA LIBÓRIO**  
(FCT/UNESP)



---

**Profa. Dra. ROSÁLIA MARIA DUARTE**  
(PUC/RIO)



---

**JOYCE GALDINO GOMES**

PRESIDENTE PRUDENTE(SP), 22 DE SETEMBRO DE 2014.

RESULTADO: aprovado

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Cida e Artur, e irmã Juliana, pelo apoio e amor incondicional.*

*Ao Vitor, pela fonte inesgotável de energia e otimismo diante da vida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a vida, perfeita.

À minha família, meus pais, Artur e Cida, e minha irmã Juliana, que acompanharam toda a minha caminhada para chegar até aqui, apoiando-me e incentivando-me sempre para que eu superasse os obstáculos com força e determinação. O amor e carinho de vocês me ajudaram a crescer como profissional e, essencialmente, como pessoa. A presença de vocês me fortalece e me mostra diariamente o sentido da vida.

Ao Vitor, amigo e companheiro, que esteve sempre ao meu lado, confortando-me em momentos de cansaço e angústias que marcam uma jornada acadêmica. Agradeço pela paciência, por compreender minha ausência, pelas conversas motivadoras, pelo cuidado diário e, principalmente, por me ensinar a viver com mais serenidade e otimismo.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Maria de Lima, que acreditou desde o primeiro momento no meu trabalho. Agradeço por me ensinar com competência o que é pesquisa científica. Agradeço pelo respeito e paciência durante meu processo de formação, sua amizade e profissionalismo me inspiraram em todos os momentos.

À banca de Qualificação e Defesa composta pelas professoras doutoras Renata Libório e Rosália Duarte, que ajudaram a enriquecer minha pesquisa, levantando reflexões e caminhos que permitiram novas descobertas e me ajudaram a concluir o trabalho de forma significativa.

Às amigas Analígia, Bruna, Francisnaine, Thaisa e Dirce, do Grupo de Pesquisa “As tecnologias de informação e comunicação, práticas pedagógicas e a formação docente”, pelas leituras e reflexões compartilhadas, pela amizade, incentivo e apoio.

À Escola Estadual Tanel Abbud, representada pelo diretor Alberto Cervellini Filho, e aos coordenadores pedagógicos Juliana e Moacir, que desde o primeiro momento autorizaram a coleta de dados com os alunos da escola. A realização desse trabalho só foi possível pela contribuição de vocês.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação FCT/UNESP, que colaboraram em minha formação como pesquisadora. As disciplinas cursadas e o aprendizado com vocês ampliaram minhas reflexões e contribuíram no desenvolvimento do meu trabalho.

Aos meus amigos e familiares que me apoiaram, incentivaram, torceram, e o mais importante, respeitaram minha ausência e meu momento solitário nessa caminhada acadêmica.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma para tornar esse trabalho possível, muito obrigada.

## RESUMO

A presente pesquisa, inscrita na linha de “Práticas e Processos Formativos em Educação” teve por objetivo geral identificar e analisar a representação social de adolescentes matriculados na Escola Estadual Tanel Abbud, do ensino médio do município de Presidente Prudente (SP), sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que eles possuem. Para atingir tal objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano; identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais nas salas de aula dos adolescentes pesquisados; identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook e identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania. A investigação assumiu uma abordagem qualitativa, com delineamento descritivo-explicativo e assumirá o caráter de estudo de levantamento (Survey). A análise dos dados foi realizada mediante análise de conteúdo, visando contribuir para a compreensão deste fenômeno recente que é a presença das mídias sociais na vida dos adolescentes e suas interferências sociais. Os resultados mostraram que o Facebook se destaca atualmente na rotina dos jovens, apresentando potencialidades para o desenvolvimento de atividades escolares, pois são ambientes atrativos, onde os jovens ficam uma boa parte do tempo para interagir, colaborar e desenvolver competências. Mesmo sem conhecer as potencialidades da rede social, utilizando-a em sua maior parte para interação social e entretenimento, os adolescentes demonstraram que o Facebook contribui no aprendizado por ser uma mídia inovadora. Especificamente sobre o exercício cidadão, identificamos que o conceito é compreendido de forma superficial, sendo apresentado por eles sem uma visão crítica, ativa e transformadora. Apesar disso, os alunos revelam que o Facebook contribui no aprendizado deles sobre cidadania.

**Palavras-chave:** Mídia-educação. Cidadania. Redes Sociais.

## ABSTRACT

This research, registered in "Formative Processes and Practices in Education" line, had the general objective of identifying and analyzing the social representation of adolescent students enrolled at Tanel Abbud, a Public High School located in the municipality of Presidente Prudente (SP), about the role of media, specially of a specific social media in particular, Facebook, in the construction of their concept of citizenship. In order to achieve this goal, the following specific objectives were set: identifying the frequency and nature of use of social media by adolescents in their daily lives; identifying the frequency and nature of use of social medias in the classrooms by the surveyed adolescents; identifying and analyzing the representations of adolescents on social medias, specifically Facebook, and identifying and analyzing the representations of adolescents on the concept of citizenship. The investigation took a qualitative approach with a descriptive-explanatory design and it will take the character of a stocktaking study, known as Survey. Data analysis was performed on the content analysis, aiming to contribute to the understanding of this recent phenomenon: the presence of social media in adolescents life and their social interferences. The results showed that Facebook stands out in the daily routine of young people nowadays, thus it has some potential for the development of school activities, since it is characterized as an attractive environment for interaction, collaboration and competences development, mainly if we take into account that young people spend much of their time on it. Even without knowing the potential of social networking and using it mostly for interaction and entertainment, adolescents have shown that Facebook contributes to learning since it is an innovative media. Specifically about citizen practicing, we have identified that this concept is superficially understood, being presented by them without a critical, active and transformative view. Despite, students reveal that Facebook contributes to their learning about citizenship.

**Key-words:** Media-education. Citizenship. Social networks.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Frequência das categorias sobre o conteúdo que mais atrai a atenção dos adolescentes nas redes sociais .....	57
<b>Tabela 2:</b> Frequência das categorias sobre o conteúdo que os adolescentes mais acessam nas redes sociais.....	59
<b>Tabela 3:</b> Frequência das categorias sobre os tipos de atividades que os adolescentes desenvolvem nas redes sociais quando acessam na escola.....	62
<b>Tabela 4:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes gostariam de desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais.....	63
<b>Tabela 5:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não gostariam de desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais.....	64
<b>Tabela 6:</b> Frequência das categorias sobre o que os adolescentes entendem por mídias sociais .....	65
<b>Tabela 7:</b> Frequência das categorias sobre o que é o Facebook para os sujeitos .....	67
<b>Tabela 8:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes utilizam a rede social Facebook .....	69
<b>Tabela 9:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes consideram o Facebook importante .....	71
<b>Tabela 10:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não consideram o Facebook importante.....	72
<b>Tabela 11:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes têm dúvidas sobre a importância do Facebook.....	73
<b>Tabela 12:</b> Frequência das categorias sobre o conteúdo que os sujeitos se interessam em ver quando estão online .....	73
<b>Tabela 13:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os sujeitos aprendem utilizando a rede social Facebook.....	75
<b>Tabela 14:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não conseguem aprender utilizando o Facebook.....	77
<b>Tabela 15:</b> Frequência das categorias sobre o que é cidadania para os sujeitos.....	78
<b>Tabela 16:</b> Frequência das categorias sobre os exemplos considerados de cidadania pelos sujeitos.....	81
<b>Tabela 17:</b> Frequência das categorias sobre quais as páginas de cidadania acessadas pelos adolescentes.....	84

<b>Tabela 18:</b> Frequência das categorias sobre os temas de cidadania que são compartilhados na linha do tempo pelos sujeitos.....	85
<b>Tabela 19:</b> Frequência das categorias sobre os temas de cidadania que são debatidos nestes grupos e páginas .....	86
<b>Tabela 20:</b> Frequência das categorias sobre como os adolescentes utilizam o Facebook a favor da cidadania.....	87
<b>Tabela 21:</b> Frequência das categorias sobre como o Facebook contribui no aprendizado sobre cidadania.....	88
<b>Tabela 22:</b> Frequência das categorias sobre atitudes de cidadania dos adolescentes.....	90
<b>Tabela 23:</b> Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não compartilharam atitudes de cidadania no Facebook.....	91
<b>Tabela 24:</b> Frequência das categorias sobre o conteúdo que mais atraiu a atenção dos adolescentes sobre o vídeo da Copa .....	93
<b>Tabela 25:</b> Frequência das categorias sobre o que é cidadania para os adolescentes.....	94
<b>Tabela 26:</b> Frequência das categorias sobre como o exercício cidadão acontece no dia a dia dos adolescentes. ....	97
<b>Tabela 27:</b> Frequência das categorias sobre os motivos que os adolescentes consideram que a Internet contribui no exercício cidadão. ....	102
<b>Tabela 28:</b> Frequência das categorias sobre os motivos do uso do Facebook para a finalidade cidadã.....	104
<b>Tabela 29:</b> Frequência das categorias sobre os temas buscados no Facebook. ....	106
<b>Tabela 30:</b> Frequência das categorias sobre o motivo dos adolescentes acharem algo ruim no Facebook.....	106

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

**CEP:** Comitê de Ética em Pesquisa

**CGI:** Comitê Gestor da Internet

**ECA:** Escola de Comunicação e Artes

**ESPM:** Escola Superior de Propaganda e Marketing

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ONGS:** Organizações não governamentais

**PCNs:** Parâmetros Curriculares Nacionais

**PUC:** Pontifícia Universidade Católica

**TIC:** Tecnologias da Informação e da Comunicação

**Unesco:** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**UFSC:** Universidade Federal de Santa Catarina

**USP:** Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
<b>1 SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E MÍDIA: APROXIMAÇÕES .....</b>	<b>14</b>
1.1 O espetáculo na sociedade contemporânea .....	14
1.2 O avanço tecnológico da mídia: do espetáculo à cibercultura.....	18
1.3 Adolescentes e mídia: a escolha pela Internet.....	23
<b>2 INTERNET E AS NOVAS INTERAÇÕES COM A MÍDIA .....</b>	<b>27</b>
2.1 Ferramentas da Web 2.0: novas possibilidades de interação com a mídia.....	27
2.2 Utilização de mídias sociais pelos adolescentes.....	32
<b>3 CIDADANIA E MÍDIA-EDUCAÇÃO: NOVOS DESAFIOS DE EDUCAR.....</b>	<b>38</b>
<b>4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES SOBRE MÍDIA E CIDADANIA .....</b>	<b>46</b>
<b>5 OBJETIVOS .....</b>	<b>51</b>
5.1 Objetivo geral .....	51
5.2 Objetivos específicos.....	51
<b>6 METODOLOGIA.....</b>	<b>52</b>
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>56</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>Apêndice A: Questionário com perguntas abertas e fechadas .....</b>	<b>120</b>
<b>Apêndice B: Composição do questionário aplicado .....</b>	<b>122</b>
<b>Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>124</b>
<b>Apêndice D: Autorização da Escola E. E. Tannel Abbud.....</b>	<b>125</b>
<b>Apêndice E: Roteiro de perguntas da entrevista semi-dirigida .....</b>	<b>126</b>

## CAMINHOS DA PESQUISA

Possuir um olhar mais atento sobre a relação de adolescentes com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é fundamental, já que eles vivem imersos nestes espaços, buscando informações sobre a realidade que os cercam, construindo e compartilhando conceitos e opiniões. De acordo com Mamede-Neves e Duarte (2008) as novas tecnologias da informação e da comunicação são capazes de promover comunicação, interação, colaboração e, como consequência, construir novos conhecimentos.

O progresso da mídia e sua presença constante e natural na vida de crianças e jovens e a importância de formar cidadãos críticos nesta sociedade mediada por imagens, assim como envolver o campo da mídia-educação para maximizar a qualidade com que adolescentes têm utilizado estas novas tecnologias, motivou o início dessa pesquisa. Outro fator determinante foi minha trajetória profissional, com formação em Jornalismo, observo e acompanho os movimentos e evolução da mídia, assim como sua presença central na vida das pessoas, principalmente na vida de jovens e crianças. São nestes ambientes que eles se desenvolvem, interagem com amigos, fazem novas amizades, compartilham e vivenciam suas experiências e curiosidades, aspectos que me motivaram a iniciar essa pesquisa.

Partimos do pressuposto de que é necessário se aproximar da visão dos adolescentes e investigar as representações deles sobre a função da mídia na construção do conceito de cidadania que eles possuem atualmente, como um primeiro passo para fundamentar futuros trabalhos com o uso de redes sociais.

Desse modo, obtemos nosso objetivo geral de identificar e analisar a representação social de adolescentes matriculados na Escola Estadual Tannel Abbud, do ensino médio do município de Presidente Prudente (SP), sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que eles possuem. Nossos objetivos específicos são: identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano; identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais nas salas de aula dos adolescentes pesquisados; identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook; identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania.

Para atingir tais objetivos, a investigação assumiu uma abordagem qualitativa, com delineamento descritivo-explicativo, assumindo o caráter de estudo de levantamento (Survey). A análise dos dados foi realizada mediante análise de conteúdo, visando contribuir para a

compreensão deste fenômeno recente que é a presença das mídias sociais na vida dos adolescentes e suas interferências sociais.

A pesquisa foi organizada em sete capítulos. O primeiro abordou as aproximações entre a Sociedade do Espetáculo e a mídia. Algumas das principais ideias de Debord (1997) foram explanadas sobre Sociedade do Espetáculo e para aproximar o conceito da mídia temos autores como Belloni (2003), Castells (1999, 2006), Côtés (2009), Guareschi (2006), Hall (1997), Jenkins (2008), Kellner e Share (2008), Kenski (2008), Lemos (2003), Lévy (1999), Mamede-Neve e Duarte (2008), Masetto (2010), Scandolaro (2011), Silverstone (2011), Schmidt (2006).

No segundo capítulo tratamos sobre a Internet e as novas possibilidades de interação com a mídia que as ferramentas da Web 2.0 trazem, com reflexões de autores como Fantin (2011), O'Reilly (2004), Primo (2007) e Recuero (2011).

No capítulo terceiro discorremos sobre Mídia-Educação e para compreender a história do conceito, assim como suas abordagens, temos o aporte teórico de Caldas (2006), Bévort e Belloni (2009), Belloni (2001), Buckingham (2006), Fantin (2005, 2011, 2012), Pischetola (2013), Rivoltella (1997), Sagarayaj (2006), Siqueira e Cerigato (2012), Soares (2011), Vermelho e Abreu (2005) e Zancheta Jr. (2007, 2009, 2011).

No quarto capítulo tratamos sobre as questões das representações sociais dos adolescentes, com a Teoria da Representação Social, de Moscovici (2003), e sobre mídia e cidadania, com os pensamentos de Hannah Arendt e autores como: Baleeiro (2004), Benevides (2004), Dallari (2004), Debord (1997), Lafer (1997) e Schmidt (2006).

No capítulo quinto delineamos o objetivo geral e os objetivos específicos dessa pesquisa. No capítulo seis apresentamos a metodologia, constituída por duas fases de coleta de dados, os sujeitos, o instrumento e procedimentos de coleta e análise dos dados da pesquisa. No capítulo sete expomos os resultados e a discussão dos dados da pesquisa. E, por fim, temos as considerações, abordando os resultados do estudo e as questões relacionadas às representações de adolescentes sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook), na construção o conceito de cidadania que eles possuem.

# 1 SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E MÍDIA: APROXIMAÇÕES

## 1.1 O espetáculo na sociedade contemporânea

Uma das características que marca fortemente o contexto contemporâneo é a velocidade das transformações da vida social e das informações que são propagadas minuto a minuto pelos meios de comunicação. A sociedade vive um momento característico, marcado pela difusão rápida e contínua de mensagens midiáticas. Hoje, além de jornais, revistas, rádio e televisão, conforme afirma Kenski (2008), as informações estão sendo divulgadas pela convergência de todas elas. A autora lembra que nenhum desses meios deixou de existir, pelo contrário, eles coexistem e se relacionam de alguma maneira. Nesse contexto, a internet surgiu com uma tecnologia que sintetizou e integrou estes diferentes formatos midiáticos, viabilizando a convergência deles e modificando como as mensagens são difundidas ou apreendidas.

Este encontro, entre velhas e novas mídias, é explanado também por Jenkins (2008). Para ele, a sociedade vive uma quebra de paradigma, chamado de “paradigma da revolução digital”, no qual “as novas mídias substituiriam as antigas”, sendo que o “paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (JENKINS, 2008, p. 30-31). Por convergência dos meios, o autor refere-se

[...] ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 27).

Ao vincular a noção de cultura à convergência, Jenkins (2008) considera ambos os lados: equipamentos tecnológicos avançados e as novas possibilidades de atrair e interagir com consumidores que estes objetos promovem, impulsionando-os sempre a buscar o novo. Desse modo, a convergência é mais do que apenas mudanças tecnológicas, ela se refere a um processo pelo qual os “consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008, p. 28).

Diante destes conteúdos dispersos propalados pelas mídias, as tecnologias da informação e comunicação trabalham como palco de iniciativas espetaculares. Ou seja, a vida do homem é mediada e interferida por imagens, sendo uma realidade regida por um olhar falsificado. A vida, assim, acaba sendo representada por imagens – de aparência - que o mundo mesmo cria, espelhando uma vida de aparência. O motivo deste fato é justificado por

Debord (1997), pelo espetáculo, que induz o homem, com maestria, a preferir a imagem, a representação à realidade.

A imagem, constituindo a principal maneira de relação do indivíduo com o mundo, funciona como um mecanismo de alienação, com o poder de deslocar o centro da vida do homem ao espetáculo. Esta estrutura leva o indivíduo a se apropriar daquilo que não é dele, a escolher aquilo que não deseja, a afirmar o conhecimento propagado como inquestionável e terminado (DEBORD, 1997).

O conceito de espetáculo é de Debord (1997, p.9) que o define com uma negação: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens.” Para o autor, o espetáculo exprime uma inversão do mundo, ele cria uma falsa realidade da vida e a confirma como uma aparência, sendo então uma negação da vida visível e real do ser humano.

O espetáculo tem como intenção primeira de dominação fazer desaparecer o conhecimento histórico em geral, diz Debord (1997). O espetáculo se organiza com muita habilidade, ressaltando e repetindo acontecimentos sem valores. Com uma avalanche de informações a todo tempo não fornece tempo para o indivíduo refletir, e assim, segue com sua intenção de construir a ignorância, de não estimular a reflexão, e sim gerar uma confusão de que quantidade de informação é conhecimento. Como afirma o intelectual, “[...] o espetáculo organiza com mestria a ignorância do que acontece e, logo de seguida, o esquecimento daquilo que pode apesar de tudo tornar-se conhecido. O mais importante é o mais escondido” (DEBORD, 1997, p. 17).

A memória, essencial para o cidadão atuar ativamente em uma sociedade, é um item que o espetáculo esmaga, beneficiando quem está no poder e quem sabe se manter nele. É o que afirma Debord (1997, p. 18):

[...] é efetivamente comodo para quem está nos negócios; e sabe manter-se neles. O fim da história é um agradável repouso para todo o poder presente. Garante-lhe absolutamente o êxito do conjunto das suas iniciativas, ou pelo menos o ruído do êxito.

A história de uma sociedade, com fatos políticos, econômicos e sociais, são de extrema importância para formar cidadãos críticos e atuantes em prol de melhores condições de vida. No entanto, o que o espetáculo produz é uma alienação do trabalhador, pois separa ainda mais o indivíduo do produto que ele mesmo produz, fazendo o autor afirmar que “o espetáculo produz o movimento autônomo do não-vivo” (DEBORD, 1997, p. 8). Ou seja, o

trabalho não colabora na construção do sujeito, o produto torna-se um objeto independente do seu criador.

Além da crítica ao capitalismo, o que Debord (1997) estava observando também, de acordo com Belloni (2003), era o complexo sistemas de mídias como um modelo socialmente dominante, funcionando como uma vitrine do espetáculo, como uma

[...] afirmação onipresente do sistema de produção industrial e do consumo de massa, que ocupa o tempo livre dos indivíduos, retira-lhe a liberdade, a opção de escolha, com as mais diferentes formas de produtos espetaculares: informação, lazer, publicidade, etc.(DEBORD, 1996, *SdE*, § 6 apud BELLONI, 2003, p. 131).

Como ferramentas do espetáculo – a mídia<sup>1</sup> - contribui para propalar a falsa realidade, além de isolar o indivíduo, ocupando o lugar do diálogo e da convivência. Um exemplo é o tempo que muitos gastam assistindo televisão, funcionando como uma ferramenta do espetáculo. Conforme afirma o pensador:

Um estilo de roupa surge de um filme; uma revista lança lugares da moda, que por sua vez lançam as mais variadas promoções. (...) nos chaveiros-brindes, por exemplo, que não são comprados, mas oferecidos junto com a venda de objetos de valor, ou que decorrem de intercâmbio em circuito próprio, é possível perceber a manifestação de uma entrega mística à transcendência da mercadoria. (DEBORD, 1997, p. 38)

E, é neste sentido, assim como afirma Belloni (2003), que retomamos o conceito de Sociedade do Espetáculo, não devendo ser entendido apenas como uma referência aos meios de comunicação de massa, considerado por Debord como “aspecto restrito” do espetáculo sua “manifestação superficial mais esmagadora”; mas como uma parte da totalidade, que é a mais espetacular, invadindo a sociedade como “instrumentação que convém a seu automovimento total” (DEBORD, 1996, *SdE*, § 24 apud BELLONI, 2003, p. 132).

A mídia é um instrumento poderoso do espetáculo, que seduz a vida do homem moderno, consome seu tempo com fragmentos de uma falsa realidade. A ele, não sobra tempo para absorver e refletir todo o conteúdo gerado e transmitido. E, desta relação mediada por imagens, percebe-se um ciclo, de formação de sujeitos consumistas, passivos, conformados com a realidade que lhes é apresentada.

---

<sup>1</sup> Optamos utilizar mídia no singular como uma reunião das várias mídias existentes. A mídia, do vocábulo media, importado da língua inglesa, com o sentido de meios de comunicação, é um termo utilizado em comunicação e pode apresentar vários significados, como veículos de comunicação, mídia de armazenamento de informação (discos), e mídia enquanto meios de comunicação pela imagem, fotografia, televisão, cinema e internet. Diante desta perspectiva, incluem-se também todas as manifestações culturais presentes no espaço público como novelas, filmes, programas, propagandas, sendo o modo de apropriação pelo qual o conteúdo midiático é socializado.

Assim, a discussão sobre a Sociedade do Espetáculo continua atual e pode ajudar a compreender fenômenos sociais recentes. Crianças e jovens, em especial, estão vivendo com a presença constante da mídia, propalando informações (verbais, visuais, sonoras) a todo o momento, com a ajuda principalmente do avanço das novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Como afirmam Kellner e Share (2008, p. 688), o cenário atual, cheio de inovações tecnológicas, caracterizado por impérios globais, por novos tipos de mídia, além de um bombardeio comercial, tem contribuído para a formação de um ambiente mediado e diferente do que as gerações anteriores viveram. Os jovens na atualidade não conhecem a vida sem computadores, celulares, internet, televisão. O progresso e integração das tecnologias de informação e comunicação possibilita ao jovem utilizar cada vez mais as informações disponíveis e com muito mais facilidade e agilidade. Por isso, a necessidade de adquirir condições para analisar e refletir criticamente as mensagens recebidas é fundamental para o indivíduo não se apropriar daquilo que não lhe pertence e não correr o risco da falsa-consciência, que é propagada como um conhecimento inquestionável e terminado.

Como demonstra Debord (1997), a passividade do receptor das mensagens continua nos dias atuais e a capacidade de reflexão do espectador não acompanhou a velocidade das novas tecnologias de informação, sendo necessário ao indivíduo adquirir a capacidade de análise e síntese de maneira simultânea para se inserir “de forma ativa e crítica em meio à rapidez e a mistura de informações (verbais, visuais e sonoras), característica da atual era pós-moderna” (SILVA, 2003, p.3).

Belloni (2003, p.2) diz que

[...] conceituar o espetáculo como relação social significa uma compreensão premonitória da fase atual do capitalismo e do esgotamento do modelo socialista e de seus fundamentos teóricos marxistas como teoria da práxis que pode levar à transformação.

A autora indaga sobre o que este conceito serve para a formação na sociedade contemporânea e afirma que é o caráter revolucionário do conceito de espetáculo que é necessário reconquistar, de uso crítico e criativo, e das ferramentas mais importantes do espetáculo, as mídias, porque são elas que produzem a imagem dele.

Por isso, após esta retomada do conceito de espetáculo na atualidade, é essencial um olhar para o avanço tecnológico da mídia, na medida em que as relações do indivíduo com ela também foram progredindo e se transformando. Como palco do espetáculo, as Tecnologias de Informação e Comunicação invadem a vida do homem moderno e provocam novos modos de

ver, pensar, agir. Assim, além de uma sociedade espetacular o homem se insere também no ciberespaço, conforme será elucidado no próximo tópico.

## 1.2 O avanço tecnológico da mídia: do espetáculo à cibercultura

Para ocupar o tempo livre de indivíduos, o espetáculo propaga a ideologia dominante pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que, segundo Belloni (2003, p. 122) são as ferramentas mais importantes dele. Debord (1997) evidencia que os norte-americanos ocupam “em média três a seis horas por dia” diante da televisão e nela, o que é representado como vida real “revela-se como a vida mais realmente espetacular” (DEBORD, 1997, p. 104).

No entanto, hoje, não é apenas a televisão que preenche o tempo do homem moderno. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) foram evoluindo e se reinventando após a industrialização, principalmente na década de 1990. Compreendemos por TIC

o uso da informática, do computador, da Internet, do CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, de ferramentas para a educação a distância, como *chat*, grupos ou lista de discussão, correio eletrônico etc. e de outros recursos e linguagens digitais de que atualmente dispomos e que podem colaborar significativamente para tornar o processo de educação mais eficiente. (MASETTO, 2010, p.140-141)

Neste sentido, as TIC podem ser consideradas os equipamentos por onde a mídia se propaga, acompanhando também sua evolução. Em menos de cem anos, a mídia, que se limitava à escrita, com o tipo móvel de Gutenberg, progrediu para as ondas do rádio, avançou para a difusão de imagens e sons com a televisão, que se renovou com a transmissão via satélite, cabo e sinal digital, expandiu-se com a Internet e com a facilidade de acesso à informação pela rede de alcance mundial (*World Wide Web*).

Desse modo, a expansão das TIC, oferecendo equipamentos com aplicativos cada vez mais modernos e atrativos, marca o aparecimento de uma sociedade que conjuga uma grande quantidade de informação, com o uso intensivo de tecnologias eletrônicas em rede, vivendo sob um intenso processo de permanente aprendizagem (GASQUE; TESCAROLO, 2004). Conforme afirma Hall (1997, p. 20):

[...] vivemos em um tempo caracterizado por uma verdadeira revolução cultural, propiciada pelas forças que assumem no cotidiano da sociedade contemporânea, as distintas formas de comunicação e informação.

Inicia-se a sociedade da informação, marcada como um momento de “desenvolvimento social caracterizado pela capacidade de seus membros de obter e

compartilhar qualquer informação, instantaneamente, de qualquer lugar e da maneira mais adequada (HALL, 1997, p. 20).”

A ênfase da chamada sociedade da informação incide essencialmente sobre o conhecimento ou sobre a tecnologia da informação. No entanto, diante desta mudança social, há diferentes abordagens de diferentes autores sobre o fenômeno como: sociedade pós-industrial (BELL, 1973), sociedade informática (SHAFF, 1986), sociedade do conhecimento (DRUCKER, 1994), sociedade da pós-informação ou digital (NEGROPONTE, 1995), sociedade informacional (CASTELLS, 2006).

A discussão mais recente sobre a sociedade da informação surge na perspectiva de Castells (2006), tendo a informatização e sua extensão em rede como objeto central de seu estudo. O autor diz que a diferença entre a sociedade da primeira metade do século XX e a da segunda é a presença das tecnologias da informação e sua difusão nas esferas da atividade econômica, dando suporte para o seu funcionamento em escala global.

Castells (2006) utiliza o termo “sociedade informacional” ao invés de “sociedade da informação”, realizando a mesma comparação da diferença entre indústria e industrial. O autor destaca o papel do conhecimento e da informação na sociedade enquanto mediados pela tecnologia. Esta revolução tecnológica segundo Castells (2006, p. 67), caracteriza-se pela “transformação da cultura material pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação”. Este momento de transformação tecnológica se expande por sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos com uma linguagem digital comum, que é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida.

Segundo o sociólogo, a particularidade atual da revolução tecnológica

[...] não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 2006, p.67).

O que o autor afirma é que as tecnologias da informação e comunicação não são simplesmente ferramentas para se aplicar, mas processos para se desenvolver. Isto significa que os usuários podem ter o controle da tecnologia, tornando-se também criadores. Assim, “pela primeira vez na história a mente humana é uma força produtiva direta, não apenas um elemento decisivo do sistema de produção” (CASTELLS, 1999, p. 26). As tecnologias de informação são consideradas ferramentas indispensáveis para processar a informação e gerar

conhecimento pelo indivíduo, já que “a geração, processamento e transmissão de informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder” (CASTELLS, 1999, p.21).

Estas características do novo paradigma tecnológico estão vinculadas ao processo de democratização do saber na sociedade. Para Castells (2006), o mais importante não é apenas a tecnologia, mas sim, as possibilidades de interação que elas permitem ao indivíduo. Hoje, em apenas um clique, o mundo se conecta e as notícias navegam de um país a outro em um piscar de olhos.

A expansão da informação em rede com a chegada da Internet permitiu pela primeira vez a comunicação de muitos com muitos, em escala global, caracterizando um mundo novo de comunicação do qual Castells (2003) nomeou de Galáxia da Internet. A sociedade vive uma conexão global – é a sociedade em rede (CASTELLS, 1999), onde a informação, digitalizada, pode se reproduzir, circular, modificar e se atualizar em diferentes interfaces.

As diferentes redes uniram-se umas às outras, conectando computadores e pessoas, de todo o mundo, em um espaço espontâneo e imprevisível, constituindo o ciberespaço. Este novo ambiente de comunicação, sociabilidade, organização tem como matéria-prima a informação e conhecimento, gerando um novo espaço/tempo. Lévy (1999) designa o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores, sendo um conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, transmissores de informações de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

Além desta infraestrutura de comunicação digital, o ciberespaço abriga um universo de informações de indivíduos, que alimentam e navegam nestes ambientes, surgindo a cibercultura. Segundo Lemos (2003), a cibercultura é a cultura contemporânea marcada pela presença das tecnologias digitais, possuindo vários sentidos. Lemos (2003, p. 11), diz que podemos compreender a cibercultura como

[...] a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70 (LEMOS, 2003, p. 11).

Scandolara (2011) diz também que é pelo ciberespaço que a cibercultura desenvolve uma base para os indivíduos interagirem e integrarem em rede, o que favorece uma ação de participação e imersão na nova realidade virtual. Dentro deste “navegar” as “mídias tecnológicas marcam e estabelecem estas relações de acordo com as necessidades sociais, subjetivas, pedagógicas e culturais específicas” (SCANDOLARA, 2011, p. 2).

De acordo com os autores Vasconcelos et al (2014), com o avanço tecnológico aperfeiçoamos o modo de nos comunicar, tornando ainda mais eficiente a expressão do pensamento, movendo nossos corpos, que antes nos levavam aos espaços para reivindicar nossos direitos, para uma esfera global:

Os corpos se movem pela Internet em uma dança espontaneamente coreografada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Ser cidadão no presente desafia a nossa capacidade de pensar não somente uma sociedade melhor, mas um mundo melhor. Gradativamente as pessoas vêm ocupando um espaço virtual, desenvolvendo uma percepção de que todos os povos, independentemente da cultura em que vivem, compõe uma só aldeia (VASCONCELOS et al, 2014. p. 2).

Neste sentido, a rede não é constituída apenas de informações, mas de pessoas, com sentimentos, criatividade, que se relacionam com outras pessoas, estabelecendo contatos sem limites geográficos, tecendo maneiras diferentes de pensar e agir. A mídia exerce um papel importante nesta sociedade em rede, oferecendo novas maneiras de se relacionar, de se comunicar, de pensar, modificando o tempo e o espaço, mediando significados. Conforme Silverstone (2011, p. 33) afirma, é necessário considerar que a tecnologia

[...] envolve os produtores e consumidores de mídia numa atividade mais ou menos contínua de engajamento e desengajamento com significados que têm sua fonte ou seu foco nos textos mediados, mas que dilatam a experiência e são avaliados à sua luz numa infinidade de maneiras.

Pensar e questionar a tecnologia no contexto de uma discussão sobre a mídia, não é tarefa simples, de acordo com Silverstone (2011), muito se escreveu sobre a capacidade da tecnologia midiática de determinar as maneiras pelas quais empreendemos nossos trabalhos diários, as maneiras pelas quais nossa capacidade de agir no mundo é possibilitada e reprimida.

Dizem-nos que estamos no meio de uma revolução tecnológica (o que é verdade, pelo menos para uma pequena parcela da população mundial) de amplas consequências, revolução na geração e na disseminação da informação. Novas tecnologias, novas mídias, cada vez mais convergentes pelo mecanismo da digitalização, estão transformando o tempo e o espaço sociais culturais (SILVERSTONE, 2011, p. 46).

A mídia, progredindo e sendo reinventada, é o coração da sociedade da informação (GUARESCHI, 2006, p. 38). A presença dela gera profundas mudanças na maneira do homem viver, pensar, trabalhar, refletindo a atualidade da sociedade contemporânea, de economia e cultura globalizada, e do homem nela inserido, pelos jornais, novelas, filmes, propagandas, programas de auditório, blogs, redes sociais, etc.

Guareschi (2006) diz que entre as inovações e transformações das últimas décadas do século XX, destaca-se a aceleração do fluxo de informação, da transmissão de formas simbólicas e de conteúdos cognitivos e emocionais.

A realidade de hoje exige cada vez mais que os sujeitos saibam lidar com uma imensa gama de informações que invadem diariamente sua vida cotidiana, de forma desconhecida para nossas gerações precedentes. Lidar com o impacto desse fluxo acelerado de informações e, principalmente, dar-lhes um significado, ou seja, interpretá-las, integrando-as em sua visão de mundo, é uma tarefa inevitável dos sujeitos modernos (GUARESCHI, 2006, p. 29-30).

Guareschi (2006) fez uma análise da presença, do papel e da relevância da mídia nas sociedades modernas e debateu sobre as implicações que esta situação traz para a questão da cidadania e da ética. E, pela amplitude da comunicação, o autor se restringiu às análises sobre a mídia eletrônica, especificamente sobre rádio, televisão e internet, que mais vêm sendo afetadas pelas novas tecnologias. Hoje o “sinal dos tempos é que vivemos um tempo de sinais”. A sociedade é midiada (Thompson, 1995) e não existe nenhuma instância em que a mídia não tenta dizer algo.

“Nada escapa a esse fenômeno abrangente e penetrante que perpassa qualquer situação individual ou social. As formas simbólicas assumem um papel fundamental, sempre mais crescente. A comunicação é o mecanismo e a relação básica para a concretização dessas trocas simbólicas” (GUARESCHI, 2006, p. 28).

Mas, como os adolescentes têm se comportado com a presença da mídia e com a quantidade acelerada de informações na atualidade? Vivemos em uma sociedade, ainda espetacular (DEBORD, 1997), e em rede (CASTELLS, 2006), marcada pela presença da mídia que sempre tenta nos dizer algo.

Entre as questões levantadas pelas novas gerações, que vivem em um contexto de alta tecnologia e crescente globalização, as que especialmente nos interessam são aquelas relacionadas com os novos modos de perceber, interagir e aprender desenvolvidos pelos adolescentes em suas relações com as mídias, mais especificamente com a Internet e com as mídias sociais. Desse modo, optamos por explicar no próximo tópico as relações dos adolescentes com a mídia, e abordar principalmente, a escolha deles pela Internet.

### 1.3 Adolescentes e mídia: a escolha pela Internet

Crianças e jovens acompanham os avanços tecnológicos e são capazes de dominar os equipamentos com muita facilidade e naturalidade na atualidade. São os filhos da revolução tecnológica, que vivem no mundo digital, que pensam e agem “em rede”.

Por isso, é necessário lançar um olhar mais atento sobre esta relação entre mídia e adolescentes, já que vivem imersos em espaços midiáticos, buscam informações nas mídias sobre a realidade que os cercam e podem converter as informações apreendidas em referências para a construção de seus conceitos e opiniões.

As novas tecnologias da informação e da comunicação, de acordo com Mamede-Neves e Duarte (2008) são capazes de promover comunicação, interação, colaboração e, como consequência, construir novos conhecimentos. Hoje, há muita rapidez na transmissão de informações e a possibilidade de rompermos as barreiras geográficas e temporais. No entanto, as autoras afirmam que:

Os modos de interação e de colaboração que serão estabelecidos entre essas pessoas, assim como o que elas vão fazer com essa possibilidade de contato, não são tão óbvios e não são pré-determinados ou mesmo controláveis; vão depender de quem está nos nós da rede que será tecida entre elas (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p. 771).

Para Mamede-Neves e Duarte (2008), informação e comunicação são conceitos que se complementam, mas que não podem ser considerados como sinônimos. A informação pode ser enviada e recebida, mas, para ir além disso, é preciso que se estabeleça um contrato entre emissor e receptor que implica codificação e decodificação, assim como produção de significado e atribuição de sentido por parte de ambos. Assim,

[...] a produção de sentido tem um caráter mais singular, embora com determinações histórico-sociais, e, ainda que não seja um processo totalmente autônomo em relação ao significado, depende fundamentalmente das condições de recepção e de fatores individuais, sociais e culturais que envolvem o receptor (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p. 771-772).

Já a comunicação, de acordo com as autoras, exige a interação bilateral entre humanos, “direta ou indireta, intencional ou não-intencional, verbal ou não-verbal, visual, sonora ou seguindo outros fluxos” (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p. 772).

Ou seja, a interação é a ação recíproca de duas ou mais pessoas, é o conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade; pressupõe diálogo, mas nem sempre resulta em colaboração. Esta, para existir, precisa ultrapassar a própria interação; tem que ser uma atividade compartilhada, em que, nas trocas e influências recíprocas, há sempre o desejo de estar dentro de um espaço interacional, compartilhando

interesses e “olhando” na mesma direção (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p.772).

As crianças e jovens, conforme definido por Prensky (2001), chamados de “nativos digitais”, que chegaram após a popularização dos computadores pessoais e a criação da internet, compõem um segmento de usuários de TIC que as utilizam, bem como, antecipam o que está por vir, explorando de “forma criativa e diversificada tudo o que essas tecnologias têm a oferecer, ultrapassando, inclusive, os limites originalmente estabelecidos para o uso regular delas” (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p.777).

Tais autoras, que estiveram à frente da pesquisa “Jovens em rede” realizada pelo Departamento de Educação da PUC-RIO (Pontifícia Universidade Católica, do Rio de Janeiro), com quase mil jovens do terceiro ano do ensino médio, entre 17 e 19 anos, sendo 51% mulheres e 49% homens, de diversos bairros e com diferenças significativas de classe, verificaram que os jovens escolhem a Internet como um espaço privilegiado por possibilitar a construção de conhecimentos, de encontros, de comunicação e lazer, além de permitir a utilização de imagens e textos de forma indissociável. Um dos fatores, segundo as autoras, pela escolha dos jovens como um ambiente que beneficia a aprendizagem seria a relação recíproca entre texto e imagem, que segundo Barthes (1964 apud MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p. 778), atuam como "fragmentos de um sintagma mais geral e a unidade da mensagem se realiza em um nível mais avançado".

A pesquisa verificou que 46,3% dos jovens, em seu tempo livre, preferem computador ao rádio, livros, revista e televisão e, apenas 25%, deles afirmaram ver televisão regularmente. A televisão ocupou um papel importante na sociedade, porém, seu uso ficou inferior ao do computador entre os jovens. De acordo com a pesquisa, a Internet ocupou um lugar unânime entre os jovens, sendo utilizada por 98% dos entrevistados diariamente ou, no mínimo, duas ou três vezes por semana, nas escolas ou fora delas, seja em casa, no trabalho ou *lanhouses*.

Em uma pesquisa de maior abrangência realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em 2012, que teve como objetivo medir os usos e hábitos da população brasileira usuária da Internet, de 9 a 16 anos, em relação às tecnologias de informação e de comunicação, constatou-se que os adolescentes de mais idade (14 a 16 anos) se dedicam e acessam mais à Internet do que os mais jovens (até 13 anos). Foram realizadas 1.580 entrevistas pessoais com crianças e adolescentes usuários de Internet, utilizando-se um questionário estruturado, elaborado a partir do modelo de mensuração europeu que foi adaptado à realidade brasileira.

Os resultados obtidos mostram que a Internet é muito presente na vida de crianças e adolescentes, especialmente os de mais idade: sendo que mais da metade mencionou acessar todos os dias ou quase todos os dias: 13 e 14 anos, 53%; 15 e 16 anos, 56%. A pesquisa constatou que a Internet é muito utilizada e tem sido apropriada cada vez mais por crianças e adolescentes e “as atividades por eles desenvolvidas nesse ambiente tendem a aumentar conforme vão adquirindo mais autonomia e conhecimentos” (MARQUES, 2012, p.63).

A utilização da Internet traz alguns benefícios, destacados por Belloni (2012, p. 77), como: democratização do acesso à informação, à cultura, ao saber, à criação; novas possibilidades de comunicação interpessoal e de transmissão de mensagens; inteligência coletiva; criatividade potencializada; surgimento de novas formas perceptivas, cognitivas, novos modos de aprender, novas formas sociais, entre outros. Todas as virtudes, de acordo com a autora, resultam das infinitas possibilidades de expressão e comunicação oferecidas pelas ferramentas presentes na rede mundial de computadores.

A Internet no modelo de meio de comunicação todos para todos (Lévy, 1999) possibilitou a produção e publicação de conteúdo na rede por qualquer pessoa. A mídia tradicional começou a dividir espaço com a produção de conteúdos de internautas em ambientes de participação, (ZAGO, 2008), como Blog<sup>2</sup>, Redes Sociais<sup>3</sup>, além de iniciativas como Wiki<sup>4</sup>.

A Internet é um mundo atraente, aberto 24 horas por dia com conteúdos interativos que podem ser acessados instantaneamente. Por isso, a necessidade de uma reflexão sobre os efeitos das novas interações com a convergências das novas tecnologias, que modificam e ampliam os elementos da comunicação, do texto, das imagens e dos espaços de trocas de conhecimento, e definem também novos modelos de comportamentos, relacionamentos, novas formas de ensino/aprendizado, bem como uma nova rotina da qual indivíduos precisam se reconhecer, relacionar, aprender.

É necessário lembrar também que a imagem, seja ela divulgada pela mídia tradicional (jornal impresso, rádio ou TV) ou pela Internet, pode penetrar sempre e com profundidade o cotidiano das pessoas, principalmente de crianças e jovens, promovendo um rearranjo das relações entre elas e o mundo (DEBORD, 1997; TONIN, 2008).

---

<sup>2</sup> Blog: é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog.

<sup>3</sup> Redes Sociais: conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares e as apropriações sociais que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas (PRIMO, 2007).

<sup>4</sup> Wiki: São sites colaborativos, que podem ser editados visitados e editados por qualquer pessoa.

Belloni (2012) ressalta que as culturas infantis e juvenis são marcadas por uma presença predominantes de imagens, criando significados em todo tipo de comunicação. De acordo com a autora

Embora a palavra escrita tenha recuperado sua importância (quase) perdida na era da televisão, graças à Internet, as novas gerações percebem e se expressam via imagens. Imagens produzidas e distribuídas tecnicamente são elementos extremamente significativos na construção dos imaginários infanto-juvenis e, portanto, das identidades e representações (BELLONI, 2012, p. 77).

A conclusão é que a cultura jovem é essencialmente audiovisual, o que desafia educadores e pesquisadores, pois os novos modos de aprender são desenvolvidos pelas crianças no convívio com as TIC fora da escola. Na atualidade, “as crianças aprendem cada vez mais por ensaio e erro, de modo lúdico, autônomo e colaborativo” (BELLONI, 2010; BELLONI; GOMES, 2008).

A Internet é uma ambiente muito atrativo para os jovens. De acordo com Belloni (2008), “[...]a Internet é uma telinha ainda mais fascinante do que a telinha da TV”. Por isso, destacamos a necessidade de conhecer “[...] os modos como os jovens se apropriam das TIC e as integram em seu cotidiano, como eles as representam e como percebem sua relações com elas.

Desse modo, destaca-se, conseqüentemente, importante aprofundar nosso olhar sobre as novas possibilidades de interação com a mídia diante de novas ferramentas que o avanço tecnológico possibilita, assim como, conhecer os desafios da escola, diante destes novos ambientes vividos pelos jovens.

## 2 INTERNET E AS NOVAS INTERAÇÕES COM A MÍDIA

### 2.1 Ferramentas da Web 2.0: novas possibilidades de interação com a mídia

O desafio da educação, com o progresso das tecnologias da comunicação e informação cresce a cada dia. O ensino, hoje, compartilha com a mídia a socialização de crianças e jovens. A comunicação, de um para todos, realizada antes com as limitações de monopólios de empresas, que detinham as informações e as divulgavam dotadas de cunho políticos-ideológicos, com interesses próprios, transformou-se em uma comunicação de todos para todos, com a chegada da Internet (LÉVY, 2003)

A circulação da informação instantânea, sem limites geográficos, sem distinção de interesses econômicos, culturais, políticos, globais, nacionais ou locais, trouxe novas possibilidades de relacionamentos, aprendizagens e comportamentos. A Internet democratizou a informação, viabilizou a produção de conteúdos próprios e a transmissão destes conteúdos sem fronteiras, para todo o mundo.

O progresso da Internet trouxe inovações para o internauta. De espectador ele se tornou produtor, com possibilidade de criar blogs, compartilhar fotos, criar fanpages ou páginas pessoais. São as ferramentas da Web 2.0 – Blogs, Wikis, Sites sociais - responsáveis por estas novas formas de interação, compartilhamento, relacionamento e compreensão de mundo.

Tim O'Reilly foi quem conceituou a Web 2.0 em uma postagem no seu blog e em um artigo intitulado: What is Web 2.0, em 2004. De acordo com O'Reilly (2004) a característica fundamental da Web 2.0 é a participação, de espectadores de sites estáticos os internautas passaram a protagonistas, gerando e interagindo conteúdos. A mudança significativa foi a atratividade, as ferramentas devem seduzir cada vez mais participantes, quanto melhores, mais serão utilizadas pelas pessoas.

A Web 2.0 é considerada a segunda geração de serviços online e refere-se a um “conjunto de novas estratégias mercadológicas a processos de comunicação mediados pelo computador, iniciando uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo” (PRIMO, 2007, p. 1-2). Este autor diz ainda que as repercussões sociais da Web 2.0 “potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática” (PRIMO, 2007, p. 1).

Já Ferreira e Bastos (2006 apud VANDRESEN, 2011) definem a Web 2.0 como

uma plataforma que comunica e partilha conteúdos e serviços, potenciando uma verdadeira arquitectura participada, onde os conteúdos, postados por

cada um de nós, encontram seu espaço na rede e obtêm a divulgação adequada. Representa um novo paradigma onde a colaboração ganha força suficiente para concorrer com os meios tradicionais de geração de conteúdo. [...] refere-se a uma suposta segunda geração de serviços da internet. (FERREIRA; BASTOS, 2006 apud VANDRESEN, 2011, p. 12659)

Assim, a segunda geração da Web se destaca pela estrutura integrada de funcionalidade e conteúdos, reforça o trabalho coletivo, propiciando com facilidade e agilidade as trocas de informações, tendo a informática como ponte para a construção do saber, diferente da primeira geração da Web, que trabalhava como unidades isoladas, com uma função estática e sem integração com os usuários.

A Web 2.0 trouxe novas possibilidades, e por elas os jovens estão migrando da mídia impressa para a Internet, ambiente que eles acreditam que podem se manter informados, além de se relacionarem com o grupo de amigos (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008). É neste cenário participativo que se encontram as redes sociais, ambientes que possibilitam novas maneiras de comunicação, de trocas de experiência e de compartilhamentos de conhecimento pelos jovens.

Antes de iniciar as questões específicas sobre redes sociais é necessário relatar as diferenças conceituais entre redes sociais, mídias sociais e mídias digitais. As redes sociais, de acordo com Primo (2007, p.5), são como um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relações sociais, como amizades, trabalho conjunto, ou intercâmbio de informações. Para Marteleto (2001, apud AZEVEDO, 2011, p.19), uma rede social refere-se a:

[...] um conjunto de pessoas (organizações ou entidades) conectadas por relacionamentos sociais, motivadas pela amizade, relação de trabalho ou troca de informação – uma representação formal de atores e suas relações. O fenômeno da conectividade é que constitui a dinâmica das redes e existe apenas na medida em que as conexões forem estabelecidas.

Já as mídias sociais são mais abrangentes e típicas da Web 2.0. Recuero e Brambilla (2011, p. 14), afirmam que as mídias sociais são um fenômeno complexo,

[...] que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares e as apropriações sociais que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas.

As autoras explicam que este é um momento de hiperconexão de redes, onde ficamos conectados, transcrevemos nossos grupos sociais, além de gerarmos novas formas de circulação, filtragem e transmissão de informações pelos suportes da web. No entanto, as raízes desse fenômeno estão situadas em ferramentas muito anteriores aos chamados sites de

rede social<sup>5</sup>, estão nas raízes da própria Internet. Um exemplo são os bate-papos, que já continham em si a ideia de participação, assim como os e-mails e fóruns e, posteriormente, os blogs e fotologs. De acordo com as autoras: “[...] a mudança está na horizontalização do processo de constituição da mídia que, ao contrário da chamada mídia de massa, distribuiu o poder de distribuição da mensagem” (RECUERO, 2011, p. 15).

Para Kaplan e Haenelin (2010 apud COSTA; FERREIRA, 2012, p.138), as mídias sociais são “um grupo de aplicações para Internet, construídas com base nos fundamentos ideológicos e tecnológicos da Web 2.0, e que permitem a criação e troca de conteúdos”. De acordo com os autores Costa e Ferreira (2012), as redes sociais na Internet são consideradas mídias sociais porque proporcionam trocas de informações, ideais e interesses. Já o termo mídias digitais designa qualquer meio de comunicação que utiliza a tecnologia digital, assim “toda rede social é uma mídia social que, por sua vez, também é uma mídia digital” (COSTA; FERREIRA, 2012, p. 138).

De acordo com Recuero (2011), as redes sociais tornaram-se a nova mídia, por onde a informação circula, é filtrada e retransmitida, são ambientes conectados à conversação, onde a informação é debatida, gerando possibilidades de novas formas de organização social baseada em interesses da coletividade. Recuero (2011, p. 15) afirma que os sites sociais: “[...] atingem novos potenciais com o advento de outras tecnologias, que aumentam a mobilidade do acesso às informações, como os celulares, tablets, smartphones e etc”. Assim, as redes sociais, pelos sites de redes sociais, começam a ser constituídas em fluxos informacionais, refletindo a era da conexão já citada aqui por Castells (2006).

O que presenciamos na atualidade é o aumento do uso da Internet no mundo inteiro, assim como o aumento de utilização as redes sociais. Segundo o IBGE<sup>6</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre 2005 e 2011, o crescimento do uso da internet foi de 143,8% (77 milhões de pessoas), número que chegou a cerca de 83 milhões de pessoas no fim de 2012. Cerca de 82 milhões de brasileiros com conexão à rede de computadores, correspondente à 90,8%, acessam as redes sociais, e gastam até 4,9 horas por mês nas redes sociais.

---

<sup>5</sup> Sites de Rede Social: são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet. Foram definidos por “Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator”. (RECUERO, 2009, p. 102)

<sup>6</sup> Dados do suplemento Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso pessoal do IBGE, divulgado neste ano, entre 2005 e 2011. O suplemento pode ser acessado no site: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>

O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) também mapeou o uso e hábitos na rede de crianças e adolescentes usuários da internet, dos nove aos 16 anos, em outubro de 2012. A pesquisa TIC Kids Online Brasil (2012) foi realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação, que adaptou o modelo da pesquisa europeia (EU Kids Online) à realidade brasileira. O resultado mostrou que 70% de crianças e adolescentes, nessa faixa etária, estão nas redes sociais, proporção que aumenta de acordo com a idade, chegando a 83%, aos 15 e 16 anos. Desses, mais da metade (53%) acessa seus perfis e redes diariamente.

Pesquisas acadêmicas recentes também confirmam o crescimento da utilização das redes sociais, principalmente do Facebook entre os jovens, e indicam também as potencialidades destas ferramentas para a educação (PATRÍCIO, GONÇALVES, 2010; JULIANI et al, 2012, PAIXÃO et al, 2012). Segundo Patrício e Gonçalves (2010, p. 593), a sociedade vive o auge das redes sociais:

Estamos a viver o auge das redes sociais, impulsionado pelo carácter social e pela ideia de partilha, aliado a um ambiente informal, atractivo e catalisador, contribuindo para que cada vez mais jovens adiram a este tipo de software social e, particularmente, à rede social Facebook.

Paixão et al (2012) discorrem sobre a utilização das redes sociais, mais especificamente sobre as potencialidades do Facebook do ensino superior de Matemática, e afirmam que a importância das redes sociais é indiscutível. De acordo com os dados do SocialBakers<sup>7</sup>, o Brasil é o segundo país ranking de usuários do Facebook no mundo e o primeiro em expansão, tendo crescido 22% nos três primeiros meses de 2012. De acordo com a mesma empresa, em abril, o Brasil chegou a 71 milhões de usuários ativos no Facebook, registrando neste único mês um aumento de 5% - 3,6 milhões de usuários.

O Facebook, de acordo com uma pesquisa realizada pela Hitwise<sup>8</sup>, divulgada em 28 de janeiro de 2013, diz que a rede teve 63,40% de participação de visitas em dezembro de 2012, sendo mais que o dobro da participação no mesmo mês em 2011, com 31,40%. O tempo médio de visitas nesta rede por brasileiros foi de 27 minutos e 36 segundos, em dezembro de 2012, enquanto no Youtube, os usuários ficaram 23 minutos e 12 segundos de navegação em média, ficando em segundo lugar. O Orkut, com 4,21% de participação, ficou em terceiro

---

<sup>7</sup> SocialBakers: empresa especializada em análise de mídia social, a **ferramenta** da Socialbakers elabora análises com base nas informações disponibilizadas pela rede social e atualizadas diariamente, mais informações no site: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/>

<sup>8</sup>Hitwise: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/01/facebook-foi-rede-social-mais-acessada-do-brasil-em-dezembro.html>

lugar do mesmo período em 2011, quando liderava o ranking. Em quarto lugar ficou o site Ask.fm, com 2,50%, seguido do Twitter, com 2,06%.

Por isso, dentre várias redes sociais existentes, a que nos interessa é o Facebook, por ser uma rede atual mais utilizada. Pelas características sociais, de utilização e fácil compartilhamento, o Facebook é uma rede social gratuita que atrai pessoas de todas as idades, mas é sucesso principalmente entre os jovens.

Criado em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg e por alguns colegas universitários de Harvard, o Facebook tinha o objetivo inicial de comunicação entre os alunos da Universidade de Harvard, com possibilidades de compartilhamento de informações acadêmicas, envio de mensagens e publicação de fotos (FERNANDES, 2011). Posteriormente a rede foi aberta a outras universidades e, em 2006, a rede social foi aberta a todos os internautas, período que houve uma grande expansão de usuários.

Hoje, qualquer cidadão pode participar da rede social, que oferece várias ferramentas e aplicações de comunicação e compartilhamento de informação, como fotos, vídeos, comentários, mensagens, integração com outros sites e celulares, aplicações de e-mail, RSS feeds<sup>9</sup>, além de oferecer segurança ao participante da rede, com a possibilidade de controlar quem pode ter acesso a informações específicas (EDUCAUSE, 2007).

O Facebook tem atraído jovens pelas possibilidades de interação com amigos, de participação de grupos de discussão, de aplicações e jogos, sendo um espaço de encontro, de compartilhamento de fotos, ideias, opiniões, etc. Além de ser um canal de comunicação é uma plataforma para pessoas que têm interesse em procurar, partilhar ou aprender determinado assunto. É uma ferramenta popular, fácil de usar e que permite a integração de diversos recursos, como já dito (RSS feeds, blogs, Twitter, entre outros). Há a possibilidade de criação de grupos, seja de trabalho ou estudo, com ferramentas que possuem potencialidade para ensino, como o envio e recepção de mensagens ou notícias sobre qualquer assunto, como o compartilhamento de websites educativos; a criação de enquetes; carregamentos de arquivos, com a permissão de adicionar textos que podem ser comentados; criação de eventos; compartilhamento de fotos e criação de álbuns; carregamentos de vídeos; além do bate-papo, que é uma comunicação em tempo real.

A plataforma do Facebook não permite mudanças de aspectos das páginas, no entanto, permite a criação de aplicações externas, que ao serem integradas começam a fazer parte das

---

<sup>9</sup> RSS Feeds: é padrão baseado na linguagem XML que informa os leitores sobre as novidades dos sites de seu interesse, sem ter que entrar no endereço do site para ter acesso às informações. É usado principalmente em sites de notícias e blogs.

funcionalidades de rede. Esta é uma característica da Web 2.0, de plataforma aberta, funcionando como uma ferramenta de divulgação de aplicações de terceiros. Assim, a crescente utilização pela geração atual desta mídia social, que aproxima relações, que facilita e agiliza a comunicação, que abre portas para a busca do conhecimento, motiva-nos a ter um olhar atento sobre como os jovens tem apreendido os conteúdos midiáticos online e se este momento os auxiliam na construção do conhecimento.

## 2.2 Utilização de mídias sociais pelos adolescentes

Apesar das possibilidades de utilização das ferramentas da Web 2.0 de produção, interação, comunicação em um ambiente social, de controle de informações do próprio internauta, os jovens tem se mobilizado nestes ambientes por campanhas que ganham espaço no universo midiático, mas que podem não transformar de fato a sociedade. Como exemplo, a campanha lançada por um usuário do Facebook, em maio de 2011, que criou um evento, chamado “Churrascão da gente diferenciada<sup>10</sup>”. O que culminou a ação foi a entrevista de uma moradora do bairro ao jornal Folha de S. Paulo<sup>11</sup>, que afirmou que não usa e não usaria metrô, que a construção acabaria com a tradição do bairro e que ao redor das estações de metrô existe uma “gente diferenciada”. Esta frase gerou várias discussões e motivos de piada nas redes sociais, além do churrasco no bairro, do qual o organizador pedia para levar cadeira de praia, cachaça, farofa e som portátil. Mais de 56 mil pessoas confirmaram presença no evento e o assunto foi um dos tópicos mais falados no microblog Twitter<sup>12</sup>.

Os jovens se mobilizaram em uma campanha nas redes sociais para que o governo de São Paulo construísse uma estação de metrô em um bairro nobre da cidade, mas o evento não transformou de fato a decisão do governo, que preferiu trocar de lugar a estação devido às reivindicações de empreendimentos e moradores do bairro. A campanha então mobilizou momentaneamente os jovens, a ação foi logo esquecida e substituída por outros assuntos nas redes sociais.

---

<sup>10</sup> Evento “Churrascão da gente diferenciada” criado pelo jovem Danilo Saraiva, de Ribeirão Preto, cidade localizada há 313 Km de São Paulo. A página no Facebook criada foi: <<http://www.facebook.com/events/114458621971272/>>

<sup>11</sup> Entrevista da moradora do bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo, está disponível no jornal Folha de S. Paulo Online: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/782354-moradores-de-higienopolis-em-sp-se-mobilizam-contr-a-estacao-de-metro.shtml>>

<sup>12</sup> Informações sobre o evento estão disponíveis na reportagem do jornal Folha de S. Paulo Online: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/914459-mudanca-do-metro-em-sp-cai-na-rede-e-internautas-marcam-churrasco.shtml>>

Em junho de 2013, manifestações contestando o aumento da tarifa do transporte público iniciaram no Brasil, principalmente, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e ganharam um forte apoio popular após repressões de policiais militares estaduais contra as passeatas. Os protestos foram narrados ao vivo nas e pelas redes sociais com vídeos, fotografias e mensagens funcionando como uma faísca para criar uma mobilização de grandes proporções em várias cidades do país. Mais de 2 milhões de pessoas participaram das manifestações levantando várias bandeiras ou hashtags<sup>13</sup>: #abaixoFifa, #nãoépelosR\$0,20, #passelivre, #maiseducação, #changebrasil, #contraoaumento, #vemprarua, #tarifazero, #indignação, #occupySP, #protestoSP.

Sobre o movimento algumas matérias de autores conhecidos foram publicados. Michel Maffesoli, para o jornal O Globo<sup>14</sup>, disse que o movimento é bom exemplo de sublevações pós-modernas que se desenvolvem em vários lugares, que se propaga como um fogo a partir de um pequeno pretexto, como o aumento da passagem de ônibus de R\$0,20, tendo as redes sociais como um fio condutor dos protestos.

Em entrevista para o Portal Terra<sup>15</sup>, Manuel Castells afirma que as redes pessoais são fundamentais para o nascimento desses movimentos, apontando a ausência de um líder formal nas iniciativas de protestos. O espaço público é ocupado para ser um movimento visível, não basta apenas criticar na internet, há a necessidade das pessoas participarem, mostrarem suas ideias e debater as demandas. Outro ponto importante discutido pelo sociólogo é a força das imagens, especialmente as que mostram a repressão sofridas pelos movimentos por parte das polícias, segundo ele, não só aqui no Brasil, mas também em manifestações de outros países, “as imagens indignantes divulgadas pela internet foram as detonadoras de todos esses movimentos”.

Uma pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência<sup>16</sup>, em junho de 2013, com o objetivo de levantar informações sobre o perfil dos participantes das atuais manifestações e suas motivação, ouviu 2002 manifestantes, em oito capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro,

---

<sup>13</sup> Hashtags: são palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", que designam o assunto o qual está se discutindo em tempo real no Twitter e também foi adicionado ao Facebook. As hashtags viram hiperlinks dentro de rede e indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, os usuários podem clicar nas hashtags ou buscá-las em mecanismos como o Google para ter acesso a todos que participaram da discussão (WIKIPEDIA, 2013). Para saber mais clique no link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>

<sup>14</sup><http://oglobo.globo.com/pais/michel-maffesolivejo-esses-movimentos-como-maios-de-68-pos-modernos-8786658>

<sup>15</sup><http://noticias.terra.com.br/mundo/nao-basta-apenas-criticar-na-internet-diz-sociologo-manuel-castells.ebf104ce0f03f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>

<sup>16</sup>Matéria pode ser acessada neste link: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/72-dos-internautas-estao-de-acordo-com-as-manifestacoes-publicas.aspx>. Para mais informações sobre a pesquisa: <http://especial.g1.globo.com/fantastico/pesquisa-de-opiniao-publica-sobre-os-manifestantes/>

Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Fortaleza, Salvador, Distrito Federal). Um dado importante que a pesquisa revelou é que 43% dos manifestantes têm de 14 a 24 anos e 52% deles são estudantes. Segundo a pesquisa, 62% dos manifestantes que participaram das passeatas do último dia 20 souberam do evento pelo Facebook e 77% deles se mobilizaram, ou seja, convocaram outras pessoas, por esta mesma rede social, mostrando que o engajamento de jovens nas redes sociais foi grande.

No final de 2013 os jovens começaram a organizar encontros pelas redes sociais em grupos, principalmente em shoppings da capital paulista e da Grande São Paulo, ficando conhecidos como “rolezinhos”. Os adolescentes que organizam os encontros dizem para uma entrevista ao Portal G1<sup>17</sup> que o evento não tem ligação com o funk, mas com a falta de opções de lazer. O primeiro encontro significativo ocorreu no dia 8 de dezembro de 2013, no Shopping Metrô Itaquera, em São Paulo, com a participação de aproximadamente seis mil adolescentes<sup>18</sup>. No início de 2014, os encontros continuaram e no dia 11 de janeiro o Shopping Metrô Itaquera voltou a ser o local de encontro de aproximadamente 400 adolescentes. O sociólogo Fred Lúcio, da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), disse ao G1 que os jovens que participam desses encontros têm uma demanda reprimida por lazer, diversão, cultura e uma capacidade muito forte de mobilização.

Segundo Viana (2014), a palavra “role” que dizer “passeio”, volta, assim o “rolezinho” nos shoppings é apenas uma extensão disso, um grupo que marca de se encontrar, de passear no shopping. Mas, eles se diferenciam dos “roles” comuns por aglomerar uma quantidade maior de pessoas, embora após sua popularização, o evento começou a ser realizado também por pequenos grupos, e geralmente organizado pela Internet, especialmente pelo Facebook.

Viana (2014) diz que a origem desse fenômeno remonta as manifestações de junho de 2013, quando foi evidenciada a força da população para pressionar o governo e agir de forma independente dos aparatos burocráticos. De acordo com Viana (2014, p. 6), um elemento das manifestações de junho que ajudam a entender os “rolezinhos” é o meio de comunicação principal para realizá-las: a Internet, especialmente o Facebook e a redes sociais. “Os “rolezinhos” são ações coletivas e espontâneas, cujo principal veículo de comunicação e aglutinação é a Internet, tal como nas manifestações de junho e onde se viu a possibilidade de

---

<sup>17</sup> Matéria sobre os rolezinhos pode ser acessada neste link: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>

<sup>18</sup> Dados são da matéria do portal G1: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>

sua concretização.” No entanto, de acordo com Viana (2014), os “rolezinhos” não têm objetivos transformadores, não há maior politização e nem reivindicações mais profundas, a não ser estar naquele espaço e naquele momento.

Diante desta realidade, muitas dúvidas são colocadas sobre o poder das redes sociais. Dentre elas, talvez umas das principais que se apresentam é se a escola tem problematizado as mudanças propiciadas pelas mídias ou pela internet e como isso tem sido feito. Fantin (2005) afirma que mesmo sendo natural ver os jovens em companhia de televisão, computador e internet, tais questões não são problematizadas na escola. No entanto, as novas gerações estão sendo educadas por produtos midiáticos, que circundam também processos culturais, sociais e educativos. É na escola que os jovens têm a possibilidade também de experimentar novas formas de ser e compreender o mundo. Nesse espaço surgem problemas relativos às políticas públicas, além de questões cognitivas, afetivas e sociais, como violência, disciplina, sexualidade.

É a partir destas possibilidades que surgem oportunidades para a escola aproveitar o sucesso da ferramenta e investir em um ensino contemporâneo, desenvolvendo atividades pelas redes sociais - ambientes atrativos, pelos quais os adolescentes gostam de interagir, colaborar e desenvolver competências.

Uma outra questão levantada nesse momento de avanço tecnológico é essa interação pela qual o espectador se transforma em usuário de serviços, que de acordo com Fantin (2010) traz uma inversão da lógica comunicativa, pela qual a

[...] centralidade das mídias é substituída pela centralidade dos sujeitos. São eles que se tornam protagonistas de um cenário social e cultural caracterizado por uma multiplicação de telas disponíveis e pela navegação de uma a outra dessas telas que são guiadas pelo interesse pessoal e pela necessidade do momento. Na sociedade multitela o zapping televisivo torna-se o zapping multimidiático: as mídias digitais não são mais mídias de massa, mas “personal mídia (FERRI, 2004 apud FANTIN, 2010, p. 91).

Diante dessa nova característica da sociedade informacional, Pretto e Pinto (2006, p. 21) observam também que a unificação dos meios leva o cidadão comum a ter uma sensação de estar integrado ao todo planeta somente porque sabe o que está acontecendo longe do seu próprio contexto de vida local, mas lembram de que a concentração e distribuição de imagens e informações introduz no cotidiano uma perspectiva consumidora de ser, com reflexos na educação e na cultura, trazendo uma perspectiva individualista de atuação social. De acordo com os autores:

As pessoas não estão *acostumadas* a atuar de forma colaborativa, e ainda impera a lógica da hierarquia vertical, com delegação plena de poderes a

representantes. Recorre-se sistematicamente à mediação da instância superior e, em instâncias como a da política, observa-se indiferença em relação às decisões e a seus efeitos sociais (PRETTO, PINTO, 2006, p. 21, grifo dos autores).

Assim, nessa era de convergência midiática, “a facilidade de emissão e a compulsão à propaganda de si mesmo fazem com que algo histórico se torne social e cultural” (LOPES, ZUIN, 2013, p. 636). Uma característica da sociedade atual é estar “aí”, ou seja, quem não aparece não é, e “de acordo com a premissas da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista”. (TÜRCKE, 2010; SIBILA, 2008 apud LOPES, ZUIN, 2013).

Pretto e Pinto (2006, p. 29) alertam também que a tecnologia é um instrumento de inclusão social que deve ser incorporado à cidadania, garantindo também o acesso à informação, barateando os custos dos meios de produção multimídia pelas novas ferramentas que ampliam o potencial crítico do cidadão. “Somos cidadãos e consumidores, emissores e receptores de saber e informação, seres ao mesmo tempo autônomos e conectados em redes, que são a nova forma de coletividade”.

Neste cenário, deve-se compreender que nesta relação dos adolescentes com a mídia é necessário considerar que a apropriação reflexiva deve superar as barreiras da espetacularização do eu, ou seja, é necessário identificar as imagens não apenas “como algo em si e por si, mas que se estabeleçam cada vez mais relações entre elas possibilitando, por conseguinte, o nascimento e amadurecimento de raciocínios críticos e problematizadores” (LOPES, 2013, p. 644). Assim, segundo o referido autor, deve-se entender que para o indivíduo ser visto e ouvido na atual sociedade é preciso que sua presença na mídia seja além de fetiches audiovisuais, mesmo sabendo que

[...] as iniciativas emancipadoras de uso dos novos meios de comunicação esbarram nos obstáculos da espetacularização do eu; isto é, em meio ao protesto, o indivíduo sucumbe à tentação midiática de se expor narcisicamente, desenfreando o espetáculo em detrimento do exercício da reflexão crítica (LOPES, 2013, p. 644).

Fantin (2011) também ressalta que as mediações escolares devem capacitar alunos a desenvolverem atitudes ativas que colaborem em um posicionamento mais crítico sobre o conteúdo que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham. Para a autora a escola tem a responsabilidade de mediar a aprendizagem dos alunos e colaborar no desenvolvimento de competências para compreender as mensagens midiáticas e também analisar o processo de produção de conteúdos de diferentes suportes. Portanto, é necessário identificar as intenções

que se desvelam das mídias e aquelas que estão implícitas, de acordo com o discurso já estabelecido pelos meios.

Neste ponto, com a preocupação da mídia e das mediações escolares encontra-se o campo teórico-prático da educação-comunicação, que reflete a interface entre educação e comunicação. No Brasil, estudiosos se dividem em perspectivas diferentes, de acordo com o campo de atuação, como abordado no capítulo seguinte.

### 3 CIDADANIA E MÍDIA-EDUCAÇÃO: NOVOS DESAFIOS DE EDUCAR

Diante de uma sociedade espetacular, com a presença constante da mídia, no cotidiano de adolescentes, percebe-se na internet um caminho que permite ao jovem uma posição de protagonista, sendo sujeito e condutor também de seu processo educativo. Com as redes sociais, o jovem tem a possibilidade de participar e atuar como parte da solução, enfrentando problemas reais da escola, da comunidade em que vive. Entretanto, ele só o fará se estiver preparado para isso e pronto a assumir o protagonismo diante das condições sociais. Conforme afirma Costa (2001, p.5 apud KLEIN, 2004, p. 12), o protagonismo juvenil é fundamental, porque é

[...] um método pedagógico que se baseia num conjunto de práticas e vivências, que tem como foco a criação de espaços e condições que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais (COSTA, 2001, p.5 apud KLEIN, 2004, p. 12).

Baleeiro (2004) ressalta que é importante o jovem ter a percepção sobre sua realidade e estabelecer relações, porque é uma oportunidade para ele se preparar para a cidadania. Schmidt (2006) aponta também a importância de interesses em analisar o jovem para balizá-lo como um caminho de mudanças para uma nova sociedade, já que conquistam direitos e tornam-se disponíveis como importantes objetos de saber e poder.

Neste sentido, é essencial lembrar que tanto a Constituição do Brasil quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996) afirmam que um dos objetivos da educação é a preparação para a cidadania, sendo essa noção inseparável da compreensão do que são direitos humanos, aqueles direitos fundamentais da pessoa humana:

Eles são ditos fundamentais porque é necessário reconhecê-los, protegê-los e promovê-los quando se pretende preservar a dignidade humana e oferecer possibilidades de desenvolvimento. Eles equivalem às necessidades humanas fundamentais (DALLARI, 2004, p. 25).

Os direitos de cidadania, constituídos pela ordem jurídica de um determinado Estado, englobam direitos individuais; políticos e sociais; econômicos e culturais; e devem ser reconhecidos e garantidos, pressupondo uma participação ativa dos cidadãos nos processos de decisão na esfera pública (BENEVIDES, 2004).

De acordo com Vasconcelos et al (2014), ser cidadão consistia em participar de movimentos sociais, assembleias públicas, engajar em um partido político, o exercício de direitos e deveres instituídos pelas legislações vigentes, e se realizar um paralelo com a

atualidade percebe-se que a visão de cidadania não mudou. Segundo o autor, o relatório da Unesco para o século XXI, descreve que a cidadania é uma prática que deve ser consciente e ativa e sua construção deve ser o principal anseio da educação. O documento diz também que a educação para a cidadania não pode ficar restrita aos espaços e tempos da educação formal; faz alusão às sociedades das informações, que acaba impondo aos sistemas educativos se adaptarem às novas dinâmicas e modos de socialização.

Mas o que entendemos por cidadania, palavra tão propagada e foco de inúmeros debates na educação, quando essa se apresenta como responsável por formação do cidadão?

Retomamos então o conceito de cidadania de Hannah Arendt (ALMEIDA, 2011; LAFER, 1997), como o “direito a ter direitos”, pois os direitos não são dados, mas construídos no âmbito de uma comunidade política. O direito à cidadania implica a possibilidade concreta de participação na vida social com poder de influência e de decisão. Preparar para a cidadania é, portanto:

[...] informar e despertar a consciência sobre o valor da pessoa humana, suas características essenciais, sua necessidade de convivência e a obrigação de respeitar a dignidade de todos os seres humanos [...] (DALLARI, 2004, p. 42).

A partir dessa ideia, da cidadania como prerrogativa política do direito a ter direitos, Arendt (1976) demonstrou a necessidade de ter um vínculo político jurídico em uma comunidade e criticou esta concepção na medida em que evidenciou a impossibilidade de uma real participação dos cidadãos na esfera pública. A ideia de cidadania da filósofa concretiza-se na capacidade do indivíduo agir e participar na vida pública, com uma atuação além da esfera jurídica. Assim, o direito a ter direito só poderá ocorrer no espaço público se motivado pela ação e participação de indivíduos, como agentes políticos, ou seja, cidadãos.

Assim, de acordo com Mellegari e Ramos (2011, p. 165), a cidadania compreendida como uma instância de direitos é esvaziada já que apenas “os bens eleitos de forma individual e segundo a defesa de direitos e interesse subjetivos serão o foco das ações dos cidadãos, sem nenhum atrelamento a qualquer virtude cívica a ser alcançada”. Segundo os autores, a função essencial da cidadania diante desses direitos passa a ser a defesa da Constituição, cujo objetivo específico é proteger e garantir tais direitos. Diante desse pensamento, Mellegari e Ramos (2011, p. 165), afirmam que

A cidadania assim entendida é considerada passiva, uma vez que o seu estatuto conceitual não está vinculado a nenhuma forma de participação política como bem constitutivo, já que ela representa apenas a garantia de que os direitos individuais não serão violados ou ameaçados por outros indivíduos e, sobretudo, pelo poder Estatal. Mas, segundo Arendt, esse ponto

de vista liberal, ainda que necessário e irrenunciável, é limitado e altamente desestimulante à ação política, sem a qual, a efetiva defesa dos direitos individuais, sobretudo, a liberdade corre o risco de soçobrar diante de práticas visivelmente autoritárias ou aparentemente democráticas.

Portanto, direito a ter direitos é uma construção da convivência coletiva que demanda acesso a um espaço público comum com a asserção dos direitos humanos.

Neste sentido, a escola pode contribuir para que o aluno seja um cidadão ativo. Almeida (2011) analisando a “A crise na educação”, de Hannah Arendt, afirma que:

A educação deve proporcionar crescimento e a superação de dificuldades, isto é, transformar o modo de se inserir no mundo e de lidar com as coisas, e não perpetuar o modo de vida da criança (ALMEIDA, 2011, p. 70).

Almeida (2011) destaca a visão de Arendt de que mesmo sendo testemunhas de atos incompreensíveis e sem perspectivas concretas de alguma mudança, não podemos abrir mão do mundo, já que é o único espaço que pode nos revelar inteiramente como pessoas. “Sem um mundo que vale a pena ser apresentado, não há educação (ALMEIDA, 2011, p. 230)”.

Tal preocupação de como apresentar o mundo ao aluno é para que ele encontre sentido nele e opte por construir novas histórias:

[...] podemos salientar a relevância da questão de como o mundo recebe os jovens por meio de suas instituições educacionais. A pergunta é se de fato os recebemos como potenciais renovadores de nosso mundo, ou se, de antemão, os tratamos como uma geração sem perspectivas (ALMEIDA, 2011, p. 232).

Neste cenário, a mídia divide hoje com a escola formas de socialização e participam como ambientes importantes de práticas socioculturais na construção de significados da nossa compreensão e relação com o mundo, sendo um desafio para a escola realizar uma educação que faça sentido a esta nova geração.

Pesquisas demonstram que a apropriação crítica do discurso midiático em atividades educacionais não é uma prática concretizada. Fantin (2011) afirma que a demanda da sociedade não é a mesma da escola e que, mesmo crianças e jovens crescendo em contato com os vários tipos de mídia, a prática e utilização delas ainda não são suficientemente problematizadas na escola. Fantin (2011, p. 28) afirma:

Sabemos que as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo. E apesar das mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, as mediações pedagógicas visam capacitar crianças e professores para uma recepção ativa e a uma produção responsável que auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham, visto que a precariedade da

reflexão sobre linguagens, conteúdos, meios e interesses econômicos impede uma compreensão mais rica.

Assim, é essencial que os conteúdos midiáticos sejam abordados pela escola com objetivos mais específicos, apoiando alunos e professores na construção de um conhecimento mais ativo e crítico, já que a mídia não tem essa finalidade.

Sobre as mediações escolares, o campo da educação-comunicação tem se preocupado e se configurado como um espaço teórico-prático muito rico, já que a comunicação é essencial para educação, pois toda prática educativa é uma prática comunicativa (FREIRE, 1996). A comunicação faz parte da educação, assim como assuntos relacionados à sociedade interessam às questões educacionais. Conforme afirma Fantin (2011, p 28), “[...] tudo pode ser objeto de ensino-aprendizagem, nenhum tema pode ser alheio às interações sociais que fazem parte da comunicação e de seus processos simbólicos e práticos presentes na sociedade”.

Aproximar os meios de comunicação e educação não é assunto novo na educação brasileira. O estado da arte realizado por Vermelho e Abreu (2005) identificou 1.599 artigos sobre educação e comunicação em periódicos brasileiros entre 1982 e 2002, demonstrando que o tema está ganhando cada vez mais espaço, sendo estudado tanto quanto assuntos mais tradicionais na educação como formação do professor, alfabetização, gestão escolar, dificuldades de aprendizagem, entre outros (SIQUEIRA E CERIGATO, 2012). O diálogo entre estas duas áreas aponta caminhos de renovação das práticas sociais e ampliações de condições para crianças e jovens se engajarem em seu próprio processo formativo.

Deste modo, é interessante refletir a interface destes dois campos – comunicação e educação – investidos de competências para tratar diversos temas do mundo físico e social, conforme afirma Fantin (2011, p.28):

Considerando a crescente eliminação de fronteiras e seus necessários deslocamentos no campo das ciências humanas, a autonomia, os limites e as especificações de cada campo tornam-se cada vez mais relativos. No entanto, não podemos esquecer que certas questões desse campo envolvem especificidades, pois as lógicas do sistema educacional são diferentes das do sistema comunicacional, havendo tensões, conflitos, resistências, riscos e equívocos na construção desse caminho.

Alguns dos termos utilizados para caracterizar esta área interdisciplinar do conhecimento são - mídia-educação, leitura crítica dos meios, educomunicação, educação para a mídia e *media literacy* – que visa desenvolver formas de ensinar e aprender aspectos relevantes da inserção dos meios de comunicação na sociedade. O termo mídia-educação é apresentado mesmo sem um consenso quanto ao seu uso e significado.

Zancheta Jr. (2007, 2009, 2011), diz que na escola ainda prevalece a ideia de manipulação das mídias e o uso delas como apoio didático; que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) são vagos e que os livros didáticos privilegiam a linguagem do impresso. O autor defende a politização do campo que envolve a Comunicação e Educação, a partir do trabalho pedagógico; para ele, a mídia e a Educomunicação ajudam a descaracterizar os traços institucionais da escola atual, pois o prestígio das linguagens midiáticas não pode ser desprezados pela escola. Zancheta Jr (2007, 2009, 2011) problematiza a Educomunicação, sugerindo uma perspectiva escolar para a formação midiática e revela a preocupação sobre a inexistência de organismos públicos interessados na relação Comunicação e Educação.

Soares (2011), do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP (Universidade de São Paulo), defende a Educomunicação, campo teórico que trabalha a formação do senso crítico do indivíduo nas relações entre a escola e a mídia. De acordo com Soares (2011), esta perspectiva pode ser compreendida como um conjunto de ações que possibilita educadores e alunos um gerenciamento de processos comunicativos, dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. O autor inclui além da comunicação interpessoal, atividades relacionadas ao uso de recursos no ensino-aprendizagem, contato com os meios de comunicação de massa e seu tratamento, definindo a Educomunicação como a preocupação formal com a mídia, tanto para analisá-la quanto para utilizá-la como recurso para garantir a melhoria da educação.

A mídia-educação é conceituada por Belloni (2001, p.46, grifo da autora) como

[...] um novo campo de saber e de intervenção, que vem se desenvolvendo no mundo inteiro, desde os anos de 1970, em reuniões de especialistas da UNESCO, já incluem a idéia de que a *mídia-educação é condição sine qua non para a educação para a cidadania*, sendo por isso um meio de democratização das oportunidades educacionais e do acesso ao saber e de compensação das desigualdades sociais (BELLONI, 1991 e 1995). Considero esta perspectiva – mídia-educação como instrumento de construção da cidadania – como essencial para o desenvolvimento de práticas educacionais democratizadoras, inclusive uma formação de professores mais atualizada e em acordo com as aspirações e modos de ser e de aprender das novas gerações.

A ideia de que não pode haver cidadania sem apropriação crítica é resultado de muitas discussões ao longo da história da formação do conceito de mídia-educação, apresentadas por Bévort e Belloni (2009). As principais dificuldades, segundo as autoras, que impedem o avanço nas investigações conceituais sobre mídia-educação são: falta de preocupação em formar jovens para a apropriação crítica e criativa das tecnologias de informação e comunicação, indefinição de políticas públicas e de recursos para ações e pesquisas,

confusões conceituais, práticas inadequadas e receitas prontas para a sala de aula, influência de abordagens baseadas nos efeitos nocivos da mídia e integração das TIC à escola com caráter instrumental.

O pesquisador italiano Pier Cesare Rivoltella abrange a mídia-educação em três dimensões, como *campo de conhecimento interdisciplinar* na interseção entre as Ciências da Educação (Didática em particular) e as Ciências da Comunicação (principalmente a Sociologia da Comunicação e a Semiótica), delineando-se também como possível *disciplina*; e como *prática social*. Assim, Rivoltella diz que em um contexto escolar e extraescolar,

[...] qualquer intervenção mídia-educativa não pode prescindir de nenhum destes dois aspectos: estão sempre em jogo uma práxis, uma atividade e uma reflexão teórica que guia e sustenta essa práxis em um contexto escolar e extraescolar (RIVOLTELLA, 1997, p. 13).

De acordo com o pesquisador, o atual cenário da mídia e sociedade afeta a educação em três sentidos: do ponto de vista alfabético (sendo as mídias protagonistas da interação social e da transmissão da cultura, a educação não pode deixar de trabalhar sua linguagem, assegurando seu conhecimento e uso); do ponto de vista metodológico (sendo as mídias um novo habitat cultura, a educação não pode ignorar esse aspecto limitando-se às mediações tradicionais); e por último, o ponto de vista crítico (além de saber usar a mídia, é necessário uma consciência reflexiva e responsável de que ela não é somente suporte tecnológico, mas também cultura).

Assim, uma abordagem mais ampla de mídia-educação pode ser entendida a partir de três perspectivas: educar *sobre/ para* os meios (perspectiva crítica), *com* os meios (perspectiva instrumental) e *através* dos meios (perspectiva expressivo produtiva). A abordagem da mídia-educação é também de Fantin (2005), coordenadora do Grupo de Pesquisa “Núcleo Infância, Comunicação e Arte” da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para Fantin (2005), educar para a mídia se situa em um contexto crítico, em que a produção midiática é ideológica, cabe ao receptor “compreender, interpretar e avaliar” o conteúdo. Já a educação com a mídia significa tê-la como instrumento didático-pedagógico, superando as ferramentas tradicionais.

Neste contexto, as mídias funcionam como recurso numa pedagogia instrumental que considera o ensino-aprendizagem através de uma perspectiva construtivista que permite produzir consciência colaborativa no trabalho coletivo, tendo como pano de fundo, um enfoque psico-social que reflete sobre a relação entre as mídias e os fenômenos sociais (FANTIN, 2005, p.11).

Deste modo, educar pelas mídias remete à produção de material utilizando a linguagem midiática. “Tal perspectiva insere-se numa pedagogia funcional com concepção alfabética e expressiva, objetivando a interação dos sujeitos com as mídias e promovendo o conhecimento criativo de suas linguagens” (FANTIN, 2005, p.11). Fantin (2005, p.3) orienta deixar claro nas mediações escolares que as mídias “não são ferramentas neutras e sim meios que produzem significados”.

Ou seja, fazer a análise crítica pressupõe conhecer o processo de produção midiática nos diferentes suportes para compreender de que forma a linguagem dos meios contribuiu para a geração de sentido daquilo que foi divulgado. Por trás daquilo que se revela visualmente nos mais diversos meios, estão implícitas intenções que foram construídas a partir de um discurso já estabelecido. O caminho é identificar para poder absorver, de forma reflexiva, o que está por trás.

Fantin (2011, p.30) diz que experiências comprovam que além de ensinar com, sobre e pelos meios, é possível formar “espectadores/autores/produtores críticos que negociam os significados, que constroem conhecimento e interagem de diversas formas com os objetos da cultura”.

Educar para a mídia é um caminho para gerar oportunidades e abrir portas para a construção do saber e práticas cidadãs para jovens em idade escolar. E, mesmo sabendo que as lógicas do sistema educacional são diferentes das do sistema comunicacional, havendo tensões, conflitos, resistências, riscos e equívocos na construção desse caminho, a mídia-educação pode contribuir para formação de adolescentes.

Nesta perspectiva, unir os atrativos das ferramentas da Web 2.0 com os objetivos da mídia-educação, pode colaborar para a “escola ser um ponto de virada importante na transformação cultural e desenvolver uma função diferente de seu papel em relação às mídias”, além de assumir outra “disponibilidade para com a cultura da comunicação explorando formas e conteúdos que ainda são vistos apenas como entretenimento” (FANTIN, 2012, p.38). Já a escola necessita pensar na potencialidade das mídias a seu favor, já que elas além de assegurarem formas de socialização e transmissão de símbolos, participam também como elementos importantes da nossa prática social e cultural na construção de nossa compreensão do mundo (FANTIN, 2005).

Pischetola (2013, p.387) diz que o maior desafio da escola hoje é utilizar “mídia e tecnologia de forma inteligente e eficiente na produção do conhecimento, não só utilizando a tecnologia como uma ferramenta a mais, mas gerando processos de aprendizagem efetivos”. De acordo com a autora, utilizar os meios de comunicação pode ser um apoio fundamental

para promover a inclusão social, visando a “recuperação dos direitos humanos, sociais e políticos dos cidadãos, incluindo a consciência do seu direito a participar e a se expressar” (PISCHETOLA, 2013, p. 400). No entanto, Pischetola (2013, p. 400) alerta também sobre a necessidade de “ações concretas e bem planejadas, por mais simples que sejam”, já que a criação de um espaço de discussão pelo uso criativo e crítico da mídia pode prever uma participação ativa dos alunos.

Deste modo, o papel central da mídia na vida das pessoas, em especial dos jovens em idade escolar, reforça a necessidade de pesquisas integradas entre os campos de educação e comunicação. É neste pensamento que surgiu a problemática deste trabalho, de pesquisar as representações de adolescentes sobre a função da mídia, em especial a mídia social Facebook na construção do conceito de cidadania que eles possuem.

#### **4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES SOBRE MÍDIA E CIDADANIA**

A Internet é um meio que circula informações (vídeos, fotos, textos, áudios) a todo instante. O excesso de mensagens evidencia um espaço vasto de conteúdo, porém de conhecimentos dispersos e de iniciativas espetaculares. A realidade acaba sendo mostrada sob um olhar falsificado de mecanismos bem estruturados de uma sociedade espetacular, que demonstra a força da imagem manifestando uma inversão do mundo, criando uma falsa realidade da vida e afirmando-a como uma aparência, como já falado em capítulos anteriores.

O perigo do espetáculo para a sociedade é o poder que ele tem de se organizar com muita habilidade, ressaltando e repetindo acontecimentos sem valores. Com uma avalanche de informações a todo tempo não fornece tempo para o indivíduo refletir, e assim, segue com sua intenção de construir a ignorância, de não estimular a reflexão, e sim gerar uma confusão de que quantidade de informação é conhecimento. Como afirma o intelectual, “[...] o espetáculo organiza com maestria a ignorância do que acontece e, logo de seguida, o esquecimento daquilo que pode apesar de tudo tornar-se conhecido. O mais importante é o mais escondido” (DEBORD, 1997, p. 17).

No entanto, diante das redes sociais, os jovens tem a possibilidade de atuarem como protagonistas e caminharem para a construção mais consciente de cidadania, com o apoio, principalmente, da mídia-educação. Percorrendo este caminho entre o avanço dos espaços ocupados pela mídia, sua presença constante e natural na vida dos jovens e a importância de formar jovens, cidadãos críticos dessa sociedade mediada por imagens e imagens espetaculares, partimos do pressuposto de que é necessário nos aproximarmos do olhar desses jovens, em especial dos adolescentes.

Para compreender esta realidade, apoiamos-nos nos fundamentos do campo das representações sociais (MOSCOVICI, 2001) que permite compreender como os indivíduos se percebem em suas relações diante da sociedade. Trata-se da percepção que possuem sobre a realidade, ações e informações que reuniram ao longo do tempo, transformando-a em um senso comum e em um saber de natureza prático.

Jodelet conceitua representação social como:

Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural essa forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este devido à sua importância na vida social e à

elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (2001, p. 22)

Em complemento, Abric a define como:

Uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo de se adaptar e de encontrar um lugar nesta realidade. (1998, p. 28)

A teoria das representações sociais, a partir dos estudos de Serge Moscovici, originou-se do conceito de representação coletiva de Durkheim (1968)<sup>19</sup>. No entanto, para Moscovici (2001) as representações sociais são dinâmicas e heterogêneas, ocorrendo um encontro entre o social e o individual, diferentemente de Durkheim, que realiza uma associação de representações coletivas às representações homogêneas e compartilhadas pela sociedade.

Moscovici (2003) estrutura dois processos de formação das representações sociais, a objetivação e a ancoragem. De acordo com Jodelet (2001), a objetivação, processo já trabalhado por vários autores, é constituído por três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização. As duas primeiras revelam o efeito da comunicação e de questões pertinentes ao social do sujeito. A naturalização é a forma generalizada de conceitos utilizados como proposições e que refletem a realidade. Sobre o processo, Moscovici nos diz que

A objetivação une uma ideia de não-familiaridade com a realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível. (2003, p.71)

A objetivação é definida como uma concretização do abstrato, da qual o sujeito constrói percepções pelo senso comum como coisas concretas. Origina-se então uma visão natural, socialmente aceita, que é sempre reproduzida, com intuito de delimitar aqueles aspectos que não aparecem na realidade. Assim, a objetivação permite um grupo compartilhar melhor a realidade em que vive (ABRIC, 1998; MOSCOVICI, 2001, 2003).

A ancoragem constitui-se de uma trama de significações em torno do objeto, que permite posicioná-lo e relacioná-lo com os valores sociais, dando-lhe sentido. Este processo possibilita a inclusão de um conhecimento novo e estranho a um conjunto de conhecimento já constituído e familiar. Moscovici diz que:

---

<sup>4</sup> Moscovici aponta que “em Durkheim, a representação designa, prioritariamente, uma ampla classe de formas mentais (ciências, religiões, mitos, espaço, tempo), de opiniões e saberes sem distinção. A noção é equivalente à de ideia ou à de sistema, não estando suas características cognitivas especificadas” (2001, p. 47).

Ancorar é, pois, classificar, e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. (2003, p.61-62).

Jodelet (2001, p. 39) ressalta a importância da ancoragem por entrar em um sistema de “acolhimento nocional, um já pensado”. Este processo confere também um valor funcional para a interpretação e permite a continuidade da objetivação.

De acordo com Moscovici (2003), as representações sociais são originadas e desenvolvidas nas conjecturas da subjetividade do sujeito e da necessidade de tornar familiar aquilo que parece estranho. Assim, é atribuído um significado sobre a sua realidade social e, a partir daí, convenciona-se os objetos de modo que possam ser classificados. Para tal autor,

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. (MOSCOVICI, 2003, p. 58)

Segundo Arruda (2002), há três linhas de abordagem das representações sociais: a Teoria do Núcleo Central, desenvolvida por Jean Claude Abric, Claude Flament e outros autores, também conhecidos por Grupo de Midi (mediterrâneo e sul da França), a partir de pesquisas experimentais sobre representações sociais (Sá, 2006); a Escola de Genebra, conduzida por Wilian Doise, cujo foco está nos processos de ancoragem, e a dimensional (ou processual, genética ou dinâmica), representada por Denise Jodelet, que tem como a principal preocupação a gênese das representações, seus processos de construção e seus elementos constituintes, à qual este trabalho pertence.

De acordo com Arruda (2002, p. 140), a forma de abordagem das representações sociais é denominada dimensional “por abarcar as dimensões da representação – seu campo estruturado, a atitude que ela carrega e que lhe dá uma coloração afetiva, e o componente de informação que ela contém”. Essa abordagem também é chamada processual, genética ou dinâmica porque se preocupa essencialmente com a construção da representação, sua gênese, seus processos de elaboração, além de trabalhar com os aspectos constituintes da representação (informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos etc) (ARRUDA, 2001; JODELET, 2001). Assim, o estudo é complementado pela

“busca do princípio que estrutura esse campo como um sistema, seus organizadores socioculturais, atitudes, modelos normativos ou esquemas cognitivos. A coleta de material para este tipo de enfoque geralmente é feita com metodologias múltiplas, que podem ser entrevistas, questionários,

observações, pesquisa documental e tratamento de textos escritos ou imagéticos. Sua abrangência tenta capturar os diversos momentos e movimentos da elaboração da representação, embora dificilmente se possa abarcar todos eles em uma única pesquisa” (ARRUDA, 2002, p. 40).

Sobre a teoria, Jodelet (2002) explica que toda representação é originada por um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto, dessa forma, toda representação é representação de alguém e de alguma coisa. De acordo com Arruda (2002), as condições de produção da representação consideram a marca social das representações, assim como seu estatuto epistemológico marca a sua função simbólica, e os processos e estados, o seu caráter prático. Dessa forma, Arruda (2002, p.142) explica que a representação social ao ser produção simbólica “destinada a compreender e balizar o mundo, ela provém de um sujeito ativo e criativo, e tem um caráter cognitivo e autônomo” configurando a construção da realidade. Ou seja, a ação e a comunicação são o berço da representação: delas provém e a elas retorna a representação social.

Segundo Arruda (2002), esse trabalho assume a perspectiva processual porque se preocupa com a construção da representação, sua gênese, seus processos de elaboração e, de acordo Jodelet (2002, p. 38), tal abordagem trabalha com os aspectos “constituente da representação – informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos”.

Portanto, devemos considerar que há uma relação entre o sujeito e as mídias. Quando ocorre essa interação entre o sujeito e uma informação, este pode mobilizar suas representações para interpretá-las, determinando condutas diferentes diante de mensagens e de suas relações com a mídia. Conforme Jodelet (2001) explica, a mídia abre caminhos para influências nas mentalidades, comportamentos e atitudes. Para a autora, “as instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho a processos de influência e até mesmo de manipulação social”. (JODELET, 2001, p. 21)

Devemos considerar que as informações divulgadas pela mídia não apresentam neutralidade, mas abordam uma interpretação de elementos sociais. Para Serra e Santos (2003, p. 70):

Palavras, textos e imagens constituem uma intrincada rede de relações que imbricam história e tecnologia num domínio específico que produz poder. O discurso científico funciona mediante regras preestabelecidas em determinadas condições de produção e é, assim, representação de poder e de controle social. O discurso midiático se transveste como síntese desses discursos científicos, mas apenas generalizante os reelabora de forma descontextualizada e destituída de sua identidade.

Jodelet (2001, p.30) explicita que “[...] a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento sociais.” Portanto, os produtos midiáticos são compostos por elaborações sociais sobre determinado objeto na medida que também contribuem em seu processo de construção.

Assim, entendemos que o uso da Teoria das Representações Sociais será importante porque permitirá compreender melhor como o jovem pensa, além de apontar caminhos de como relacionar mídia, cidadania e escola na formação dos adolescentes numa sociedade midiática e cada vez mais de consumo.

Conhecer as representações sociais de adolescentes sobre a função da mídia na constituição do conceito de cidadania possibilitará nos aproximar da realidade deles, observar as especificidades do grupo, seus comportamentos e práticas, que podem num futuro, nortear ações de intervenção na escola que permitam uma formação crítica dos adolescentes inseridos na sociedade permeada de mensagens midiáticas.

Com os jovens vivendo em uma sociedade do espetáculo e com a presença marcante das redes sociais, surgem possibilidades deles desempenharem um papel de protagonistas, agindo como cidadãos críticos e ativos diante da mídia. Desse modo, entendemos que é necessário nos aproximar das representações sociais destes jovens sobre a função da mídia na construção do conceito de cidadania, além de apontar caminhos e abrir oportunidades para discussão de cidadania. Assim, apresentamos a seguir os objetivos do trabalho.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 Objetivo geral**

- Identificar e analisar a representação social de adolescentes matriculados na Escola Estadual Tannel Abbud, do ensino médio do município de Presidente Prudente (SP), sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que eles possuem.

### **5.2 Objetivos específicos**

- Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano;
- Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais nas salas de aula dos adolescentes pesquisados;
- Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook;
- Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania;

## **6 METODOLOGIA**

De acordo com os objetivos especificados, esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986), com delineamento descritivo-explicativo, assumindo o caráter de estudo de levantamento (Survey). De acordo com Minayo e Sanches (1993, p. 247), a pesquisa qualitativa é apropriada porque permite aprofundar a “complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente”. Gil (1994) também esclarece que o delineamento descritivo-explicativo visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, além de estabelecer relação entre as variáveis.

A opção pelo caráter de estudo de levantamento (Survey) justifica-se por desempenhar um importante papel em pesquisas que há recortes quantitativos, que tratam de um problema que pretende descrever a situação atual de um determinado local, além de buscar medir opiniões, atitudes, preferências e comportamentos de um determinado grupo de pessoas (LAKATOS e MARCONI, 2001).

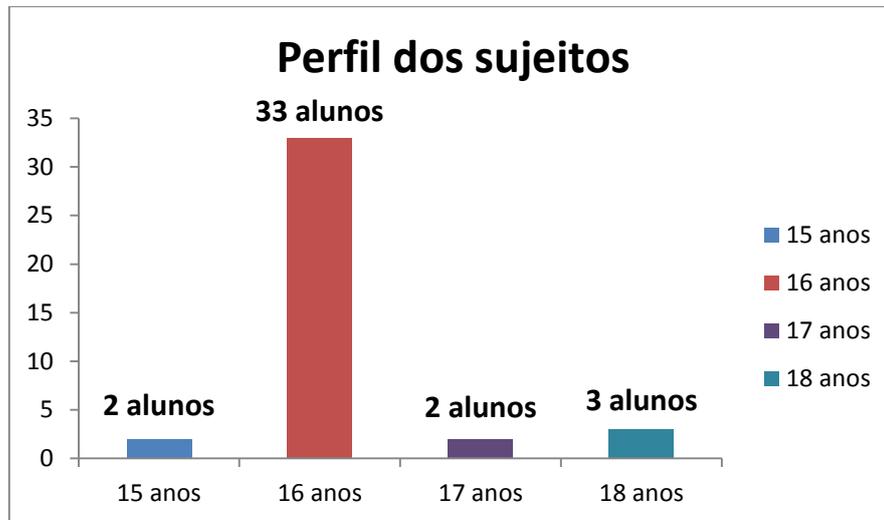
A pesquisa compreende duas fases de coleta de dados delineadas a seguir.

### **6.1 Primeira Fase**

#### **6.1.1 Sujeitos da pesquisa**

Foi selecionada a Escola Estadual Tanel Abbud, de Presidente Prudente, para realizar a investigação junto a alunos do segundo ano do ensino médio. A pesquisa foi aberta a todos os alunos, do período matutino e diurno, totalizando 40 sujeitos que retornaram com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – (Apêndice C) assinado pelos responsáveis. A investigação foi somente com alunos do segundo ano do Ensino Médio pois consideramos que os alunos de primeiro ano não estariam totalmente envolvidos na escola. Da mesma maneira, consideramos que os alunos do 3º ano, último ano do ensino médio, estariam absorvidos com a continuidade dos estudos ou voltados para a inserção no mercado de trabalho, podendo interferir nos resultados do instrumento de pesquisa.

Participaram da pesquisa 23 alunos do período matutino e 17 do período noturno. O perfil dos alunos da pesquisa mostra que eles possuem de 15 a 18 anos, no entanto, a maioria, 33 alunos têm 16 anos de idade, dois alunos têm 15, dois alunos possuem 17, e três têm 18 anos de idade (Gráfico 1).

**Gráfico 1:** Perfil dos sujeitos

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

### 6.1.2 Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa visou analisar as representações sociais de adolescentes sobre a função da mídia, especialmente sobre o Facebook, na construção do conceito de cidadania que eles possuem. Dessa maneira, foi realizado um questionário online, com perguntas abertas e fechadas (Apêndice A), alinhado com todos os objetivos da pesquisa (Apêndice B).

### 6.1.3 Procedimento de coleta de dados

A pesquisa contemplou a Escola Estadual Tannel Abudd, sendo uma das escolas indicadas pela Diretoria de Ensino de Presidente Prudente por possuir um laboratório de informática bem estruturado para realizar o questionário online. Solicitamos autorização ao diretor da escola que permitiu a realização da pesquisa de imediato (Apêndice D).

Logo após a autorização da Diretoria de Ensino e da escola foi solicitado autorização da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, de Presidente Prudente, sendo aprovado com o parecer de número 387.976, no dia 06 de setembro de 2013 (Apêndice E).

A coordenação pedagógica da escola contribuiu selecionando as datas possíveis para aplicação do questionário e liberação dos alunos. Os participantes autorizados pelos responsáveis foram chamados, por sala, separadamente para se dirigir até o laboratório de

informática, onde podiam entrar no link do questionário, que foi desenvolvido no *Google Drive*<sup>20</sup>.

#### **6.1.4 Procedimento de análise de dados**

A análise dos dados obtidos por meio das questões abertas foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), visando “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38). Esta técnica permite que o procedimento de análise seja, além de descritivo, um procedimento que relaciona o dado com uma teoria:

Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após um tratamento inicial) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a essas características) é a última, a inferência é o processo intermediário que vai permitir a passagem, explícita e controlada, da descrição à interpretação (FRANCO, 2003, p. 25).

Além disso, este procedimento de pesquisa aponta a

Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que estabelece entre linguagem, pensamento e ação. (FRANCO, 2003, p.14)

Para preservar a identidade dos participantes, utilizamos códigos para nomeá-los, ficando a definição de A. referente a aluno. Além disso, os textos dos participantes serão mantidos na forma original, inclusive com erros ortográficos e gramaticais.

## **6.2 Segunda Fase**

A segunda fase da pesquisa foi composta por uma entrevista semidirigida. Nesse momento, o objetivo era de se aproximar um pouco mais dos adolescentes para aprofundar os dados sobre as representações sociais dos adolescentes sobre a mídia, especialmente sobre o Facebook, na construção do conceito de cidadania que eles possuem. A seguir estão as etapas constituintes dessa fase do estudo.

---

<sup>20</sup> Google Drive é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos da Google, abrigando os arquivos do Google Docs com um leque de aplicações de produtividade e oferecendo a edição de documentos, folhas de cálculo, questionário online, apresentações, entre outros.

### **6.2.1 Informantes da pesquisa**

Como informantes da pesquisa temos um total de dez alunos, sendo cinco que estudam no período diurno e cinco que estudam no período noturno. Os alunos dessa segunda fase da pesquisa participaram da primeira fase de pesquisa e a seleção foi aleatória, ou seja, a entrevista foi realizada com cinco alunos presentes em sala de aula no dia que foi realizada a coleta de dados.

### **6.2.2 Instrumento e procedimentos de coleta de dados**

Nessa etapa realizamos uma entrevista semidirigida com dois grupos de cinco alunos cada, com duração de uma hora por grupo. Nesse tipo de procedimento não há um roteiro fechado por se basear na fala do entrevistado, no entanto “os objetivos da entrevista devem ser claros assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-lo melhor” (SZYMANSKI, 2004, p. 18-19). Como o objetivo dessa fase foi de aprofundar a coleta de dados, as questões da entrevista semidirigida foi realizada com as mesmas da primeira fase da pesquisa.

Antes de iniciarmos a entrevista, apresentamos o vídeo intitulado “Pense a Copa”, sobre a Copa do Mundo no Brasil nesse ano, desenvolvido pelos alunos da Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente, da Universidade do Oeste Paulista, como uma estratégia motivacional visando se aproximar da temática e mobilizar os alunos a participar do debate. O vídeo reúne os principais fatos que foram divulgados pela mídia antes do evento ocorrer no país. Após a apresentação do vídeo, iniciamos a entrevista e houve manifestação de todo o grupo, com participação maior de alguns alunos específicos.

No apêndice F, temos o quadro norteador da entrevista.

### **6.2.3 Procedimento de análise dos dados**

Para análise dos dados da entrevista selecionamos como técnica de apreciação dos dados a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), técnica utilizada na primeira fase da pesquisa para levantar as categorias relevantes na fala dos adolescentes. Na entrevista preservamos a identidade dos alunos participantes da pesquisa, utilizando também códigos para nomeá-los, sendo A. de aluno e o número (1 ao 10) ao aluno entrevistado.

A proposta foi separar os informantes da pesquisa em duas turmas com períodos diferentes porque em uma análise preliminar acreditava-se que haveria uma diferença de linguagem e, portanto de conteúdo, no entanto, durante a análise percebemos que não havia diferença de

posicionamentos, por isso foi realizada a análise das duas turmas juntas. Optamos também por analisar as fases separadamente e por fim juntas.

O objetivo foi aprofundar a análise dos dados da segunda fase da pesquisa aos resultados obtidos na primeira fase para se aproximar da realidade pesquisada e do objetivo geral da pesquisa.

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS**

### **7.1 Resultados obtidos e discussão do questionário**

A análise dos dados obtidos pelo questionário será apresentada de acordo com os indicadores que nortearam o questionário aplicado, determinados pelos objetivos específicos da pesquisa:

- Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano;
- Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais nas salas de aula dos adolescentes pesquisados;
- Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook;
- Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania.

#### **7.1.1 Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano**

O primeiro objetivo foi identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes. Ao perguntar se o grupo acessa as redes sociais, todos responderam que sim. Dentre os 40 sujeitos participantes da pesquisa, 13 ficam conectados uma hora por dia nas redes sociais, 14 ficam de duas a três horas, e 13 ficam mais de quatro horas por dia conectados.

Foi constatado que 25 alunos adolescentes acessam as redes sociais de casa e 14 alunos acessam pelo celular. O acesso de *lanhouses* foi inexistente, e houve apenas uma resposta dizendo que acessa as redes sociais na escola. Esses dados demonstram que os adolescentes convivem com as TIC fora da escola, conforme apontam (BELLONI, 2010;

BELLONI; GOMES, 2008), desenvolvendo novos modos de aprender de modo lúdico, autônomo e colaborativo.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil (2012) confirma que o domicílio destaca-se como o principal local de acesso à Internet no Brasil (60%). No entanto, ao analisarem os diferentes locais de acesso, dentro e fora do domicílio, verificou-se que a escola ocupa o primeiro lugar (42%), seguida pelo espaço comum do domicílio (40%), dos domicílios de familiares (35%) e as *lanhouses* (35%). Ainda de acordo com a pesquisa, o uso frequente da Internet no Brasil está em 47%, e diante de um leque de atividades reportadas por crianças e adolescente, as redes sociais se destacam entre os brasileiros.

Segundo a pesquisa, a proporção de jovens que utilizam a Internet é alta, em torno de 70%, entre jovens de 13 a 16 anos. A pesquisa aponta também que o celular é a segunda tecnologia mais presente nos domicílios brasileiros, atrás apenas da televisão, fazendo parte do cotidiano de 87% dos lares no país, enquanto a TV chega a 98% deles. Assim, os adolescentes podem estar no mundo digital, na sala de aula ou no quarto, mandando mensagens, postando fotos, conversando com os amigos.

Diante dos dados coletados, foi constatado que todo o grupo acessa as redes sociais, sendo questionado então sobre o que mais atrai a atenção dos adolescentes ao utilizá-las (Tabela 1).

**Tabela 1:** Frequência das categorias sobre o conteúdo que mais atrai a atenção dos adolescentes nas redes sociais

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
Bate-papo	28	38,4
Ficar informado	25	34,2
Diversão	19	26,0
Genérico	1	1,4
<b>Total</b>	<b>73</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 38,4% de frequência de argumentos a primeira categoria revela que os adolescentes são atraídos pelo bate-papo, estar em contato com amigos e familiares e com a possibilidade de conversar virtualmente com eles é um convite para eles acessarem as redes sociais. O grupo diz que é possível conversar com facilidade com amigos que moram longe,

ou até mesmo com aqueles que estão mais perto, e com familiares nas redes sociais. Os adolescentes falam do benefício da rápida comunicação que a rede oferece, no entanto, a comunicação abordada é a conversa, o bate-papo, o relacionamento que eles mantêm com as pessoas que estão conectadas. Para ilustrar essa categoria, destacamos alguns excertos:

[...] *a facilidade de se comunicar (A.4).*

[...] *rápida comunicação (A.14).*

[...] *poder conversar com meus amigos sem estar os vendo (A.20).*

[...] *O que mais me atrai nas redes sociais, muitas vezes são os contatos, pois eu converso com meus parentes distantes ou mesmo os que moram perto e eu não vejo a um bom tempo (A.22).*

Com 34,2% de frequência, os adolescentes disseram que a possibilidade de ficar informados sobre o que ocorre no Facebook é também um dos motivos deles estarem conectados nessa rede social. O que lhes atraem são as atualizações de notícias da rede, as postagens das páginas de amigos, as páginas sugeridas pela própria mídia. O interessante para eles é saber o conteúdo que circula na rede, as notícias das mais variadas fontes e assuntos. Obtivemos na análise de conteúdo exemplos como:

[...] *Ficar informado com notícias e assuntos diversos (A.1).*

[...] *Ver posts e notícias das páginas sugeridas (A.3).*

[...] *as coisas que são postadas, notícias e etc (A.33).*

O grupo encontra também diversão nas redes sociais. Com uma frequência de 26% de argumentos chegamos nessa categoria com esses exemplos:

[...] *também utilizo as redes sociais para me divertir com jogos (A.22).*

[...] *poder ver fotos em que tiramos (A.20).*

Os dados dessa questão mostram que os jovens acessam as redes sociais atraídos pelas ferramentas disponíveis nela, como o bate-papo, a possibilidade de ficar sabendo o que está acontecendo com os amigos e, também, utilizam as redes sociais para diversão. Nesse espaço os indivíduos interagem e integram a rede, estabelecendo relações de acordo com suas “necessidades sociais, subjetivas e culturais específicas” (SCANDOLARA, 2011, p. 2).

A rede permite uma movimentação de informações, de relacionamento com outras pessoas, o que contribui na construção de modos de pensar e agir. Conforme afirmam Mamede-Neves e Duarte (2008) é nesse ambiente interativo que eles se relacionam com o grupo de amigos e também acreditam que podem ficar informados. Os adolescentes, inseridos

na cibercultura (LEMOS, 2003), vivenciam as tendências explicitadas por Lévy (2003) de experimentar e interagir neste espaço virtual, além de explorar as potencialidades deste novo espaço de comunicação.

A TIC Kids Online Brasil (2012) demonstra que apesar do uso da Internet para trabalho escolar ser o mais referido no Brasil, foi constatado que é uma prática esporádica: 49% as realizam uma ou duas vezes por semana, e 38% uma ou duas vezes por mês. No entanto, no outro extremo, a pesquisa mostra que as redes sociais e a troca de mensagens são práticas diárias para mais de metade dos participantes (53%). Mais de um terço menciona usos da Internet associados a jogos, música e comunicação (postar mensagens, enviar e-mail). A procura do contato e o recurso à rede como meio de consumo são assim as práticas mais frequentes entre crianças e adolescentes brasileiros, e as atividades relacionadas com aprendizagens escolares aparecem em posição secundária, numa separação de esferas.

Conforme afirmam Barbosa e Guzzi (2012, p. 44)

O jovem de hoje que já mantém um contato estreito com as inovações tecnológicas quer usufruir de seus benefícios, sociabilizar-se, conversar com pessoas de origens diferentes, e isso é fundamental para o processo de desenvolvimento de sua subjetividade, da consciência de si, da descoberta de seus interesses e vocações. Para isso, tem que conhecer, experimentar, investigar, testar, posicionar-se, ter *feedbacks* principalmente de seus pares – e infelizmente a escola nos moldes tradicionais de ensino não é mais o espaço fundamental para isso.

Após perguntar sobre o que mais atrai a atenção dos adolescentes nas redes sociais, questionamos sobre o conteúdo que eles mais acessam nas redes sociais (Tabela 2).

**Tabela 2:** Frequência das categorias sobre o conteúdo que os adolescentes mais acessam nas redes sociais

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Ferramentas da Web 2.0 que permitem interação	79	86,8
Conteúdo de entretenimento	6	6,6
Conteúdo informativo	5	5,5
Genérico	1	1,1
<b>Total</b>	91	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 86,8%, a maioria de frequência de argumentos, os adolescentes mostram que o conteúdo mais acessado são os ofertados pelas ferramentas da Web 2.0. Uma característica das respostas é que os jovens apenas citam o conteúdo que gostam, sem muitas explicações, como por exemplo:

[...] *ver fotos, videos, aplicativo e jogos (A.1).*

[...] *gosto de acessar o facebook e youtube (A.8).*

[...] *imagens, vídeos que tem como objetivo fazer as pessoas refletirem sobre o assunto abordado (A.7).*

[...] *os conteúdos que mais gosto são bate-papo, jogo e sites de músicas (A.22).*

Com uma frequência menor, de 6,6% de argumentos, os adolescentes dizem que gostam também de conteúdos de entretenimento como seriados, filmes, anime e moda. Como excertos, temos:

[...] *Páginas relacionadas a moda (A.3).*

[...] *Ver atualizações de animes (A.27).*

[...] *sites sobre series e filmes (A.36).*

Na categoria de menor frequência, com 5,5% de argumentos, os adolescentes dizem que também acessam conteúdo informativo, como exemplos temos:

[...] *pesquisas de escola (A.4).*

[...] *sites de notícias (A.11).*

[...] *notícias (A.33).*

Os jovens se relacionam nas redes sociais com as possibilidades que a Web 2.0 (PRIMO, 2007; O'REILLY, 2004) trouxe a eles de participar e interagir com conteúdos diversos como conversar com amigos, ler notícias, jogar, ouvir músicas, compartilhar fotos, etc. As ferramentas da Web 2.0 trouxeram mudanças significativas e seduzem cada vez mais os usuários.

Patrício e Gonçalves (2010, p. 593) dizem que a sociedade vive o auge das redes sociais impulsionada pelo “caráter social e pela ideia de partilha, aliada a um ambiente informal, atrativo e catalisador”, o que contribui para que os jovens admirem as redes sociais, mais especificamente, o Facebook. As ferramentas da Web 2.0, como blogs, Wikis, sites

sociais, têm realmente chamado a atenção de jovens, sendo responsáveis por novas formas de interação, compartilhamento, relacionamento e compreensão de mundo.

Os adolescentes estão conectados nas redes sociais para acessar as redes sociais, bater-papo com amigos e familiares, ver filmes, fotos, sites de músicas, e, sobretudo, compartilhar interesses. Estas são as novas possibilidades que as ferramentas da Web 2.0 permitem, sendo responsável pelas novas formas de interação, compartilhamento, relacionamento e compreensão de mundo. Conforme afirma Recuero (2011), é pelas redes sociais que a informação circula, é filtrada e retransmitida, sendo um ambiente que gera oportunidades para novas formas de organização social baseada em interesses coletivos.

Além de utilizarem as ferramentas participativas da Web 2.0, os adolescentes também acessam conteúdo de entretenimento nas redes sociais, como séries, filmes, desenhos animados, moda. Assim como afirma Belloni (2008), a Internet é um telinha ainda mais fascinante do que a TV, sendo um ambiente atrativo para os jovens, onde eles buscam também diversão.

Por último, os adolescentes utilizam as redes sociais para se informar, acessar páginas de notícias ou realizar pesquisas escolares. Dessa forma, a mídia facilita e agiliza a comunicação, assim como abre portas para a construção do conhecimento, mas os adolescentes utilizam minimamente as ferramentas para buscar informações nesta mídia. Sobre isso, Fantin (2011) alerta que é essencial para a escola abordar conteúdos midiáticos para apoiar alunos e professores na construção de um conhecimento mais rico, já que a mídia não é uma ferramenta neutra, mas que produz significados (FANTIN, 2005, 2011).

Após a investigação sobre o uso de mídias sociais pelos adolescentes no cotidiano, o próximo passo da pesquisa foi investigar sobre o uso de mídias sociais em sala de aula.

### **7.1.2 Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais dos adolescentes pesquisados nas salas de aula**

O segundo objetivo específico buscou identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais dos adolescentes nas salas de aulas. Do total de 40 adolescentes, 21 deles não acessam as redes sociais na escola, e 19 acessam as redes sociais na escola. Dos 19 alunos que acessam as redes sociais na escola, 17 dizem que as utilizam para realizar atividades escolares e apenas dois afirmam que não utilizam as redes sociais para atividades escolares.

Para os 19 alunos que acessam as redes sociais para atividades escolares, foi perguntado sobre o tipo de atividade que eles desenvolvem quando estão na escola, com o resultado explicitado na Tabela 3.

**Tabela 3:** Frequência das categorias sobre os tipos de atividades que os adolescentes desenvolvem nas redes sociais quando acessam na escola

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Pesquisa para trabalhos escolares	16	94,1
Bate-papo	1	5,9
<b>Total</b>	17	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 94,1% de frequência, a maioria de argumentos contempla a categoria pesquisa para trabalhos escolares. Como exemplos de argumentos temos:

[...] *Para fazer pesquisas e trabalhos (A.9).*

[...] *Pesquisas escolares (A.13).*

Com 5,9% de frequência de argumentos e representando um único argumento, a categoria indica que há o uso de redes sociais pelos adolescentes na escola para bate-papo.

Os dados demonstram que a utilização das redes sociais está sendo realizada apenas como uma ferramenta de pesquisa na escola, sem orientações das várias possibilidades que a mídia oferece para o ensino.

Para Fantin (2011, p.28), é necessário que as mediações escolares abordem a mídia-educação porque ela está inserida em uma “pedagogia funcional, com concepção alfabética e expressiva, objetivando a interação dos sujeitos com as mídias e promovendo o conhecimento criativo de suas linguagens” (FANTIN, 2005, p.11).

Diante dessa abordagem Fantin (2011, p.30) diz que é possível formar espectadores e autores mais críticos, que “constroem conhecimento e interagem de diversas formas com os objetos da cultura”. Para a autora, a escola tem a responsabilidade de mediar a aprendizagem dos alunos e contribuir neste desenvolvimento de competências, tanto para compreender mensagens midiáticas quanto para analisar a produção de conteúdos de diferentes suportes.

Já para os adolescentes que não acessam as redes sociais na escola (21 alunos), e para os dois que acessam as redes sociais na escola, mas que não realizam atividades escolares nelas

questionamos se eles gostariam de desenvolver atividades escolares utilizando as redes. Desse total de 23 alunos, 19 concordam utilizá-las para realizar atividades escolares e explicam os motivos na Tabela 4, e quatro não concorda em utilizá-las.

**Tabela 4:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes gostariam de desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
Apoio no aprendizado	19	65,5
Aulas mais interessantes	10	34,5
<b>Total</b>	29	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Analisando os argumentos, temos 65,5% de frequência na primeira categoria encontrada, indicando que as redes sociais pode apoiá-los no aprendizado. Como excertos temos:

*É uma maneira de não esquecer, pois estamos conectados a elas (redes sociais) por mais tempo, facilitando com ela a memorização das atividades (A.3).*

*Sim, pois isso ajuda no desenvolvimento escolar dos alunos (A.14).*

*Sim, pois podemos obter varias informações ao mesmo tempo e com mais rapidez (A.40).*

Com 34,5% de frequência, os argumentos dos adolescentes revelam também que a utilização das redes sociais em atividades escolares tornaria também as aulas mais interessantes. Como exemplos dessa categoria:

*Sim pois seria interessante ja que todos gostam de entrar no face (A.6).*

*Sim porque a aula ficaria mais interessante e os alunos aprenderiam mais (A.33).*

Os dados obtidos demonstram que os adolescentes estão cada vez mais participando das redes sociais, conforme apontam pesquisas (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2012; IBGE; PATRÍCIO, GONÇALVES, 2010; JULIANI et al,2012, PAIXÃO et al, 2012). E, mesmo sem conhecer as potencialidades da mídia, vislumbram a utilização delas em atividades escolares.

De acordo com Belloni (2012), as redes sociais além de fornecerem uma convergência inédita de atividades como e-mail, cópias de músicas e vídeos, álbum de fotos, criam

oportunidades de autoexpressão, sociabilidade e criatividade para muitos. Portanto, de acordo com a autora, embora envolvidos por conteúdos midiáticos produzidos por profissionais, os jovens interagem com pessoas reais, com seus pares, construindo novas formas sociais.

Há ainda a facilidade dos adolescentes em acessarem as redes sociais e por isso eles se sentem também motivados em aprenderem com as novas tecnologias. De acordo com Belloni (2012, p. 83), esse fenômeno pode se “transformar em potencial para a introdução de inovações educativas, trazendo mais motivação para a aprendizagem na sala de aula e além dela”.

Três alunos não concordam em utilizar as redes sociais em atividades escolares, conforme explicitado na Tabela 5. E apenas um diz que utilizaria dependendo da atividade, afirmando que se fosse uma tarefa de casa ele utilizaria, mas se fosse uma atividade valendo nota, poderia distraí-lo.

**Tabela 5:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não gostariam de desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
Não gostam	2	66,7
Desviam o foco	1	33,3
<b>Total</b>	3	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Dois alunos disseram que apenas não gostam de utilizar as redes sociais, e apenas um aluno disse que elas desviam o foco. Como exemplos de argumentos das categorias temos:

*Não, pois eu acho melhor as atividades serem desenvolvidas em grupos na escola (A.23).*

*não, porque tira toda a desconcentração do foco necessário, ao invés de utilizarmos para necessidades de aprendizagem vamos bater papo com amigos on (A.30).*

*não, porque não gosto (A.32).*

Os motivos que os adolescentes apontam de não querer desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais, apontam o que Fantin (2012) alerta sobre a

transformação cultural que é necessária desenvolver diante das mídias, explorando mais suas formas que ainda são vistas apenas como entretenimento.

### 7.1.3 Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook

Nosso terceiro objetivo específico busca identificar e analisar a representação social dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente sobre o Facebook. Desse modo foi questionado primeiramente aos adolescentes o que eles entendem por mídias sociais (Tabela 6).

**Tabela 6:** Frequência das categorias sobre o que os adolescentes entendem por mídias sociais

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
1. Mídias sociais são redes sociais, ferramentas que permitem:		
Interação Social	20	34,5
Comunicação	10	17,2
Diversão	7	12,1
Acesso à informação	4	6,9
Propaganda	2	3,4
<b>Subtotal</b>	<b>43</b>	<b>74,1</b>
2. Apresentam incertezas sobre o que compreendem por mídias sociais	12	20,7
3. Avaliam positivamente	2	3,4
4. Genérico	1	1,7
<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 74,1% de frequência, a categoria com a maioria de argumentos, indica que para os adolescentes, mídias sociais são redes sociais, com cinco subcategorias encontradas: Interação Social, Comunicação, Diversão, Acesso à informação, Propaganda.

A subcategoria “Interação Social” representou 34,5% de frequência de argumentos. Os adolescentes apontam que as mídias sociais é uma rede que permite interação entre as pessoas, um ambiente para troca e compartilhar informações. Nesta categoria temos como exemplos:

*É um modo de interação entre as pessoas (A.7).*

*Mídias sociais para mim, é quando você interage com outras pessoas, conversa, tudo pela net (A.10).*

*Tudo e qualquer assunto que permite interação de varias pessoas (A.35).*

Com uma frequência de 17,2%, os argumentos indicam que os adolescentes entendem que mídias sociais é Comunicação, é uma ferramenta usada para informar o que está acontecendo, para conversar e se comunicar melhor. Como exemplos dessa categoria:

*[...] onde notícias e informações são encaminhadas de uma maneira pratica e rápida, facilitando a divulgação e a visualização de todos (A.3).*

*É a comunicação e repercussão de informações via internet (A.14).*

*É um meio das pessoas se comunicarem pela internet (A.24).*

Há 12,1% dos argumentos expressando que os adolescentes compreendem que mídias sociais é também diversão, nelas eles jogam, ouvem músicas, assistem vídeo e passam o tempo. Obtemos os seguintes exemplos:

*[...] músicas que as pessoas escutam (A.20).*

*[...] também são usadas para diversão dos jovens que gostam de curtir (A.33).*

O acesso à informação representou apenas 6,9% de frequência, com os seguintes argumentos:

*[...] informação...mídia (A.4).*

*[...] o que entendo é que servem pra informar, nos casos os telejornais (A.22).*

*[...] conhecimento de todos serem espalhados no mundo inteiro (A.23).*

Por último, representando 3,4% de frequência (dois argumentos), a propaganda foi citada pelos adolescentes pertencendo também à compreensão deles do que são mídias sociais.

*[...] algo tipo uma propaganda (A.31).*

*[...] que elas são usadas para divulgar propagandas de roupas, sapatos, celulares e etc.. (A.33).*

Conforme Recuero e Brambilla (2011) afirmam, as mídias sociais são um fenômeno complexo e compreendem todo esse conjunto de novas tecnologias mais participativas, rápidas, populares e também as apropriações sociais que são geradas acerca delas. Os

argumentos dos adolescentes revelam que eles entendem as mídias sociais pela utilização que eles fazem da ferramenta, interagindo com outras pessoas, conversando, divertindo-se. As possibilidades da mídia citadas pelos adolescentes compõem o grupo de aplicações para Internet, mencionadas por Kaplan e Haenelin (2010 apud COSTA; FERREIRA, 2012, p.138), estabelecidas com base nos fundamentos ideológicos e tecnológicos da Web 2.0, permitindo a criação e a troca de conteúdos (KAPLAN E HAENELIN, 2010 apud COSTA; FERREIRA, 2012, p.138).

Conforme a Tabela 6, a próxima categoria, com 20,7% de frequência, apresenta as indefinições dos adolescentes sobre mídias sociais:

[...] *na verdade não sei exatamente o que é.* (A.8).

[...] *não mto, e o pouco que sei... não tenho certeza se e certo...* (A.26).

[...] *não entendo muito, so sei acessar sites e nada mais...* (A.35).

As incertezas dos adolescentes podem ocorrer por eles não terem desenvolvido atitudes crítica e reflexiva sobre a mídia que eles utilizam. De acordo com Fantin (2004), tais práticas devem ser problematizadas na escola, ambiente que os jovens experimentam novas formas de ser e compreender o mundo.

Mesmo diante de dúvidas sobre as mídias sociais, os adolescentes as avaliam positivamente, conforme a próxima categoria encontrada, com 3,4% de frequência de argumentos. Como exemplos temos:

[...] *que é algo bem interessante* (A.6).

[...] *é bem diferente é uma coisa nova* (A.6).

Apenas um adolescente respondeu algo genérico para essa questão, representando 1,7% de frequência de argumento nessa categoria.

O questionamento seguinte foi sobre a utilização da rede social Facebook. Do total de sujeitos (40 alunos), 39 deles (97,5%) utilizam a rede social Facebook e apenas um (2,5%) não utiliza. Após essa constatação, foi perguntado sobre a compreensão deles pelo Facebook (Tabela 7).

**Tabela 7:** Frequência das categorias sobre o que é o Facebook para os sujeitos

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
1. Uma rede social	61	72,6
2. Ambiente de entretenimento	8	9,5

3. Uma rede social que eles avaliam de forma positiva	7	8,3
4. Uma rede social que eles avaliam de forma negativa	6	7,1
5. Ambiente de Informação	2	2,4
<b>Total</b>	<b>82</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 72,6% de frequência, a maioria dos argumentos está na categoria rede social. Para os adolescentes o Facebook é uma rede social, ou seja, um ambiente de interação social, onde eles se relacionam, conversam, conhecem pessoas e interagem compartilhando informações. Alguns exemplos dessa categoria:

*Facebook é uma rede social (A.1).*

*[...] Onde você conversa com seus amigos, conhece pessoas (A.7).*

*[...] um local onde além de sempre ver coisas novas postamos novas coisas (A.23).*

*[...] construímos amizades, encontramos parentes, postamos, compartilhamos os momentos que vivemos sejam bons ou ruins. batemos papos (A.33).*

Sobre as redes sociais, Primo (2007) afirma que elas são um conjunto de pessoas conectadas por relações sociais, como amizades, trabalho, e que trocam informações. Marteleto (2001) também afirma que redes sociais são um conjunto de pessoas conectadas por relacionamentos sociais.

Além de oferecer a possibilidade de interagir socialmente, o Facebook é também um ambiente de entretenimento para os adolescentes. Com 9,5% de frequência de argumentos nessa categoria, temos estes exemplos:

*[...] Uma ferramenta de diversão (A.8).*

*[...] onde eu posso me distrair (A.22).*

*[...] ultimamente...minha diversão (A.27).*

Conforme afirma O'Reilly (2004), uma das características da Web 2.0 é a participação, a possibilidade de interagir com conteúdos foi a mudança significativa da nova geração da web, o que tem seduzido cada vez mais os internautas.

Os adolescentes ainda fizeram avaliações positivas e negativas sobre o Facebook nessa questão. A avaliação positiva representou 8,3% dos argumentos, conforme os exemplos:

[...] *para mim o facebook é bom pois é uma coisa nova (A.6).*

[...] *sou viciado em facebook ele foi a melhor coisa que inventaram no planeta (A.35).*

As avaliações negativas tiveram uma frequência de 7,1% de argumentos e para explicitá-las temos:

[...] *uma rede social de pouca utilidade para mim (A.36).*

[...] *já li notícias q dizem q mais de 50% das pessoas conectadas ao facebook são infelizes ou sentem inveja de alguém (A.25).*

Por último, com apenas 2,4% de frequência (dois argumentos), os adolescentes dizem que o Facebook é um ambiente de informação, com os seguintes argumentos:

[...] *um meio de informação (A.5).*

[...] *uma ferramenta de informação (A.8).*

Os jovens compreendem as mídias sociais como uma ferramenta de interação social, de comunicação entre as pessoas, de entretenimento, no entanto, as mídias sociais como um ambiente de informação, e troca de interesses e ideias que elas possibilitam (COSTA E FERREIRA, 2012) é superficialmente citada por eles.

Após pesquisar o que é o Facebook para os adolescentes, foi questionado o motivo pelo qual eles utilizam essa rede social. As respostas foram categorizadas na Tabela 8.

**Tabela 8:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes utilizam a rede social Facebook

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Manter rede de relacionamentos	32	41,6
Para ficar informado	14	18,2
Para se divertir	11	14,3
Para compartilhar conteúdo	9	11,7
Para ampliar a rede de relacionamentos	7	9,1
Avaliam a rede social positivamente	4	5,2
<b>Total</b>	<b>77</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Manter a rede de relacionamentos foi a categoria com 41,6% de frequência de argumentos. Os adolescentes acessam o Facebook pela facilidade de comunicação que a

ferramenta oferece, eles utilizam a rede social para manter ativa a rede de contatos, para conversar com amigos e parentes, conforme exemplos:

[...] *Para me manter conectado com todos (A.15).*

[...] *Pq eu acho que o facebook é uma forma muito simples para se comunicar com quem eu quero (A.13).*

[...] *Eu utilizo apenas para falar com amigos, parentes (A.17).*

Com 18,2% de frequência, ficar informado também é um dos motivos pelos quais levam os adolescentes a utilizarem o Facebook. Para eles, é importante saber o que ocorre ao redor, desde atualização de amigos, notícias diversas que são comentadas e postadas na rede, conforme exemplos;

[...] *para me informar sobre eventos e acontecimentos (A.7).*

[...] *para ficar por dentro do que acontece no mundo ao meu redor (A.8).*

[...] *para saber o que as pessoas estão postando (A.24).*

Os adolescentes encontram diversão no Facebook, os argumentos que compreenderam essa categoria tiveram 14,3% de frequência. A rede social é também uma forma de entretenimento, nela os jovens passam o tempo, divertem-se com aplicativos e jogos. Alguns argumentos citados são:

[...] *para me divertir (A.8).*

[...] *para jogar (A.40).*

A categoria compartilhar conteúdo foi obtida 11,7% dos argumentos. Os alunos acessam o Facebook para postar fotos, frases e compartilhar a percepção deles sobre o mundo. Exemplos de argumentos que representam essa categoria são:

[...] *compartilho, posto e escrevo o que eu penso lá (A.13).*

[...] *postar algo "fotos de momentos" ver vídeos etc.. (A.31).*

Por fim, os jovens fazem ainda uma avaliação positiva sobre o Facebook, com 5,2% de frequência. Alguns dos argumentos presentes:

[...] *porque é diferente interessante e algo novo (A.6).*

[...] *porque eu amo, gosto de usa-lo, acho ele muito interessante. (A.35).*

Os adolescentes utilizam a rede social pelas novas possibilidades trazidas pela mídia. Conforme diz Recuero (2011), as redes sociais são ambientes conectados à conversação, que

oportunizam novas formas de organização social se baseando em interesses coletivos. Nestes ambientes os jovens participam e tem o interesse de estar por dentro dos assuntos comentados, fazer parte dos laços que conectam pessoas, como explica Marteleto (2001, apud AZEVEDO, 2011, p.19) sobre as redes sociais, dizendo que “o fenômeno da conectividade é que constitui a dinâmica das redes e existe apenas na medida em que as conexões forem estabelecidas”.

A questão seguinte refere-se à importância do Facebook aos adolescentes. Dos 40 alunos, 20 acham que a rede social é importante, 13 acreditam que não é importante e sete dizem que depende. Os motivos deles considerarem o Facebook importante estão categorizada na Tabela 9.

**Tabela 9:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes consideram o Facebook importante

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
Meio de interação social	32	88,2
Meio rápido de circulação de informação	14	11,8
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Representando 88,2% de frequência, com a maior parte de argumentos (32), os adolescentes consideram o Facebook importante porque é um meio de interação social. Alguns exemplos:

[...] *Sim, pois muitas pessoas se conheceram e descobrem afinidades por meio do Facebook (A.18).*

[...] *Sim. Porque ele conecta pessoas (A.28).*

[...] *Sim, pois é bom para se relacionarmos com as pessoas tanto amigos, como familiares, e colegas de trabalho (A.40).*

A próxima categoria encontrada, com 11,8% de frequência de argumentos, aponta que o Facebook é importante para os adolescentes porque é um meio rápido de circulação de informação. Como exemplos:

[...] *Sim, pois como todos estão conectados a esse meio, tudo o que é repercutido nessa rede social, atinge toda a população, seja da sua cidade, estado ou até mesmo outros países (A.14).*

[...] *Sim, pois ajuda na circulação de notícias (A.36).*

Os adolescentes consideram o Facebook importante pela ferramenta permitir uma rápida comunicação, facilitar o encontro de pessoas, propalar e repercutir notícias de interesse coletivo, características próprias das mídias sociais, com o advento das ferramentas da Web 2.0 (RECUERO, BRAMBILLA, 2011).

A questão seguinte aborda os motivos pelos quais os adolescentes não consideram o Facebook importante (Tabela 10).

**Tabela 10:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não consideram o Facebook importante

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Avaliam a rede social de maneira negativa	5	55,6
Utilizam a rede social apenas para diversão	4	44,4
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 55,6% de argumentos, os adolescentes não consideram o Facebook importante porque acreditam que a rede social pode influenciar de alguma forma negativa, como exemplos:

*[...] não...já ouvi falar em alguns casos que o Facebook leva crianças ow adolescentes para as mãos de assassinos ou estupradores (A.29).*

*[...] não, ele influencia muita coisa errada (A.35).*

A próxima categoria, com 44,4% de frequência de argumentos, aponta que os adolescentes consideram o Facebook apenas com uma ferramenta de entretenimento e, por isso, não consideram a rede social importante.

*[...] Não, utilizo mais pra distrair (A.21).*

*[...] Não, porque as pessoas só usam por diversão (A.12).*

Os dados indicam que os adolescentes não percebem a rede social como uma ferramenta também de transformação social. De acordo com Rivoltella (1997), as mídias são protagonistas da interação social e da transmissão cultural, assim, a educação deve trabalhar sua linguagem, assegurando seu conhecimento e uso; elas são também um novo habitat cultural, e a educação não deve limitar-se às mediações tradicionais; e por último, é

necessário uma reflexão crítica sobre a mídia, pensar que ela é cultura e não somente um suporte tecnológico.

Os adolescentes demonstram ainda que tem dúvidas se o Facebook é importante, conforme podemos verificar na Tabela 11.

**Tabela 11:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes têm dúvidas sobre a importância do Facebook

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
È interessante se usado corretamente	3	60
Pode viciar, ocupando muito o tempo	2	40
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 60% de argumentos, a primeira categoria encontrada revela que os jovens acham o Facebook interessante se usado corretamente e, 40% dos argumentos, aponta também que a rede social pode viciar, ocupando muito o tempo.

As incertezas geradas pelo uso do Facebook apontam a necessidade de compreensão dos adolescentes sobre as mídias e, nesse ponto, de acordo com Fantin (2011), há a necessidade de integrar a educação e as mídias para formar cidadãos ativos, críticos e criativos diante das tecnologias de comunicação e informação.

A questão seguinte refere-se ao conteúdo que os adolescentes acessam quando estão online no Facebook. A categorização das respostas está na Tabela 12.

**Tabela 12:** Frequência das categorias sobre o conteúdo que os sujeitos se interessam em ver quando estão online

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
1. Atualizações/Postagens de amigos na rede		
Status dos amigos na rede	19	27,5
Fotos	16	23,2
Vídeos	3	4,3
Frases	2	2,9
<b>Subtotal</b>	<b>40</b>	<b>58</b>
2. Conteúdo de entretenimento	13	18,8

3. Bate-papo	11	15,9
4. Informações	5	7,2
<b>Total</b>	69	100

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Na primeira categoria encontramos 58% de frequência de argumentos apontando que os adolescentes se interessam nas atualizações e postagens dos amigos da rede quando estão online. Dentro dessa categoria, encontramos quatro subcategorias especificando qual tipo de atualizações que os jovens se interessam. A primeira, com 27,5% de frequência (19 argumentos), é a atualização dos amigos na rede, ou seja, publicações/postagens realizadas pela rede de pessoas conectadas diante da pergunta da rede social: “no que você está pensando?”. Como exemplos temos:

[...] *As atualizações dos meus amigos (A.8).*

[...] *o q os meus amigos andaram postando (A.20).*

[...] *as publicações (A.33).*

A segunda categoria, com 23,3% de frequência, confirma que os adolescentes se interessam em ver as fotos postadas pela rede de amigos, conforme exemplos:

[...] *Fotos de amigos, conhecidos, ou pessoas novas (A.16).*

[...] *Fotos do ultimo role (A.28).*

[...] *Fotos que os amigos colocam (A.37).*

Com 4,3% de frequência (3 argumentos), os adolescentes acham interessante os vídeos compartilhados:

[...] *videos que nos permitem refletir sobre o assunto abordado (A.7).*

[...] *videos engraçados (A.31).*

A última subcategoria aponta também que os adolescentes se interessam em ver frases quando estão online, com 2,9% de frequência e dois argumentos:

[...] *frases que me interessa (A.2).*

[...] *gosto de ver as frases (A.9).*

A segunda categoria, com 18,8% de argumentos indicam que os adolescentes se interessam em conteúdo de entretenimento, como páginas de humor, seriados, animes, filmes. Alguns exemplos de argumentos:

[...] *páginas de humor, das séries e jogos (A.18).*

[...] *jogos do facebook (A.24).*

[...] *qualquer pagina engraçada (bem humorada) (A.27).*

Com 15,9% de frequência e 11 argumentos, os adolescentes também se interessam em bater papo quanto estão online, conforme exemplos:

[...] *haa só fico no bate papo (A.4).*

[...] *conversar com pessoas (A.26).*

A última categoria confirma ainda que os adolescentes se interessam por informações quando estão online na rede social, com cinco argumentos, representando 7,2% de frequência. Seguem alguns argumentos:

[...] *Paginas relacionadas com Notícias do dia a dia (A.3).*

[...] *notícias ocorrentes no Brasil e o no mundo (A.14).*

Ainda neste objetivo específico, que busca identificar e analisar a representação social dos adolescentes sobre as mídias sociais, especificamente sobre o Facebook, foi questionado se os adolescentes conseguem aprender utilizando esta rede social. Obtivemos 32 alunos (80%) confirmando que aprendem utilizando o Facebook, e oito alunos (20%) afirmando que não aprendem. Perguntamos os motivos pelos quais os alunos aprendem e não aprendem utilizando a rede social, e obtivemos as Tabelas 13 e 14.

**Tabela 13:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os sujeitos aprendem utilizando a rede social Facebook

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
1. Acesso às informações de forma inovadora	17	48,6
2. Interação com amigos/pessoas conectadas na rede	11	31,4%
3. Aprendem sobre tecnologia	3	8,6
4. Participam de grupos da escola na rede	2	5,7
5. Aprendem outro idioma	2	5,7
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 48,6% de frequência, a primeira categoria encontrada confirma que os adolescentes aprendem utilizando o Facebook porque é uma forma inovadora de acesso à informação. Alguns excertos para exemplificar essa categoria são:

[...] *Pois existem paginas que mostram curiosidades, coisas novas e diferentes (A.8).*

[...] *Por ele fico sabendo de noticias, dicas e aprendendo culturas em um meio social diferente (A.11).*

[...] *Porque quando tem noticias novas ou curiosidade, basta você acessar o Facebook, que você fica a par de tudo o que está acontecendo (A.16).*

Os adolescentes confirmam também que aprendem interagindo com as pessoas conectadas da rede, compondo a segunda categoria com 31,4% dos argumentos, conforme exemplos:

[...] *ali onde eu fico online posso pedir ajuda aos meus amigos que usao essa rede para se comunicar comigo, me ensinar o que eu não aprendi (A.2).*

[...] *tipo pessoas postam coisas que eu não saiba ou nunca tinha ouvido falar ai eu acabo me interessando e acabo pesquisando sobre aquele assunto (A.26).*

[...] *pode aprende com outra pessoa (A.37).*

Com 8,6% de frequência, os adolescentes dizem que conseguem aprender sobre tecnologia usando o Facebook.

[...] *aprender a mexer mais no computador e internet (A.15).*

[...] *alem de aprender mexer mais no computador você aprende sobre a internet que hoje é um meio de comunicação mais rápido que o mundo tem (A.29).*

Os alunos aprendem também participando de grupos da escola, com 5,7% de frequência de argumentos nessa categoria:

[...] *no facebook com o grupo de história da classe (lição extra) e do curso de contabilidade (A.4).*

[...] *Aprendo, porque por exemplo, meu professor de história criou um grupo onde nós alunos dele fazemos trabalhos por lá, ele tem facilidade em postar as perguntas para gente copiar e responder sem estar na sala de aula, apenas utilizando o Face (A.13).*

Com 5,7% de frequência, os adolescentes dizem que ainda aprendem outro idioma utilizando o Facebook. Como exemplos:

[...] *Vou utilizar o inglês como exemplo, muitas palavras nesta língua eu desconhecia, depois que comecei a utilizar o Facebook aprendi muitas palavras em inglês (A.20).*

[...] *algumas palavras em inglês (A.15).*

Mesmo a escola não mediando esse desenvolvimento crítico diante das mídias, os adolescentes percebem que o Facebook contribui, de alguma forma, com o aprendizado. Conforme alerta Fantin (2011), as mediações escolares devem capacitar alunos no desenvolvimento de atitudes ativas que contribuam em um posicionamento mais crítico sobre o conteúdo que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham. Pischetola (2013) também diz que o desafio da escola hoje é utilizar a mídia de maneira eficiente para produzir conhecimento, e não apenas como um suporte a mais, mas contribuindo na geração de processos de aprendizagem efetivos.

Os adolescentes dizem ainda que não conseguem aprender utilizando o Facebook, conforme categorização da Tabela 14.

**Tabela 14:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não conseguem aprender utilizando o Facebook

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Não oferece conteúdos interativos no âmbito educacional	5	55,6
É utilizado apenas para entretenimento	3	33,3
É utilizado apenas para comunicação	1	11,1
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Os adolescentes dizem que não aprendem utilizando o Facebook porque a rede social não oferece conteúdos interativos no âmbito educacional. Essa foi a categoria com 55,6% de frequência de argumentos. Como exemplos:

[...] *pq la não são postados muitos conteudos nessa área de educação...ou alog que eu queira aprender (A.27).*

[...] *não acho interativo nessa parte da educação (A.30).*

Os alunos afirmam também, com 33,3% de frequência, que não aprendem com o Facebook porque utilizam a rede social apenas para entretenimento.

[...] *Porque é um site pra diversão, se distrair (A.22).*

[...] *porque tira toda a minha atenção (A.31).*

Com 11,1% de frequência, apenas um argumento os adolescentes afirma ainda que não aprendem com o Facebook porque só o utiliza para a comunicação, sendo este:

[...] *porque para mim ele só serve para conversar com meus amigos, ver algum recado importante e só (A.21).*

Os adolescentes não percebem a mídia com potenciais para a educação pois só a utiliza para comunicação ou para entretenimento. De acordo com Belloni (2012), há de se pensar no uso das TIC para a realização de atividades escolares, já que elas podem modificar as práticas pedagógicas, integrando outras áreas da vida dos alunos e apoiando também para a formação deles como pessoa e cidadão.

Nesse sentido, Fantin (2012) diz ainda que é fundamental considerar que o currículo escolar permita atividades para analisar imagens, notícias, mensagens publicitárias e para trabalhar com os meios e com as tecnologias da Web 2.0 para criar, postar e compartilhar conteúdos de forma responsável, possibilitando que os alunos compreendam o que está também nas entrelinhas da mídia. Sobre isso, a autora afirma que além da dimensão teórica, é importante que a dimensão instrumental sobre o uso de ferramentas e tecnologias digitais seja também contemplada de alguma forma no currículo para conhecer suas potencialidades e saber usar suas linguagens na perspectiva crítica de aprendizagem, sendo parte essencial na experiência de aprender.

### **7.1.3 Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania**

Diante desse objetivo específico, a primeira questão foi sobre o que os adolescentes entendem por cidadania, conforme Tabela 15.

**Tabela 15:** Frequência das categorias sobre o que é cidadania para os sujeitos

<b>Categorias</b>	<i>f</i>	<b>%</b>
Direitos e/ou deveres dos cidadãos	12	27,9

Direito dos cidadãos	11	25,6
Exercício da cidadania por um grupo de pessoas	6	14
Respeito ao próximo	6	14
Deveres dos cidadãos	4	9,3
Ajudar o próximo	4	9,3
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Para os adolescentes cidadania é ter direitos e/ou deveres, com 27,9% de argumentos nessa categoria. Como exemplos temos:

[...] *Para mim cidadania é poder exercer os deveres e direitos de cidadão (A.8).*

[...] *é um conjunto de direitos e deveres (A.21).*

Para 25,6% dos adolescentes, cidadania é o direito apenas do cidadão, conforme exemplos:

[...] *e o direito q a pessoa tem sobre si mesma, o direito de respeitar e ser respeitado (A.20).*

[...] *cidadania pra mim é o direito do povo (A.24).*

A próxima categoria foi composta pelo exercício da cidadania por um grupo de pessoas, com 14% de argumentos. Para os adolescentes a busca de objetivos comuns por um grupo de pessoas representa cidadania.

*A junção do povo por um motivo em comum (A.12).*

[...] *cidadania é todos se unirem em favor de uma decisão que favorecerá a todos (A.39).*

Com a mesma frequência de 14% de argumentos, os adolescentes também consideram que cidadania é respeitar o próximo.

*Ter respeito ao próximo seja qual for a diferença (A.32).*

[...] *respeitar o próximo, respeitar o espaço em que vivemos (A.40).*

Com 9,3% de argumentos, cidadania para os adolescentes constitui também os deveres do cidadão, sendo exemplos dessa categoria:

*[...] é o que uma sociedade “tem” que fazer (A.16).*

*[...] cidadania e quando um cidadão cumpre as leis que a sociedade impõe perante ele (A.33).*

A última categoria encontrada, com 9,3% de argumentos, aponta que para os adolescentes cidadania é ajudar o próximo.

*Cidadania é quando uma pessoa se mobiliza para ajudar a outra, mesmo ela não querendo, mais é uma escolha da pessoa ajudar, não uma obrigação (A.22).*

*[...] é ajudar o próximo, não pensar somente em si mesmo (A.37).*

Os dados obtidos revelam que a cidadania compreendida pelos adolescentes engloba superficialmente o conceito. De acordo com Almeida (2011) e Lafer (1997), cidadania é o “direito a ter direitos”, pois os direitos não são dados e sim construídos na esfera de uma comunidade política.

Dessa forma, a cidadania está vinculada ao direito de participação da vida política, com poder de influência e decisão. Conforme afirma Benevides (2004), os direitos de cidadania são constituídos de direitos individuais; políticos e sociais; econômicos e culturais; e devem ser reconhecidos e garantidos, inclusive com uma participação ativa dos cidadãos nos processos de decisão na esfera pública. E é nesse contexto que a escola poderia contribuir para formar um cidadão ativo e crítico, para agir contra a alienação decorrente do processo de trabalho e consumo da sociedade.

Almeida (2011), explicando os pensamentos de Hannah Arendt, diz que a educação tem que “proporcionar crescimento e superação de dificuldades, isto é, o modo de se inserir no mundo e de lidar com as coisas, e não perpetuar o modo de vida da criança” (ALMEIDA, 2011, p. 70). Arendt diz que é a educação que contribui recebendo os recém-chegados no mundo e apresentando-o para que eles possam posteriormente participar dele. Nesse sentido, é possível que os novos indivíduos criem novos espaços de interação e novas formas de convivência, e cabe à educação introduzir seus alunos no mundo e confiar na singularidade e potencial de liberdade de cada um para um novo início.

De acordo com Arendt, a educação funcionaria como uma pré-política, mas não como um momento que antecede ao exercício da cidadania, e sim “como uma esfera que se distingue do espaço público, na qual são cultivadas relações intersubjetivas e com o mundo

distintas das que estabelecemos na política” (ALMEIDA, 2009, 75). Ou seja, é necessário a tomada de consciência de cada indivíduo e do comprometimento de construir um mundo comum e melhor.

A questão seguinte buscou aprofundar o que é cidadania para os adolescentes, solicitando para eles citarem exemplos para definir o conceito. A categorização das respostas está na Tabela 16.

**Tabela 16:** Frequência das categorias sobre os exemplos considerados de cidadania pelos sujeitos.

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
1. Deveres do cidadão:		
Respeitar o próximo	10	15,63
Preservar o meio ambiente	8	12,50
Cumprir os deveres	5	7,81
Agir sem preconceito	1	1,56
<b>Subtotal</b>	<b>26</b>	<b>40,63</b>
2. Ajudar o próximo	16	25
3. Direitos do cidadão	4	6,25
Educação	3	4,69
Saúde	2	3,13
Liberdade de expressão, ir e vir	1	1,56
Transporte público	1	1,56
Ter uma cidade limpa	<b>11</b>	<b>17,19</b>
<b>Subtotal</b>		
4. Exercício cidadão	7	10,94
5. Genérico	2	3,13
6. Não sabem	2	3,13
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com uma frequência de 40,63% de argumentos, os adolescentes indicam que deveres do cidadão são exemplos de cidadania. Essa categoria é composta em seis subcategorias. A primeira delas, com 15,63% de argumentos, aponta que para os adolescentes cidadania é respeitar o próximo, sendo este um dever do cidadão, conforme exemplos:

[...] *ter respeito com o proximo (A.2).*

[...] *respeitar o próximo (A.14).*

Preservar o meio ambiente também é um exemplo de cidadania, com 15,63% de argumentos. Atitudes de não jogar lixo foram as mais citadas, sendo um exemplo que de fazer o bem coletivo. Obtivemos os seguintes exemplos nessa segunda subcategoria:

*Atitudes como de não jogar lixo no chão (A.13).*

*Jogar o lixo no lixo. Porque a pessoas não esta fazendo isso somente para ela e sim pra todos (A.36).*

*Não desmatar florestas, pois assim você estará pensando no futuro e não estará acabando com o meio ambiente (A.37).*

Cumprir os deveres foi a terceira subcategoria encontrada, com 7,81% dos argumentos. Para os adolescentes a cidadania se faz presente quando o cidadão cumpre os seus deveres como pagar impostos, votar. Alguns exemplos dessa subcategoria são:

*Pode ser, cumprir os nossos deveres di cidadãos (A.39).*

[...] *pagar impostos (A.39).*

Com 1,56% de frequência e apenas um argumento, para os adolescentes agir sem preconceito também é uma atitude de cidadania, conforme excerto:

[...] *o fato de uma pessoa branca contatar uma negra ou vice versa (A.20).*

Ajudar o próximo, com 25% de argumentos, compõe a segunda categoria, revelando que tal atitude é um exemplo de cidadania. Percebe-se que os jovens fazem uma conexão de cidadania com ser um indivíduo bom. Ou seja, ajudar o próximo é uma atitude de cidadania, pois não é obrigatória, o cidadão age livremente, conforme algumas respostas:

*Ajudar, uma senhora a carregar a compra, ajudar uma gestante, um idoso, ou mesmo uma pessoa que necessite de ajuda. Por que é algo que uma pessoa decide fazer, ela não é obrigada, e mesmo se fosse faria contra a própria vontade. (A.22).*

[...] *dar preferência para os idosos nos lugares, porque fazendo isso você será um bom cidadão (A.22).*

Os direitos do cidadão compõem a terceira categoria, com 17,19% de argumentos, contendo cinco subcategorias que os adolescentes consideram exemplos de cidadania educação, saúde, liberdade de expressão, transporte público, cidade limpa.

A educação foi a primeira subcategoria encontrada, com 6,25% de argumentos presentes. Aos jovens, a educação é um benefício que todos devem ter o acesso, sendo um direito do cidadão. Alguns exemplos de respostas foram:

[...] *a educação porque isso faz com que o país muda (A.2).*

[...] *educação para que todas as pessoas independentemente da raça, religião, etc possam ter acesso a esse benefício (A.7).*

Com 4,69% de argumentos, os adolescentes consideram a saúde como um exemplo de cidadania, um direito que todo cidadão, de acordo as respostas:

[...] *direito a saúde (A.17).*

[...] *ter áreas de saúde perto de cada bairro (A.26).*

Liberdade de expressão, de ir e vir, são exemplos de cidadania citados também pelos adolescentes, com 3,13% de frequência e dois argumentos:

[...] *ter liberdade de expressão (A.8).*

[...] *ir e vir (A.8).*

As próximas categorias “transporte público” e “cidade limpa” foram exemplos de cidadania também citados pelos adolescentes, com apenas um argumento cada, representando 1,56% de frequência.

[...] *transporte público e outros (A.17).*

[...] *manter a cidade limpa (A.26).*

Diante desses dados sobre o olhar dos jovens sobre a cidadania, destaca-se a visão de Hannah Arendt sobre como as instituições educacionais têm recebido os jovens. A filósofa indaga se de fato estamos os recebendo “como potenciais renovadores de nosso mundo, ou se, de antemão, os tratamos como uma geração sem perspectivas” (ALMEIDA, 2009, p. 232). Essa preocupação é para que o adolescente encontre sentido no mundo e opte por construir novas histórias. No entanto, os dados apontam que os conceitos exemplificados são aqueles propalados pela mídia, sem uma visão crítica e ativa dos alunos.

Fantin (2012, p. 442) diz que muito da nossa cultura e, conseqüentemente, do nosso conhecimento é produzido sobre questões mediadas pelos meios e por sua representação. Assim, de acordo com a autora, “grande parte daquilo que conhecemos, conhecemos mais pela experiência mediada do que pela experiência direta.”

Dessa forma, é fundamental destacar que a construção do conceito e preparação para a cidadania é um dos objetivos da educação, de acordo com a Constituição do Brasil e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996).

A questão seguinte investiga se os adolescentes buscam conteúdos sobre cidadania no Facebook. Constatou-se que 29 alunos não buscam e 11 buscam conteúdos cidadãos na rede social. Somente para os alunos que pesquisam conteúdos sobre cidadania no Facebook foi perguntado quais são as páginas acessadas, e as respostas foram categorizadas na Tabela 17.

**Tabela 17:** Frequência das categorias sobre quais as páginas de cidadania acessadas pelos adolescentes

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Páginas sobre as manifestações	3	27,3
Páginas genéricas	3	27,3
Páginas de governo	2	18,2
Páginas sobre o meio ambiente	1	9,1
Página específica sobre cidadania	1	9,1
Página sobre preconceito	1	9,1
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Os adolescentes revelam que acessam páginas sobre as manifestações, com 27,3% de argumentos, como exemplo da categoria temos:

*As da manifestação de presidente prudente (A.13).*

*Algumas de protestos (A.26).*

Também com 27,3% de argumentos, os jovens apontam respostas genéricas sobre a busca de páginas de cidadania no Facebook, no entanto, uma delas revela que a mídia social acaba apresentando um exemplo de cidadania, conforme o argumento:

*Não tem uma página específica que eu acesso, mas sempre acaba aparecendo no facebook algum exemplo de cidadania (A.19).*

Os adolescentes também acessam páginas de governo, com 18,2% de frequência (dois argumentos). Os exemplos citados foram:

*[...] paginas oficiais de governos, estaduais e federais (A.2).*

*[...] pagina do governo do estado de SP (A.5).*

As categorias “Páginas sobre meio ambiente”, “Páginas específica sobre cidadania” e “Página sobre preconceito” também foram mencionadas com uma frequência de 9,1% e apenas um argumento em cada categoria. Os exemplos respectivamente foram os seguintes:

[...] *salve o planeta (A.29).*

[...] *cidadão do mundo é bem legal (A.32).*

[...] *paginas que tem como objetivo trazer imagens, frases e videos mostrando que todas as pessoas são iguais (A.12).*

Após a investigação de quais páginas sobre cidadania os alunos acessam, foi questionado também se eles compartilham ou escrevem sobre cidadania em sua página no Facebook. Do total de 40 alunos, 32 alunos não compartilham e oito compartilham.

Somente aos oito alunos que compartilham conteúdo sobre o assunto na rede social, indagamos sobre quais são os temas de cidadania que eles publicam na linha do tempo do Facebook, conforme categorização das respostas na Tabela 18.

**Tabela 18:** Frequência das categorias sobre os temas de cidadania que são compartilhados na linha do tempo pelos sujeitos

<b>Categorias</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Respeito	4	40
Genérico	3	30
Educação	1	10
Manifestação	1	10
Meio ambiente	1	10
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 40% de argumentos, respeito é um tema compartilhado pelos adolescentes nas redes sociais sendo considerado um conteúdo sobre cidadania. Os alunos não respondem com muitos detalhes, apenas citam o tema compartilhado, como por exemplo:

[...] *sobre respeito (A.3).*

Os adolescentes também citaram respostas genéricas, com 30% de argumentos, como por exemplo:

[...] *de tudo um pouco (A.23).*

As próximas categorias “Educação”, “Manifestação” e “Meio ambiente” também são temas compartilhados pelos alunos e foram citadas com uma frequência de apenas 10% de argumentos (um argumento).

Após investigar sobre os temas de cidadania que são compartilhados na linha do tempo dos adolescentes, foi questionado se eles seguem e participam de grupos ou páginas que debatem sobre o tema. Do total de 40 alunos, 29 não participam de grupos ou páginas sobre o tema e 11 participam. Foi perguntando para estes 11 alunos se eles escrevem suas ideias e opiniões sobre cidadania nestes grupos e páginas, sendo que sete responderam que não escrevem e quatro disseram que escrevem.

Somente aos alunos que participam de grupos ou páginas sobre cidadania foi perguntado quais são os temas debatidos nestes ambientes. Os dados obtidos estão categorizados na Tabela 19.

**Tabela 19:** Frequência das categorias sobre os temas de cidadania que são debatidos nestes grupos e páginas

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
<b>Temas emergentes na sociedade, como:</b>		
Manifestações	3	18,8
Política	3	18,8
Meio ambiente	2	12,5
Respeito ao próximo	2	12,5
Preconceito	2	12,5
Família	1	6,3
Religião	1	6,3
Tecnologias	1	6,3
Solidariedade	1	6,3
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 18,8% de frequência em cada categoria, os adolescentes acessam páginas sobre as “Manifestações” e “Política”, conforme argumentos:

[...] *As manifestações, por exemplo (A.11).*

[...] *Sobre a corrupção política (A.17).*

Os temas “Meio ambiente”, “Respeito ao próximo” e “Preconceito” são também temas que os adolescentes acessam nestas páginas e grupos, com 12,5% de argumentos em cada categoria (dois argumentos). Alguns excertos retirados das respostas foram:

[...] Meio ambiente (A.1).

[...] a de cada um respeitar um ao outro (A.20).

[...] de não julgar pela cor (A.20).

Os alunos sem muitos detalhes citam os temas “Família”, “Religião”, “Tecnologias” e “Solidariedade”, com apenas um argumento cada, representando 9,1% de frequência, como assuntos acessados por eles nestes grupos e páginas.

Os dados indicam que os exemplos de cidadania são temas emergentes na sociedade, muito debatidos inclusive pela mídia. No entanto, o conceito não é elaborado com um posicionamento mais crítico. Fantin (2011) alerta que os jovens devem ser capazes de desenvolver atitudes mais críticas e um posicionamento melhor elaborado sobre o conteúdo que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham, no entanto, quem deve mediar esta competência é a escola. De acordo com a autora, a mídia-educação, nesse ponto, constitui esse espaço de reflexão sobre as práticas culturais, configurando-se em um fazer educativo sob a perspectiva transformadora de reaproximar cultura, educação e cidadania.

A questão seguinte aborda a atitude dos adolescentes diante do Facebook e investiga se eles utilizam a rede social a favor da cidadania. Dos 40 alunos, 23 utilizam o Facebook a favor da cidadania, dez não utilizam, quatro dizem que não sabem e três dizem que poderiam utilizar mais.

Para os alunos que utilizam o Facebook a favor da cidadania foi questionado como eles fazem isso na rede social (Tabela 20).

**Tabela 20:** Frequência das categorias sobre como os adolescentes utilizam o Facebook a favor da cidadania

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Postando assuntos sobre o tema	16	61,5
Expressando opinião na página	4	15,4
Genérico	4	15,4
Respeitando o espaço de outras pessoas na rede	2	7,7
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 61,5% de argumentos, os adolescentes apontam que agem a favor da cidadania postando conteúdo sobre o tema no Facebook. Alguns exemplos dessa categoria são:

[...] *as vezes posto imagens polemicas como as manifestações que aconteceram a falta de respeito com o cidadão o mal governo (A.4).*

[...] *postando coisas sobre o tema (A.23).*

Os adolescentes também respondem que utilizam o Facebook a favor da cidadania expressando a opinião deles na página, com 15,4% de argumentos nessa categoria:

[...] *dando minha opinião (A.12).*

[...] *expondo minha opinião, pois se eu ponho ao minha opinião e uma pessoa é contra ou a favor, vai começar uma roda de discussão sobre esse assunto (A.22).*

Respostas genéricas, não respondendo a questão, também foram dadas pelos adolescentes, compondo essa categoria com 15,4% de argumentos.

Com 7,7% de argumentos, respeitar o espaço de outras pessoas na rede é uma maneira que os adolescentes utilizam a favor da cidadania.

[...] *bom eu me coloco dentro do meu espaço cuidando dele e não interfiro no espaço dos outros com coisas que não sejam amigáveis (A.30).*

[...] *respeitando o que o outro posta, cada um ter o seu direito (A.19).*

Foi questionado também o motivo dos dez alunos não utilizarem o Facebook a favor da cidadania, sendo que quatro alunos não justificaram a resposta, quatro dizem que o Facebook não contribui, um não usa a rede social, e um não sabe por que não utiliza.

Buscou-se verificar ainda como o Facebook contribui no aprendizado dos adolescentes sobre cidadania. Nessa questão os alunos tiveram a oportunidade de responder como eles aprendem sobre o tema utilizando essa rede social (Tabela 21).

**Tabela 21:** Frequência das categorias sobre como o Facebook contribui no aprendizado sobre cidadania

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Mostrando que deve haver respeito ao próximo	7	23,3
Com a repercussão de notícias	6	20
Com o compartilhamento de conteúdo	5	16,7
Com o relacionamento com pessoas	4	13,3
Direitos e Deveres	4	13,3
Aprendo coisas novas	2	6,7

Genérico	2	6,7
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 23,3% de frequência de argumentos, os alunos aprendem que devem respeitar o próximo utilizando o Facebook. Alguns exemplos de respostas obtidas nessa categoria foram:

[...] *O Facebook contribui de maneira simples. Nós temos que respeitar o próximo e pronto (A.2).*

[...] *me mostrando como praticar a cidadania.O respeito ao proximo. (A.17).*

A facilidade da mídia em repercutir notícias é uma maneira dos adolescentes aprenderem, com 20% de argumentos nessa categoria. Na rede social os alunos podem ler, obter informações com mais agilidade, conforme respostas:

[...] *contribui porque tem uma imensa repercussão (A.6).*

[...] *pode ser, conteúdos jornalísticos (A.25).*

Para os adolescentes, o compartilhamento de conteúdos na rede também contribui no aprendizado sobre cidadania, com 16,7% de argumentos:

[...] *quando compartilham os links (A.8).*

[...] *Ele contribui, porque aparecem os compartilhamentos de pessoas que praticam cidadania, às vezes postam alguma imagem e eu acabo aprendendo de alguma forma com aquela foto por exemplo (A.11).*

Com 13,3% de argumentos, os adolescentes dizem que na rede social eles aprendem também se relacionando com outras pessoas, com os seguintes exemplos:

*Conversando com pessoas (A.10).*

*Com as amigadas (A.19).*

Com o mesmo percentual de frequência, 13,3% de argumentos, os adolescentes respondem ainda que aprendem que todos possuem direitos e deveres na sociedade, como podemos analisar nas respostas:

[...] *aprendi utilizando o facebook os deveres e direitos das pessoas (A.4).*

[...] *temos deveres a cumprir e direitos a serem considerados (A.6).*

Os adolescentes revelam também que com o Facebook eles aprendem coisas novas, com 6,7% de argumentos (dois argumentos):

[...] *ele contribui no aprendizado em coisas novas (A.4).*

*Ele ajuda a ter uma visão diferente do mundo (A.18).*

Também com 6,7% de argumentos, os adolescentes falam genericamente sobre o assunto, sem responder efetivamente à pergunta.

Mesmo que superficialmente, os alunos indicam que conseguem aprender um conceito na rede social. Ao utilizar o Facebook em busca de interação social, entretenimento, os alunos são incentivados a procurar informações também, porém, o conteúdo midiático é disperso, o que requer orientação para decodificar a subjetividade da mídia. Sobre isso, Fantin (2005) afirma que a mídia-educação pode formar espectadores, autores e produtores críticos diante da mídia, com a oportunidade de construir conhecimento e interagir de variadas formas com os objetos da cultura. Segundo a autora, a mídia-educação se insere em uma pedagogia funcional com concepção alfabética e expressiva, visando a interação dos sujeitos com as mídias e gerando o conhecimento criativo de suas linguagens.

Para Fantin (2010), a mídia-educação é apresentada no contexto de uma educação com, para e através dos meios de comunicação, e integrá-la à função de desenvolver crítica e criativamente os alunos consiste em conduzir sua práxis a um objetivo maior de educar para a cidadania. Belloni (2012) também afirma que é necessário ações efetivas de mídia-educação como um caminho para proteger crianças e adolescentes frente aos desafios trazidos pela Internet, assim como para formar o jovem cidadão capaz de agir com responsabilidade e de se expressar nestes ambientes.

A questão seguinte busca identificar se as questões debatidas no Facebook levaram os alunos a tomarem alguma atitude na prática diária. Dos 40 alunos, 24 adolescentes afirmam que sim e 16 dizem que não. Aos 24 alunos que afirmaram que tomam uma atitude no cotidiano, foi questionado qual o tipo de atitude cidadã que eles praticaram. As respostas categorizadas estão na Tabela 22.

**Tabela 22:** Frequência das categorias sobre atitudes de cidadania dos adolescentes

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
Ajudar o próximo	8	57,1
Preservar o meio ambiente	3	21,4
Deveres/Direito do cidadão	2	14,3

Busca informação sobre política	1	7,1
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 57,1% de argumentos, os alunos indicam que ajudar o próximo é um ato de cidadania que eles praticam. Como exemplos de respostas temos:

*Ajudar o próximo (A.2).*

*Ajudar o próximo independentemente da raça, religião, etc. (A.4).*

*Ceder o assento no ônibus para uma mulher, um homem, uma gestante, uma idoso, criança... (A.13).*

Para os adolescentes, preservar o meio ambiente é também uma atitude de cidadania que eles realizam, compondo a categoria com 21,4% de argumentos. Alguns exemplos:

*Jogar lixo no lixo sempre! (A.9).*

*Preservo o ambiente local em que vivo (A.10).*

Com 14,3% de frequência (dois argumentos), os adolescentes citam exemplos de direitos e deveres que eles praticam, conforme as respostas:

*Pago impostos. (A.5).*

*Reclamar meus direitos (A.7).*

Com apenas um argumento, representando 7,1% de frequência, os alunos indicam que ainda a busca pela informação como um exemplo de atitude cidadã.

Perguntamos também para estes alunos se eles compartilharam estes exemplos de práticas de cidadania na rede social Facebook e o resultado ficou dividido, oito alunos compartilharam e oito alunos não compartilharam. Foi perguntado por que os adolescentes não compartilharam a prática de cidadania no Facebook e os motivos estão categorizados na Tabela 23.

**Tabela 23:** Frequência das categorias sobre os motivos pelos quais os adolescentes não compartilharam atitudes de cidadania no Facebook

<b>Categorias</b>	<i>f</i>	<b>%</b>
-------------------	----------	----------

Não achou necessário	8	80
Não lembrou	1	10
Não acessa o Facebook	1	10
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2013.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 80% de argumentos, os alunos responderam que não consideraram o compartilhamento necessário. Com 10% de frequência e apenas um argumento cada, os adolescentes afirmam ainda que não lembram e que não acessam o Facebook.

Conforme dados, não obtivemos respostas com atitudes críticas e de participação ativa dos adolescentes na sociedade. De acordo com Ferreira (1993, p. 221), a educação para a cidadania é sustentada pela premissa da passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, como “forma de retirar dos indivíduos a ingenuidade que lhes impede de discernir o foco da sua dominação.” Os adolescentes não exprimiram o conceito de cidadania como o direito de participar de decisões coletivas e políticas que os afetam.

Nesse sentido, a mídia-educação pode ser um caminho para a construção do conhecimento e de práticas cidadãs, principalmente aos adolescentes em idade escolar. É importante ao jovem também ter a percepção sobre sua realidade para ele se preparar para cidadania e ser um agente de mudanças na sociedade que estão inseridos (BALEIRO, 2004; SCHMIDT, 2006).

Assim, os atrativos das ferramentas da Web 2.0 aliados aos objetivos da mídia-educação podem contribuir no desempenho da escola em cumprir umas de suas funções de formar cidadãos críticos e participativos na sociedade. Percebe-se que o cenário atual da mídia e da sociedade, tem afetado a educação em três sentidos, conforme explica Rivoltella (1997), do ponto de vista alfabético, metodológico e crítico. Deste modo, é necessário que a educação trabalhe a linguagem das mídias para assegurar seu conhecimento e uso, já que as mídias são protagonistas de interação social e transmissão de cultura; à educação cabe também mediar esse relacionamento, pois a mídia é um novo ambiente cultural, e por fim, é fundamental uma consciência reflexiva e responsável sobre a mídia, uma vez que ela não é somente suporte, mas também cultura.

Como um aprofundamento de análise dos dados foi realizado uma segunda fase de coleta de dados, com objetivo de se aproximar do objeto da pesquisa. Os dados obtidos e a discussão estão no tópico seguinte.

## 7.2 Resultados obtidos e discussão da entrevista semidirigida

Para iniciar a entrevista semidirigida foi apresentado um vídeo sobre a Copa do Mundo do Brasil para motivar os alunos a participar do debate. As questões debatidas são estratégias metodológicas e não respondem diretamente a nenhum objetivo da pesquisa. Assim, a primeira questão visa compreender o que mais chamou a atenção dos adolescentes no vídeo para iniciar o debate e as respostas estão categorizadas na Tabela 24.

**Tabela 24:** Frequência das categorias sobre o conteúdo que mais atraiu a atenção dos adolescentes sobre o vídeo da Copa

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Ética no país	19	59,4
Atuação ineficiente da mídia	7	21,9
Atitude da população sobre as manifestações	6	18,8
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 59,4% de frequência, a maioria de argumentos revela que o que mais chamou a atenção dos adolescentes foi sobre a ética no país. Como exemplo dessa categoria temos:

**A. 5:** *Que eles conseguiu o dinheiro para fazer o estádio né, e pra saúde e educação não conseguiram.*

**A. 1:** *É muito mais fácil eles verem a realidade que eles vivem do que as outras pessoas que estão do outro lado vivem.*

**A. 2:** *O negócio é o seguinte né, eles fizeram a Copa porque?! Os cara rouba para construir um prédio é pouco, agora eles roubaram um monte, milhões para construir os estádios, por isso que o caras fizeram esse “baguio” também, os caras não é burro né?! Os caras construíram estádios pra roubar tudo que tem aí pô....*

**A. 3:** *É! Eles não estão pensando na gente né, eles só estão pensando no umbigo deles né?! Porque se eles tivessem pensando na população brasileira essa Copa não tinha existido.*

Para os adolescentes um dos assuntos que chamou a atenção foi a atuação ineficiente da mídia, com 21,9% de frequência nessa categoria, conforme os exemplos:

**A. 3:** *Eles esconderam muito a verdade né? Eu não sabia das outras coisas, das outras notas que estavam saindo (referindo-se às notícias divulgadas no vídeo), eu não sabia disso.*

**A. 1:** *É existem muitas coisas que a mídia não divulgou.*

**A. 6:** *houve manifestação na Copa, só que a mídia não mostrou.*

**A. 10:** *só que a mídia não colocou...*

A atitude da população sobre as manifestações antes e durante a Copa do Mundo foi outro assunto que chamou atenção dos alunos, com 18,8% de frequência, conforme podemos analisar nos seguintes argumentos:

**A. 8:** *Aquelas manifestações de julho, eu não tinha visto daquele jeito (referindo-se ao vídeo), mas também depois que aquelas manifestações acabaram, o povo também acabou, ficou parado lá, não continuou o que ele queria fazer.*

**A. 7:** *Teve as manifestações, o povo tentou ir atrás dos direitos, mas quando acabou, ficou por isso mesmo, ninguém pensou de ir atrás, ninguém pensou em tomar uma atitude, ir atrás daquilo que eles tavam reivindicando tanto nas manifestações quanto nos anteriores.*

**A. 8:** *é, na Copa seria o momento perfeito pra eles porque o mundo todo estaria assistindo.*

A questão seguinte buscou aprofundar o que os adolescentes compreendem por cidadania e as respostas foram categorizadas na Tabela 25.

**Tabela 25:** Frequência das categorias sobre o que é cidadania para os adolescentes.

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Críticas às desigualdades sociais que prejudicam o exercício cidadão		
Relação do direito do cidadão com o poder aquisitivo	7	23,33
Ética na política	6	20
Falta atitude ativa da população	2	6,67
<b>Subtotal</b>	<b>15</b>	<b>50%</b>
Direito do cidadão	7	23,33
Dever do cidadão	5	16,67
Ajudar o próximo	1	3,33
Genérico	2	6,67
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 50% de frequência a primeira categoria revela os adolescentes compreendem a cidadania apontando as desigualdades sociais que existem na sociedade e que prejudicam o exercício cidadão. Esta categoria é composta por cinco subcategorias: Relação do direito do cidadão com o poder aquisitivo, Ética na política, Falta de atitude ativa da população, analisadas a seguir.

A relação do direito do cidadão com o poder aquisitivo representou 20% de frequência de argumentos. Os adolescentes percebem que há privilégios para quem tem poder aquisitivo, o que garante a estas pessoas ter os seus direitos como cidadão na sociedade. Nesta subcategoria temos o seguinte exemplo:

**A. 2:** *Bacana aí falar do direito de ir e vir, porque muitas vezes a gente não tem esse direito né?! Porque por exemplo ali, a Copa mesmo foi para quem tem poder entendeu, a maioria ali é quem tem poder aquisitivo né!?*

**A. 5 interrompe:** *Nossa, o ingresso mais de mil reais!*

**A. 2 continua:** *Porque assim, se fosse pro povo mesmo não custaria aquela fortuna!*

**A. 4:** *É! Para o cidadão brasileiro mesmo.*

**A. 2 continua:** *Então o que acontece, eles fizeram a Copa para quem tem poder aquisitivo, para quem pode mesmo. E onde fica esse negócio de poder ir e vir porque é assim, o cara que não tem poder aquisitivo ali não tem como chegar ali então, certo.. Então você não pode mais ir e vir, você não pode mais ir em qualquer lugar nessa bosta!*

**A. 2:** *É, na verdade, quem manda é o dinheiro né?! Então se você tem mais dinheiro do que aquele vagabundo ali, então você manda nele. E assim vai né.*

A ética na política é a segunda subcategoria com 20% de frequência. A cidadania para os adolescentes é revelada pela ausência de uma postura ética por parte dos governantes do país, como podemos observar nos exemplos:

**A. 2:** *ah, Dilma rouba*

**A. 4:** *Quando o Lula tava lá também roubava, todo mundo que entrar lá vai roubar também...*

**A. 2:** *Acontece também uma certa cadeia aí entendeu, porque se o cara chega lá e ele quer fazer tudo certinho naquela bagaça, ele não vai poder fazer isso porque é essa bosta de roubalheira aí! Se o cara ele quer fazer tudo certo duas coisas vai acontecer com ele, ou ele vai cair dali ou ele vai morrer porque os cara não quer tudo certinho, os cara quer que o negócio prossiga faturando pra eles entendeu, então se os cara falar assim, vamos distribuir bem essa renda aí, os cara fala opa, isso aí não tá errado, mas dá com uma mão e tira com a outra, igual o bolsa família que eles dão lá pros cara, aí fala nossa, ganhei bolsa família como o governo é bom, aí quando a pessoa chega no mercado lá, um saco de arroz é dezão, nossa, o meu bolsa família já foi então!*

**A. 3:** *é... tira de um lado e coloca do outro.*

**A. 4:** *o que eles fazem ali é só roubar o povo né, porque a única coisa pra mim que ele soube fazer, todos eles não só a Dilma é isso.*

Os adolescentes revelaram também que a cidadania é a falta uma atitude ativa da população, compondo essa subcategoria com 6,67% de frequência, com dois argumentos:

**A. 2:** *ah, Dilma rouba e nós fica quieto... porque disseram que o país acordou, mas...voltou a dormir de novo. (atitude da população)*

**A. 3:** *É, isso aí não envolve só a Dilma não, isso aí envolve a população inteira... e as pessoas carentes mesmo, que não tem noção disso aí, vota tudo nela, nesse bolsa família, por causa de outras coisas...*

A segunda categoria encontrada indica que cidadania para os adolescentes é o direito do cidadão, com 23,33% de frequência de argumentos:

**A. 1:** *a cidadania é o direito do cidadão, é o direito de ir e vir, o direito de liberdade, os nossos direitos*

**A.5:** *é o direito de ir e vir...*

Com 16,67% de frequência, o direito do cidadão é para os adolescentes cidadania e os exemplos dos argumentos são:

**A.1:** *os nossos deveres, então a gente tem que tá na frente liderando...*

**A. 8:** *participar da vida política do país, se importar com as coisas, com os outros, não ser só com você, com o que você tiver*

**A. 2:** *para mim antes da Copa era só ir lá, votar e pronto, você fazia seu papel de cidadão. Mas depois da Copa pra mim pelo menos, assim, mesmo que você não goste, você tá informado em assuntos políticos, educação, saúde, tudo que envolve o mundo é importante porque às vezes você vai lá, acabando votando mas não sabe o porquê que aquela pessoa está lá, não sabe qual objetivo daquela pessoa, não sabe...*

Com apenas 3,3% de frequência representando um argumento, os adolescentes revelaram também que cidadania para eles é ajudar o próximo:

**A. 5:** *ser cidadão é também ajudar o próximo né?*

Os dados obtidos nessa questão indicam que os adolescentes iniciam um debate mais reflexivo sobre o tema cidadania, como desigualdade social, questões éticas na política e expressam uma visão de que a sociedade deve ter uma postura pró-ativa com relação à busca dos direitos e deveres. No entanto, percebe-se que são temas muito relacionados às questões da realização da Copa do Mundo no Brasil, momento em que vivenciaram logo quando foi realizada a coleta de dados.

Conforme relata Vasconcelos et al (2014), a cidadania é uma prática que deve ser consciente e ativa, e também construída na esfera de uma comunidade política, com a possibilidade de influenciar e decidir (ALMEIDA, 2009; BENEVIDES, 2004; LAFER, 1997).

Desse modo, os assuntos levantados pelos adolescentes são ainda temas debatidos pela mídia, e os dados não indicam um olhar crítico e consciente deles sobre o conceito cidadão.

A questão seguinte teve como finalidade aprofundar sobre o tema cidadania e como este exercício ocorre no cotidiano dos adolescentes, conforme podemos analisar na Tabela 26.

**Tabela 26:** Frequência das categorias sobre como o exercício cidadão acontece no dia a dia dos adolescentes.

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Críticas sobre o papel da educação		
Educação não é eficiente	10	13,16
Obrigatoriedade de estudar	4	5,26
Professores desinteressados	3	3,95
Alunos desinteressados	3	3,95
Falta de professor na escola	2	2,63
Críticas sobre a reforma na escola	2	2,63
Drogas na escola	1	1,32
<b>Subtotal</b>	<b>25</b>	<b>32,89</b>
Voto	14	18,42
Atitude pró-ativa da população	12	15,79
Educação	9	11,84
Atuação ineficiente dos políticos na sociedade	7	9,21
Meio ambiente	6	7,88
Atuação da mídia na sociedade	3	3,95
<b>Total</b>	<b>76</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 32,88% de frequência a primeira categoria encontrada revela que os adolescentes possuem críticas sobre o papel da educação que prejudicam o exercício da cidadania em vários aspectos. Essa categoria foi dividida em sete subcategorias: Educação ineficiente, Obrigatoriedade de estudar, Professores desinteressados, Alunos desinteressados, Falta de professor na escola, Críticas sobre a reforma na escola, Drogas na escola.

A subcategoria Educação ineficiente representou 13,16% de frequência. Como excertos temos:

**A. 4:** *então mas pra passar não precisa nem prestar muito atenção, é muito fácil passar de ano...é muito fácil*

**A. 3:** *Parece que eles tão querendo se livrar!*

**A. 3:** *se você só vim fazer a tarefa não precisa nem tirar as melhores notas, você passa.*

**A. 5 interrompe:** *só ter presença que você já passa!*

**A. 4 continua:** *é você passa, se você tá vindo para eles, se você tá vindo na escola você tá aprendendo.*

A obrigatoriedade de estudar foi a subcategoria encontrada com 5,26% de frequência e indica que os alunos consideram que o ensino não deveria ser um dever, já que os alunos estão em sala de aula cumprindo apenas uma obrigação, conforme podemos analisar no exemplo:

*A. 3: só que eu acho que estudar não devia ser um direito, devia ser da pessoa, ah, não, não quero, entendeu! Isso, de forçar, por mais que, ah, mas é menor e tal vai pro conselho tutelar, eu acho que isso aí é horrível, só serve para atrapalhar quem quer aprender entendeu, acho que a escola deveria ser como se fosse um hobby vai quem gosta entendeu, talvez de 40, 30 não quer, mas 10 quer né, e talvez esses 10 que vai fazer a diferença, lá na frente mostrarão para aqueles que não quiseram estudar né, como seria bom se ele tivesse estudado. Então a minha opinião nesse negócio de forçar, que se não for pra escola dá problema para os pais e tudo, acho que isso aí é um equívoco entendeu, acho que deveria estudar só quem quer, quem tem um certo objetivo, quem quer aprender.*

Os adolescentes também realizam críticas quanto aos professores desinteressados, compondo essa subcategoria com 3,95% de frequência e os seguintes excertos:

*A. 3: tá todo mundo pensando no seu próprio umbigo entendeu, talvez se não tivesse pensando no salário que tá baixo, talvez pensar assim, vamos ensinar pra eles como vai andar a carruagem, mas foi um desastre esses protestos, entendeu, tá tudo errado...*

*A. 1: e também qual é o professor que queria dar aula com poucas folgas, um salário baixo mesmo, uma sala que quase 10% quer prestar atenção, qual é o professor que quer vir, digamos, para um inferno desse?*

Outra crítica apontada pelos adolescentes foi sobre os alunos desinteressados, com 3,95% de frequência, o mesmo número de argumentos da subcategoria anterior:

*A. 7: tem alunos que chega a ser até ignorante né, não respeita o próprio ambiente, depreda tudo, faz pixação...*

*A. 9: pixação nos muros meu é o que mais tem!*

*A. 6: é que parece que ainda não entrou na cabeça deles que quem paga tudo isso são os pais deles...eles vão falar, putz, porque eu fiz aquilo na minha época de escola*

*A. 7: é, porque eu fazia isso quando eu estudava!*

*A. 6: ou às vezes nem vai pensar porque vai virar traficante, bandido...é o normal dessa escola.*

Para os adolescentes a falta de professor na escola com 2,63% de frequência também é considerada uma crítica e algo que eles compreendem como uma aspecto da cidadania que ocorre no cotidiano deles. Como exemplos temos:

**A. 5:** *aqui nem tem professor na escola! É que assim a gente vem pra escola estudar, mas ela pára, a gente chega aqui mas não tem professor, aí também a educação fica ruim né...*

Houve críticas sobre a reforma da escola, algo pontual que os alunos vivenciaram na escola, com uma frequência de 2,63% de argumentos nesta subcategoria:

**A. 7:** *que nem quando fez a reforma da escola*

**A. 6:** *o que que reformaram?*

**A. 10:** *não reformou nada!*

**A. 7:** *fizeram uma escada, um negócio de concreto ali... pra ocupar espaço e ficou por isso mesmo!*

**A. 6:** *eu nunca vi esse elevador pegar e também nunca vi ninguém usar.*

**A. 10:** *eu também não!*

**A. 6:** *E também não tem nenhum cadeirante, eu duvido que um cadeirante passe nessa porta, acho que trava as rodas.*

Sobre como ocorre a cidadania do dia a dia, os adolescentes apontam críticas também sobre drogas na escola, sendo a última subcategoria encontrada com 1,37% dos argumentos:

**A. 1:** *[...]eu acho que a situação é bem pior na escola do que na rua! Os pais acham que os filhos estão seguros na escola, mas o que acontece, às vezes o aluno não fuma maconha em casa, só que ele vem pra escola pra fumar.*

**A. 3:** *e aprende lá na escola entendeu!*

A próxima categoria com 18,42% de frequência em argumentos aponta que o voto é um exemplo de exercício cidadão que ocorre no dia a dia deles.

**A. 3:** *[...] Mas o ponto principal disso aí começa pela gente mesmo, desde o nosso voto, porque tem gente que vende o voto por um saco de arroz né...*

**A. 2:** *[...] o bacana é que o pessoal fala assim, vou votar em qualquer um, aí chega depois mais tarde, tá pior, aí os caras, eles começam a fazer essa bosta de protesto, vem um desgraçado e começa a quebrar tudo.*

**A. 6:** *[...] então tipo, eu sempre quis ser adulta pra fazer isso, só que hoje se eu fosse pensar eu queria voltar a ser criança, porque quando eu ia votar, qualquer cara que fizesse qualquer gracinha como o Tiririca fez, fez uma música, todo mundo achou o máximo, que nem da maçã do amor, ele não tinha estudo, não tinha nada e ainda falei pro meu pai, vota nele, ele é engraçado! Hoje eu falo pro meu pai, a gente não podia ter votado nele, meu pai não votou, lógico, mas que nem eu falei, eu se eu tivesse ido na urna eu teria colocado ele pelo fato dele fazer uma graça, eu achar engraçado!*

Os adolescentes consideram que a cidadania ocorre no cotidiano deles pela atitude pró-ativa da população, categoria composta com 15,79% de frequência, com os seguintes exemplos:

**A. 1:** [...] *é muito mais bonito a gente estudar a situação, saber falar e argumentar com critérios interessantes que tornem a situação diferente para melhor, porque tudo isso que a população fez pra Copa eu não vi nada que paralisou eles.*

**A. 3:** [...] *Mas o ponto principal disso aí começa pela gente mesmo,[...] eu não julgo só a Dilma, julgo primeiro nós, entendeu...cidadãos...*

Com uma frequência de 11,84%, a educação foi outra questão levantada sobre a cidadania no dia a dia deles, apontada pelos adolescentes como um caminho para a cidadania.

**A. 1:** [...] *um dos nossos meios é o estudo, da gente mudar a história é para ir pra escola, mesmo que seja defasada, mesmo que seja...*

**A. 4 completa:** *uma porcaria né!*

**A. 1:** *mas seria começar a mudar né...seria o início mesmo que demore um tempo, mas pelo menos a gente cria experiências, coragem né, atitudes, para conseguir chegar e pelo menos não mudar toda história, mas pelo menos fazer alguma coisa que já sirva para melhorar para algumas pessoas melhorar o mínimo...mas que já mude pra alguém.*

**A. 2:** [...] *então o ponto que eu queria chegar é o seguinte, por exemplo, essa pessoa não vem pra escola só que ela vai começar a roubar mais cedo entendeu, então o que acontece, a pessoa que ela tá trabalhando, começa a trabalhar, tenta fazer seu esforço aí vai ser bem maior o número de ladrão do que dessas pessoas que pelo menos vão pra escola e tentaram aprender alguma coisa ou não aprenderam nada, mas pelo menos tava ali!*

Os alunos apontam também que atuação ineficiente dos políticos com 9,21% de frequência, é também o que eles vivenciam sobre cidadania no cotidiano. Alguns excertos dessa categoria:

**A. 6:** [...] *se eu fosse vereadora ou presidente, eu não deixaria fechar a Santa Casa que fechou em São Paulo, porque São Paulo é uma cidade, é um país praticamente de tão grande que é lá, ficar sem um hospital, ridículo isso. Falar que falta tecidos?*

**A. 7:** *ainda mais que está precisando de hospital.*

**A. 6:** *Se está precisando, pede pra outras cidades, outras cidades pode até tá sobrando, não vai tar em falta, a quantidade que tem pode ajudar os que tão lá dentro, os que vão vir ainda, acho ridículo.*

O meio ambiente com 7,88% de frequência em argumento. Os alunos revelam que a preocupação em jogar o lixo no lixo é apontada como uma atitude de cidadania que ocorre no dia a dia deles:

**A. 7:** [...] *às vezes eu vejo assim, muitas pessoas acha que é uma coisa besta, mas você pegar o papel que está no chão e jogar no lixo, você tá praticando a cidadania, porque se você pegar o costume de fazer isso, você vai ensinar pro seu filho, o seu filho vai ensinar pro filho dele e assim vai. E as pessoas vão perceber que jogar o papel no lixo, não deixar o ambiente sujo, não prejudicar a imagem do país, que é um país sujo.*

**A. 7:** *não só em SP, mas em muitas cidades do Brasil também você olha assim na rua, você não consegue nem olhar a calçada você só vê lixo, mesmo com as pessoas que limpam a rua você vê o lixo. Se você faz sua parte, vamos supor, você comeu um salgadinho, você joga o papel do*

*salgadinho do lixo, não parece, mas isso ajuda muito. Nossa, faz uma diferença enorme.*

**A. 6:** *agora até tem uma lei que se jogar toma uma multa, só que eu nunca vi ninguém sendo aplicado, eu já vi um monte jogando papéis.*

A última categoria com 3,95% de frequência revela que os alunos percebem que a atuação da mídia na sociedade não é eficiente, característica sobre cidadania que ocorre no cotidiano deles, conforme argumentos:

**A. 6:** *[...] E foi bom porque a mídia passou, porque às vezes ela ia esconder isso, passou a Globo. A Globo é uma das empresas que mais esconde as coisas do povo.*

**A. 7:** *que mais esconde o que mais mostra, é uma coisa assim até meio sem sentido né, porque a Globo mostra tanta injustiça, mostra hospital, mostra a falta de problema em escola, essas coisas assim, mas a Globo esconde tanta coisa que às vezes você para e olha assim, não faz sentido!*

**A. 8:** *só mostra o que é conveniente pros partidários políticos dela.*

Os dados revelam que o exercício cidadão não ocorre no dia a dia dos adolescentes de forma efetiva. Para eles, o conceito se faz presente no papel da educação, momento em que apresentam críticas sobre o que ocorre no cotidiano escolar. Contudo, eles percebem a educação e o voto como características deste exercício na vida deles, acreditam que a população deve ser mais atuante na sociedade, relatam que existe uma ineficiência da política e também da mídia no país, e por fim, entendem que as questões ambientais, como jogar lixo no lixo é uma prática cidadã presente no dia a dia deles.

Os adolescentes não demonstram um exercício efetivo e não se reconhecem como atores importantes de mudanças para a construção de uma sociedade que conquista seus direitos. Baleeiro (2004) destaca que é importante ao jovem ter essa percepção sobre sua realidade, sendo uma oportunidade para ele agir e exercer a cidadania.

No entanto, eles não demonstram uma postura crítica e a cidadania não é percebida como um exercício e espaço de enriquecimento de formação do ser, de homens produtores de culturas e de conhecimentos (PRETTO, ASSIS, 2008, p. 81). Tais questões podem gerar uma apatia política ou distanciamento dos jovens para tomarem atitudes com relevância social em busca de uma democracia participativa. Conforme afirma Pretto e Assis (2008), deve-se fortalecer a perspectiva de análise da realidade para que os sujeitos ocupem um espaço significativo de poder e exerçam sua capacidade de transformá-la a partir das condições constituídas historicamente.

A questão seguinte busca identificar se os adolescentes consideram que a Internet contribui no exercício cidadão. O grupo respondeu que sim, que ela pode contribuir, e os motivos estão categorizados na Tabela 27.

**Tabela 27:** Frequência das categorias sobre os motivos que os adolescentes consideram que a Internet contribui no exercício cidadão.

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Utilizando a ferramenta corretamente	5	29,41
Buscando informações (genéricas ou de conteúdos escolares)	5	29,41
Avaliação negativa	3	17,65
Mostrando informando não divulgadas pela mídia	2	11,76
Participação em ferramentas de interação	2	11,76
<b>Total</b>	17	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Com 29,41% de argumentos, os adolescentes dizem que a Internet contribui se utilizada corretamente, conforme exemplos:

**A. 2:** *Ajuda bastante, se você procurar pelo menos né coisa boa porque se não você não acha, mas se você procurar.*

**A. 1:** *tudo é relativo, tudo tem o bem e o mal, acho que a internet também é relativa, tem o bem e o mal, aí volta naquela conversa que a gente disse, aí vai da pessoa querer saber usar.*

**A. 4:** *Claro! A gente vê tantos encontros aí né, a pessoa acaba fazendo (não acaba a frase)... a internet é pra quem sabe usar né?! Na minha opinião é pra quem sabe usar.*

Buscar informações, tanto genéricas quanto de conteúdo escolar é um dos motivos pelos quais os adolescentes acham que a Internet contribui no exercício cidadão, com o mesmo número de argumentos da categoria anterior, 29,41% de frequência, com os seguintes exemplos:

**A. 3:** *[...] quando eu ouço alguma notícia na televisão que eu não entendo né, que é de meu interesse, uma certa curiosidade, eu sempre procuro na Internet.*

**A. 1:** *não só para os estudos, eu tenho muita curiosidade, se eu tenho alguma marca de roupa pra ver, algum aparelho, alguma novidade assim, eu utilizo a internet para qualquer pesquisa assim, desde que faça meu interesse aumentar.*

**A. 6:** *[...] tipo, se tem textos e perguntas aqui da escola e eu não entendi eu procuro na internet, lá explica, às vezes tem a resposta tudo, mas tipo, pra*

*eu entender tudo eu prefiro a internet, eu acho que fica mais claro pra mim! Tem mais clareza que, claro que com professor também é mais fácil porque ele tem conhecimento, mas às vezes do jeito que ele explicou eu não entendi, agora do jeito que eu leio sozinha o que outra pessoa coloca eu aprendo.*

Os adolescentes realizam também uma avaliação negativa da Internet, com 17,65% de frequência apontando que a Internet pode contribuir de alguma forma negativa na sociedade, como seguem os excertos:

**A. 5:** [...] e também, por causa que a internet fala assim, vamos fazer uma rebelião lá no shopping, aí vai todo mundo...

**A. 6:** igual site de relacionamento, fala que é uma coisa é outra!

Com 11,76% de frequência, a Internet é considerada pelos adolescentes uma ferramenta que mostra informações que não foram divulgadas pela mídia conhecida por eles, por isso é um consideram que a ferramenta contribui no exercício cidadão:

**A. 6:** [...] muitos internautas que não mostram, que eles ficam como autores desconhecido, mostra o que muito as mídias fazem, todos querem ver o que tá acontecendo.

**A. 8:** o Anonymous, apesar de não concordar com várias coisas que eles fazem, eles tem uma ideologia muito boa pra ajudar o próximo e eles são baseados na internet.

Com a mesma frequência, 11, 76%, os adolescentes dizem que a Internet possibilita a participação em ferramentas de interação, como blogs e fóruns, por isso contribui no exercício cidadão conforme exemplos:

**A. 2:** Ajuda bastante, porque se você for pegar bastante aqueles blogs, existe lugares aí que os caras faz bate-papo aí, até mesmo ao vivo, você manda as pergunta pra ele, ele responde pra você, onde você pode se interessar um pouco mais desses assunto.

**A. 8:** tem os fórum de discussão com todo mundo, dá sua opinião, vê, compara com a dos outros e entra num consenso sem precisar dar uma facada na pessoa!

Os adolescentes apontam que a Internet contribui com o exercício cidadão e afirmam que a ferramenta os apoia neste desenvolvimento, porém, indicam que ela deve ser usada corretamente e que buscam informações sobre conteúdo escolares, curiosidades, e até mesmo assuntos que a mídia tradicional não divulgou. Os alunos dizem que a Internet possibilita também interações, e advertem sobre o que a ferramenta pode ocasionar também de maneira negativa. Os dados mostram que os alunos utilizam a Internet e conseguem aprender com a ferramenta. De acordo com Belloni (2010) a cultura jovem é essencialmente audiovisual, o

que atraído os jovens a participarem desses ambientes por ser mais fascinante do que a televisão.

Nesse contexto Lopes e Zuin (2013, p. 633) alertam que em um mundo movido a tecnologias é necessário pensar que elas não são neutras, e conforme afirmam os autores, a tecnologia pode ser utilizada para construir ou destruir a percepção de mundo. Assim, Pretto e Assis (2008) afirmam que é necessário entender as tecnologias em sua plenitude, como produtoras de história das relações humanas e sobretudo o modo como estão sendo utilizadas na esfera educacional.

Contudo, os atrativos da Web 2.0 potencializaram a produção e circulação de informações, a construção social e de conhecimento, destacando-se pela estrutura integrada de funcionalidade (PRIMO, 2007; O'REILLY, 2004), confirmando que são nestes ambientes que os jovens se divertem, participam, buscam informações, mantêm relacionamentos (BELLONI, 2010; BELLONI, GOMES, 2008; MAMEDE-NEVE, DUARTE, 2008).

A questão seguinte busca aprofundar a utilização do Facebook pelos adolescentes para a finalidade cidadã. Quando indagado se eles realizam a ferramenta para o exercício cidadão, o grupo responde que sim e os motivos pelos quais eles utilizam estão categorizados na Tabela 28.

**Tabela 28:** Frequência das categorias sobre os motivos do uso do Facebook para a finalidade cidadã.

<b>Categorias</b>	<b><i>f</i></b>	<b>%</b>
Utilizando as ações de interação da ferramenta Facebook		
Compartilhando mensagens	7	31,82
Visualizando a timeline	6	27,27
Curtindo	6	27,27
Postando/Vendo fotos	3	13,64
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

Os adolescentes indicam que o motivo pelo qual eles utilizam o Facebook para a finalidade cidadã é pela possibilidade de interação que a ferramenta oferece. Essa categoria foi dividida em quatro subcategorias: Compartilhando imagens, Visualizando a timeline, Curtindo e Postando fotos.

Os alunos compartilham mensagens no Facebook com 31,82% de frequência, com sete argumentos:

**A. 5:** [...] *tipo compartilha assim, se a pessoa tá precisando de um sangue aí compartilha.*

**A. 3:** *é! Aquela mãe lá que morreu e deixou as criancinhas gêmeas tava precisando de leite, tudo assim que mexe comigo assim, eu compartilho.*

**A. 2:** [...] *até compartilho sim entendeu, ah, sei lá... quando tem alguma coisa massa.*

Visualizar a timeline foi a segunda subcategoria encontrada com 27,27% de argumentos, conforme exemplos:

**A. 3:** [...] *na verdade a gente entra pra procurar, mas eu geralmente só vou visualizando o que os outros vão colocando né.*

**A. 5:** *ah, eu só visualizo tudo o que os outros colocou.*

Com a mesma frequência de argumentos 27,27%, os adolescentes revelam que também curtem fotos, sendo um dos motivos que eles utilizam o Facebook para a finalidade cidadã:

**A. 3:** [...] *you pode curtir se você estiver muito triste!*

**A. 1:** [...] *seria mais legal se eu curtisse e colocasse uma mensagem porque eu curti, eu me importei com ela*

**A. 2:** *sim!*

**A. 1:** *eu mostrei interesse e colocar uma mensagem e tal.*

Postar fotos foi a última subcategoria encontrada com 13,64% de frequência, conforme excertos:

**A. 4:** *Ultimamente tá mais pra postar foto.*

**A. 1:** *E também fotos, eu gosto de ver fotos bonitas, você vê uma pessoa bonita já é mais legal, você até curte porque você gostou, porque você se sentiu bem com aquela foto daquela pessoa.*

**A. 4:** *Os lugares também, estou aqui em tal lugar, às vezes você não conhece, mas aí acaba conhecendo por causa da foto né que pessoa foi e tirou!*

Os adolescentes consideram que ações como compartilhar mensagens, frase, curtir, postar fotos, são práticas cidadãs e entendem que fazer este uso já é participativo, não demonstrando um exercício efetivo. Dessa forma, conforme afirma Lopes (2013), deve-se compreender que nesta relação do adolescente com a mídia é necessário considerar a apropriação reflexiva e superar as barreiras da espetacularização do eu, ou seja, é necessário tratar as contradições que as novas tecnologias trazem sejam criticamente focadas e consideradas, já que se não forem problematizadas, pode se instalar e propagar uma situação de conformismo. Segundo Lopes (2013), é neste ponto que nascem as chances de diálogo

entre educação e tecnologias digitais, ferramentas que podem ser utilizadas a favor da formação de sujeitos como seres humanos críticos.

Na sequência foi perguntado quais os temas os adolescentes mais buscam no Facebook e as respostas estão categorizadas na Tabela 29.

**Tabela 29:** Frequência das categorias sobre os temas buscados no Facebook.

<b>Categorias</b>	<i>f</i>	<b>%</b>
Entretenimento	11	84,62
Avaliação sobre o comportamento de pessoas Facebook	2	15,38
<b>Total</b>	13	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

O tema mais buscado pelos adolescentes é de entretenimento com 84,62% de argumentos nesta categoria, conforme exemplos:

**A. 2:** [...] *ah, mais coisa engraçada né?!*

**A. 10:** [...] *eu entro muito à toa*

**A. 7:** [...] *eu gosto de curiosidade...*

**A. 8:** [...] *eu gosto muito de tirinhas...*

Os adolescentes realizam também uma avaliação sobre o comportamento de pessoas no Facebook, com 15,38% de argumentos:

**A. 6:** [...] *you só vê depressão lá, menina de 12 anos falando que vai se matar porque tal cara não quer mais ela, que a Barbie dela rasgou...tipo tem menina que eu aceitei, que eu conheço assim com 8, 9 anos, cara quando eu tinha 8, 9 anos eu brincava na rua descalça, estourava o dedão correndo.*

**A. 7:** *hoje tem um monte de grávida.*

**A. 6:** *pelada.*

A última questão foi se os jovens encontram algo ruim no Facebook. O grupo responde que sim, e os motivos deles acharem algo ruim estão categorizados na Tabela 30.

**Tabela 30:** Frequência das categorias sobre o motivo dos adolescentes acharem algo ruim no Facebook.

<b>Categorias</b>	<i>f</i>	<b>%</b>
-------------------	----------	----------

Exposição	6	42,86
Privacidade	5	35,71
Falsidade	2	14,29
Perde tempo	1	7,14
<b>Total</b>	14	100%

**Fonte:** organizado pela autora, a partir da coleta de dados, 2014.

\* A frequência refere-se ao número de argumentos e não ao número de sujeitos participantes.

A exposição, com 42,86% de argumentos indicam que este é um dos motivos que os adolescentes encontram algo ruim no Facebook, conforme exemplos:

**A. 1:** [...] *eu acho que, uma coisa que eu não gostei, eu não preciso colocar lá, me expor, marcar ela ainda, acho que isso é encrenca desnecessária. Se você não gostou, não curte, ignora*

**A. 3:** [...] *a pessoa se expõe muito também.*

**A. 6:** [...] *acho que o Face expõe muito, a pessoa não deveria se expor tanto.*

Com 35,71% de frequência, os adolescentes apontam a privacidade como algo ruim do Facebook:

**A. 1:** [...] *o que ela vai comer no almoço, ela coloca o que ela vai comer no almoço, se ela vai ao banheiro ela posta que vai ao banheiro.*

**A. 3:** *posta foto pelada!*

**A. 5:** *tem gente que fica o dia inteiro, ah to fazendo comida pro marido, ah eu vou cuidar do filho aí coloca..coloca tudo!*

**A. 7:** [...] *coloca muito a privacidade...*

**A. 6:** [...] *na sexta-feira coloca assim, dei não sei pra quem, fiz isso não sei na onde, na festa tal...aí no sábado, ninguém me ama, ninguém me quer, só queria o respeito, ah queria sim, na noite passada.*

A falsidade é apontada com 14,29% de frequência, com dois argumentos:

**A. 5:** [...] *tipo, fake né?! Bastante homem faz fake, ah eu sou assim, a menina vai e se interessa e acaba não sendo assim, marca encontro, acaba acontecendo tudo aquilo...*

**A. 8:** [...] *falsidade também*

Com apenas 7,14% (um argumento), os adolescentes consideram que o Facebook também oferece algo ruim pela perda de tempo:

**A. 8:** [...] *acho que tem mais tempo para o Facebook, do que pra casa, pro lazer.*

Os dados revelam que os adolescentes utilizam o Facebook especificamente para entretenimento; no entanto, diante da utilização da rede há também uma avaliação de comportamento daquelas pessoas que não utilizam a ferramenta da maneira como acreditam que deve ser usada. Os adolescentes utilizam e participam das ferramentas da Web 2.0,

porém, quando questionado o conteúdo que eles buscam na rede social os dados apontam que eles a utilizam de forma superficial, na maior parte das vezes para o entretenimento.

Percebe-se neste ponto a característica da Sociedade do Espetáculo (DEBORD, 1997) e a mídia funcionando como um instrumento poderoso do espetáculo, que seduz e consome o tempo com uma falsa realidade, não sobrando tempo para o indivíduo absorver e refletir o conteúdo gerado e transmitido. Desta relação mediada por imagens, forma-se o ciclo de sujeitos sem criticidade, conformados com a realidade que lhes é apresentada (DEBORD, 1997).

Contudo, mesmo diante de uma sociedade espetacular, com a presença da mídia no cotidiano, a internet permite ao jovem hoje ocupar uma posição de protagonista, capaz de conduzir também seu processo educativo. Belloni (2012) diz que a mídia-educação é uma ação efetiva para incentivar crianças e adolescentes a enfrentar os desafios trazidos pela internet e formar cidadãos mais críticos. Dessa forma, as ferramentas da Web 2.0 se aliadas aos objetivos educacionais podem colaborar nesta formação e participação ativa na sociedade (BELLONI, 2012; FANTIN, 2005; RIVOLTELLA, 1997).

Outro fator que favorece uma ação de participação é a atuação na rede, que não é constituída apenas de informações, mas de pessoas que se relacionam, estabelecem contatos sem limites geográficos. De acordo com Scandolaro (2011) é pelo ciberespaço que a cibercultura desenvolve uma base para os indivíduos interagirem e integrarem em rede, favorecendo uma ação de participação e imersão na nova realidade virtual.

Os adolescentes percebem ainda as características negativas do Facebook, como exposição do indivíduo, da privacidade, da falsidade e, por último, sobre a perda de tempo que estar na rede social pode ocasionar. Debord (1997), diz que as relações do indivíduo com a tecnologia foram progredindo e se transformando, mas a capacidade de reflexão do espectador não acompanhou a velocidade das novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Sobre isso Silva (2003) diz que é necessário ao indivíduo adquirir uma capacidade de análise crítica para se inserir ativa e criticamente na sociedade diante de todas as informações divulgadas no cenário da sociedade pós-moderna.

Neste cenário, Lopes (2013, p. 645) diz também que é necessário superar as barreiras da espetacularização do eu, o que significa que é fundamental identificar as imagens não apenas como “algo em si e por si”, mas que se estabeleçam relações entre elas para um amadurecimento de pensamento e ações diante de uma sociedade espetacular, com a presença constante da mídia.

### 7.3 Aproximação entre os dados coletados da 1ª e 2ª fase

Observa-se que os dados coletados na segunda fase da pesquisa corroboram e aprofundam os dados da primeira fase, mais especificamente sobre a representação social dos adolescentes sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que eles possuem.

Constatamos no questionário que os adolescentes utilizam as redes sociais porque elas possibilitam a interação social e o acesso a conteúdos de entretenimento, dados que pudemos confirmar na entrevista, quando os adolescentes afirmaram que utilizam o Facebook na maior parte do tempo para entretenimento. Apesar disso, eles consideram a rede social importante porque permitem a interação social, a circulação de informação de forma rápida e acreditam que a rede social contribui no aprendizado deles porque é uma mídia inovadora e nela eles acessam informações, mantêm vínculos pessoais, aprendem sobre tecnologia, participam de grupos e até mesmo aprendem outro idioma.

No entanto, quando questionado sobre a utilização do Facebook para o exercício cidadão, tanto no questionário quanto na entrevista, os adolescentes revelaram que utilizam as ações que a rede social disponibiliza e não mostram um exercício efetivo. Eles consideram que ações como postar, expressar a opinião, compartilhar mensagens, curtir, são atitudes que eles consideram importantes para exercer a cidadania nesta rede social.

No questionário foi constatado que os adolescentes consideram temas emergentes na sociedade para explicar o que é cidadania, como direitos e deveres, respeito e ajuda ao próximo. No entanto, na entrevista, a discussão foi um pouco mais ampliada e os alunos revelaram uma visão um pouco mais reflexiva sobre a cidadania, apresentando críticas sobre o papel da educação, como professores e alunos desinteressados, drogas na escola, falta de professor, temas vivenciados no dia a dia deles, assim como o voto, já que eles vão participar, pela primeira vez, como eleitores. Outros assuntos mais específicos também foram apresentados na entrevista sobre a cidadania, os adolescentes percebem que é necessária uma atitude pró-ativa da população, que a educação faz parte desse tema, que há uma atuação ineficiente de políticos na sociedade, assim como há ineficiência por parte da mídia em não divulgar assuntos de relevância para a sociedade.

Sobre o efetivo exercício de cidadania, em ambas as fases os adolescentes disseram o Facebook não os levou a tomar alguma atitude na prática, a não ser com ações relacionadas à solidariedade e preservação do meio ambiente, como jogar lixo no lixo.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da mídia na vida dos adolescentes levanta a necessidade de lançar um olhar mais atento sobre as novas possibilidades de interagir e aprender com as TIC, assim como envolver o campo da mídia-educação para maximizar a qualidade com que os jovens têm utilizado estas novas tecnologias, já que elas permitem uma participação mais crítica, ativa e participativa do cidadão (FANTIN, 2011, 2012).

Nesse sentido, esse estudo pretendeu identificar e analisar a representação social de adolescentes matriculados na Escola Estadual Tannel Abbud, do ensino médio do município de Presidente Prudente (SP), sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que eles possuem. Para responder ao objetivo geral delineamos os objetivos específicos e desenvolvemos a análise e coleta de dados por meio de questionário.

O primeiro objetivo específico consistiu em identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano. Constatamos que todos os alunos acessam as redes sociais e ficam conectados nelas de uma a quatro horas por dia, tanto de casa quanto de seus celulares. O que atrai a atenção deles são as novas possibilidades de interação que as ferramentas da Web 2.0 trazem, como o bate-papo, a facilidade de se informar, e a oportunidade de se entreter, com fotos, vídeos, aplicativos de jogos, filmes, entre outros. O conteúdo informativo aparece com um mínimo de frequência e os adolescentes utilizam as redes sociais apenas como uma ferramenta de pesquisa e entretenimento, não reconhecendo as oportunidades de construção de conhecimento que a mídia pode promover. Os dados obtidos demonstram que os adolescentes estão participando, cada vez mais, das redes sociais e, mesmo sem conhecer as potencialidades da mídia, conseguem aprender com elas e percebem que pelas características da ferramenta, há possibilidades de utilizá-las em atividades com foco educacionais.

O segundo objetivo específico visou identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais nas salas de aula dos adolescentes pesquisados. Constatamos que o grupo ficou dividido, metade deles acessa as redes sociais na escola e outra metade não. O grupo que acessa as redes sociais no período escolar revela que a finalidade do acesso é somente para pesquisas escolares ou para bater-papo. No entanto, os adolescentes mostram motivação em utilizar as redes sociais em atividades escolares, dizendo que elas podem apoiar no aprendizado e tornar as aulas mais interessantes.

O terceiro objetivo específico buscou identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook. Verificamos que os alunos compreendem mídias sociais por redes sociais, ambiente que possibilita a interação social, a comunicação, a diversão, o acesso à informação e propaganda. Alguns ainda apresentam indefinições sobre o que é mídias sociais, e outros realizam uma avaliação positiva sobre elas, afirmando que é algo novo e interessante para eles.

Especificamente sobre o Facebook, os adolescentes o reconhecem como uma rede social, um ambiente que eles ficam conectados para interagir com amigos, trocar informações, conversar, e também se entreter. A ferramenta é utilizada pelos adolescentes como entretenimento, interação social, e depois como um canal rápido de circulação de informação, demonstrando que a rede social não é para eles um instrumento de aprendizado e de transformação social.

Porém, os adolescentes percebem as potencialidades da ferramenta, evidenciando que aprendem ao utilizar o Facebook. Os jovens dizem que aprendem ao acessar informações de forma inovadora, interagindo com amigos, aprendem sobre tecnologia, aprendem até mesmo outro idioma e participando de grupos da escola.

O quarto objetivo específico visou identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania. Verificamos que o exercício cidadão é compreendido superficialmente pelos adolescentes, que exemplificaram o conceito com atitudes já muito debatidas pela mídia, como respeitar o próximo, preservar o meio ambiente, agir sem preconceito, ajudar o próximo, educação, saúde, sem externarem uma visão crítica, ativa e transformadora que é o exercício cidadão. Identificamos que o conceito quando motivado com um tema, como a Copa do Mundo no Brasil, os adolescentes conseguem relacionar os assuntos, apresentando um debate um pouco mais reflexivo sobre a cidadania.

Os alunos revelam que o Facebook contribui no aprendizado sobre cidadania. Nesse ambiente eles aprendem a respeitar ao próximo, aprendem com as notícias e com o compartilhamento de conteúdo. Percebe-se então que o aprendizado ocorre também além dos muros da escola, com a tecnologia, com a interação social e também pelos meios de comunicação. Os adolescentes não utilizam as redes sociais para o exercício cidadão, mesmo reconhecendo as possibilidades de participação que o ambiente traz para sociedade contemporânea. Para os jovens o principal atrativo do Facebook é o entretenimento, interação social, ou seja, a manutenção e criação de relacionamentos pessoais.

Assim, os resultados levantados nesse trabalho sobre representação de adolescentes sobre a função da mídia, em especial do Facebook, para a construção de cidadania que eles

possuem, apontam que o Facebook se destaca atualmente na rotina de jovens escolar, ambiente que eles gostam de interagir, colaborar e desenvolver competência. Contudo, o principal atrativo do Facebook para os adolescentes é o entretenimento e a possibilidade de interação social, não sendo utilizado para as questões ligadas à participação ativa na sociedade e ao debate político.

No entanto, a mídia divide hoje com a escola formas de socialização e participam na construção de significados e de nossa compreensão e relação com o mundo. Por isso, abordar conteúdos midiáticos com objetivos mais específicos para apoiar alunos na construção de conhecimento sobre o exercício cidadão pode ser um caminho de mudanças na escola, principalmente para que os jovens desenvolvam um papel mais ativo em relação às mídias, explorando conteúdos vistos ainda apenas como entretenimento.

Os novos espaços de conhecimento propiciados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação impõem desafios para a educação escolar. Por isso, a incorporação e compreensão dessas ferramentas como elementos das transformações que vivemos devem ser consideradas para que a educação favoreça a cada cidadão participar efetivamente do mundo contemporâneo. As potencialidades das ferramentas da Web 2.0 e das redes sociais são notórias e estão em todos os setores da sociedade, especialmente na rotina dos jovens e as mediações escolares podem apoiar, capacitando alunos a entenderem as lógicas da mídia para desenvolverem um posicionamento mais crítico sobre o conteúdo que acessam, interagem, produzem ou compartilham.

As mídias sociais, nesse sentido, são recursos que podem ser utilizados para promover maior participação, interação e colaboração no processo educativo para estimular a construção de um pensamento crítico e reflexivo não apenas sobre o conteúdo midiático, mas também sobre ser cidadão neste mundo contemporâneo. Assim, pensar em uma mediação significativa envolve pensar em outras possibilidades para a prática pedagógica com o uso de meios e tecnologias disponíveis, como computador, internet, celular, fotografia, etc. Tais mediações educativas podem incentivar uma diversidade de experiências e potencializar oportunidades de aprendizagens considerando as relações que os jovens estabelecem neste cenário.

Uma das alternativas é aproveitar a facilidade que os alunos possuem de utilização dessas ferramentas em benefícios de sua aprendizagem e utilizar da perspectiva da mídia-educação para inseri-los de forma crítica e cidadã na sociedade. O conhecimento teórico e prático da mídia-educação, conforme afirma Fantin (2012), faz parte da construção de uma cidadania instrumental e de pertencimento, o que significa uma oportunidade de produzir, de expressar e representar outras formas da cultura como condição de participação e cidadania.

Dessa forma, pode ser uma alternativa para educar diante de novas formas de cultura apresentadas hoje na sociedade contemporânea, já que as mídias participam como ambientes importantes de nossa prática social, cultural e de nossa construção de compreensão do mundo.

Nesse mundo midiaticizado, a escola também precisa abrir os muros e utilizar as ferramentas da Web 2.0 a favor da educação, com o professor mediando essas experiências e guiando os alunos a formular seus problemas e buscar as informações, assumindo um papel muito além de transmissor de informações. O ensino, não somente pelas redes sociais, mas também por qualquer recurso que utilize as tecnologias de informação e comunicação, pode ser motivador e, se bem orientado de acordo com a realidade dos alunos, melhorar a compreensão dos problemas e das situações encontradas nos ambientes em que vivem.

Os jovens encontram nestes ambientes um outro espaço para interagir, compartilhar informações e sobretudo para participar de forma ativa e garantir seus direitos como cidadãos. No entanto, conforme destacado no trabalho, sabemos que o conceito de cidadania está diretamente relacionado ao direito de participação da vida política, com a possibilidade de influenciar e decidir, devendo ser garantido na esfera pública (BENEVIDES, 20014), porém a rede pode ser vista hoje como espaço dessa participação política. Apesar disso, o uso que os jovens, e a maioria de nós, faz do Facebook e de outras redes sociais privilegia questões da esfera privada, mesmo sabendo que esses ambientes são de grande alcance e visibilidade para questões voltadas à intervenção na esfera pública e nas decisões que afetam diretamente a sociedade como um todo.

Os resultados da presente pesquisa nos levam a entender também que é necessário para a escola ter o debate cidadão com um tema transversal e incluí-lo em todas as áreas de conhecimento, já que cidadãos fazem de qualquer espaço um espaço para o exercício da cidadania, sendo a atuação cidadã nas redes sociais, uma consequência possível para exercê-lo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. S. **Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e ao amor ao mundo**. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro/2002.

BARBOSA, A. F. ; GUZZI, D . **Desafios das políticas públicas: riscos e oportunidades andam de mãos dadas**. TIC Kids Online Brasil 2012. 1 ed.São Paulo: Comunicação NIC.br, 2012, v. 1, p. 37-45.

BELL, D. **O advento da sociedade industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BELLONI, M. L. Mídia-educação ou comunicação educacional? Campo novo de teoria e de prática. In: BELLONI, M. L. (Org.) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p.27-45.

\_\_\_\_\_. **Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações**. In:

BEVORT, E.; BELLONI, M. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, Dec. 2009. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01013302009000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013302009000400008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1997.

BUCKINGHAM, D. **La media education nell'era della tecnologia digitale**. Relazione per il Congresso del MED “La sapienza di comunicare”. Roma, 2006.

CALDAS, G. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, Abr. 2006 . Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302006000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2012.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Volume I. A Sociedade em Rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CGI.br, 2012. Coord. Alexandre F. Barbosa. Trad. Karen Brito. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-eempresas-2011.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa Sobre o Uso das tecnologias de Informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2011**. São Paulo.

CÔRTEZ, H. S. **Mídia e juventude: reflexões (educacionais) sobre a cultura contemporânea**. IN: CAVALCANTE, K. H. M. e SOUZA, A. R. Culturas juvenis: Dinamizando a Escola. Rio Grande do Sul: EdiPUCRS, 2009, Cap. 5, p.45-53.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DRUCKER, P. F. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1994.

FANTIN, M. **Novo olhar sobre a Mídia-Educação**. 28ª Reunião Anual da ANPED (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação e Comunicação. Caxambu (MG), 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt16/gt16123int.rtf>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, **14**(1): 27-40, 2011. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. **Infância e Internet: a perspectiva da mídia-educação**. TIC Kids Online Brasil 2012. 1 ed. São Paulo: Comunicação NIC.br, 2012, v. 1, p. 73-79.

FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Org.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008.

FANTIN, M. ; RIVOLTELLA, P. C. **Crianças na era digital: desafios da comunicação e educação**. Revista de Estudos Universitários, v. 36, p. 1-12, 2010.

FERNANDES, L. **Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes**, 2011. Disponível em: [http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio\\_TRMEF.pdf](http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf). Acesso em: 30 out. 2012.

FERREIRA, N. Ts. **Cidadania. Uma Questão para a Educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, P. **Mídia e Cidadania. Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 27-40, jan./jun. 2006. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/202>>. Acesso em 03 out 2012.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 1997. p. 58.

\_\_\_\_\_. **Identidades culturais na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. p. 15.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 17-44.

JULIANI, D. et al. **Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior**, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal de Lavras. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo20/artigos/10b-douglas.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2013.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, Especial, p. 687-715, out. 2008.

KELLNER, D. “Cultura da mídia e triunfo do espetáculo” Em: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.119-147.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, Especial, p. 647-665, out. 2008.

LEMOS, A. **Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11-23.

LOIOLA, E.; MOURA, S. **Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais**. In: FISHER, T. (Org.). **Gestão Contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p.53-68.

LOPES, A. H. G. de P. ; ZUIN, A. A. S. **Educação @ tecnologias digitais: um estudo do 'diário de classe' do facebook**. *Linhas Críticas (UnB)*, v. 19, p. 631-647, 2013.

MAMEDE-NEVES, M.; DUARTE, R. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 ago. 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996

\_\_\_\_\_. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MELLEGARI, I. L; RAMOS, C.A. Direitos humanos e dignidade política da cidadania em Hannah Arendt. **Princípios: Revista de Filosofia**, Rio Grande do Norte, v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3851686>>. Acesso em: 12 out. 2014.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo, 1995.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0**, 2005. Disponível em: <oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 20 abr. 2012.

PAIXÃO, A. F et al. **Redes sociais e educação: o facebook enquanto um espaço com potencialidades para o ensino superior de matemática?:** II Congresso Internacional de TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, UNEB- Universidade do Estado da Bahia. 2423-2435. 2012. Disponível em:<<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/306.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

PATRÍCIO, M.R.V., GONÇALVES, V. M. B. **Facebook: rede social educativa?** In: I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 593-598, 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

**Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior.** In: I Conference Learning and Teaching in Higher Education: Universidade de Évora [versão electrónica]. 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

PÓVOA, M. **Uma visão pragmática do termo que define a segunda geração da internet.** 2006. Disponível em: < <http://webinsider.com.br/2006/10/30/o-que-e-web-20/> >. Acesso em: 20 ago. 2013.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, NBC University, v. 9, n. 5, p.1-2 oct. 2001. Disponível em: <[http:// www.marcprensky.com/wrinting/default.asp](http://www.marcprensky.com/wrinting/default.asp)>. Acesso em: 29 jul. 2013.

PRETTO, N.; ASSIS, A. **Cultura digital e educação: redes já!** In: PRETTO, Nelson De Luca. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

PRETTO, N.; PINTO, C. C. Tecnologias e novas educações. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, abr. 2006 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 09 nov. 2011.

PRIMO, A. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** E-Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, R.. A nova revolução: as redes são as mensagens, BRAMBILLA, A. (Org) In. **Para entender mídias sociais.** 1ª edição, 2011.

REIS JUNIOR, J. A. dos. Decifra-me ou devoro-te. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 25, n. 65, Abr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 fev. 2013.

RIVOLTELLA, P. C. Mass media, educazione, formazione. In: MASTERMANN, L. **A scuola di media, educazione, media e democrazia nell'Europa degli anni'90.** Brescia: La Scuola, 1997. p. 5-29.

SAGAYARAJ, D. J. **Revisiting paradigms and point of action.** Media Education, key concepts, perspectives, difficulties and main paradigms. Chennai, India, Arumbu Publications, 2006. p. 133-147.

SCHMIDT, S. P. **Ter Atitude:** escolhas da juventude líquida. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em pauta:** aliança mídia e educação. UNIrevista (UNISINOS. Online), v. I, p. 1-6, 2006. Disponível em <[http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev\\_Schmidt.pdf](http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Schmidt.pdf)>. Acesso em: 07 fev.2014.

SEABRA, C. **Tecnologias na escola.** Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.

SHAFF, A. **A sociedade informática:** as consequências sociais da segunda revolução industrial. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1996.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia.** 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

SIQUEIRA, A. B. de; CERIGATTO, M. P. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 44, p. 235-254, abr./jun. 2012. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155023661015>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SOARES, I. **Educomunicação – O conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011.

TIC Kids Online Brasil 2012. Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/index.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

VANDRESEN, A.S.R. **WEB 2.0 e Educação – usos e possibilidades.** Anais do EDUCERE. Disponível em <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5752\\_3325.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5752_3325.pdf)> Acesso em: 15 dez. 2012.

VASCONCELOS, K. C. et al. **Do corpo ao hipercorpo:** uma discussão a respeito do exercício da cidadania integrado ao uso das redes sociodigitais. *Artefactum*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1, 2014.

VERMELHO, S.; AREU, G.. Estado da arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000400018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400018&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago. 2012.

VIANA, N. O significado dos rolezinhos. **Revista Posição**, Goiás, v. 1, n. 1, jan. 2014. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/2viana01/33>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

ZAGO, G. **Usos Sociais do Twitter:** Proposta de Tipologia a partir do Capital Social, 2008.

ZANCHETTA JR., J. Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil.

**Educação & Sociedade**, Campinas, v.28, n.101, p. 1455-1475, set./dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000400010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000400010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Apontamentos para uma política educacional sobre mídia na escola brasileira. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.1, Abr. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072008000100016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000100016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Educação para a mídia: propostas europeias e realidade brasileira.

**Educação & Sociedade**, Campinas, v.30, n.109, p. 1103-1122, set./dez. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302009000400009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000400009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 ago. 2011.

## Apêndice A: Questionário com perguntas abertas e fechadas



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Presidente Prudente

### Perfil

Qual é a sua idade?

Em qual período você estuda?

Manhã       Noite

1. Você acessa as redes sociais?

Sim       Não

2. Se sim, quanto tempo você fica conectado nelas:

1 hora por dia       de 2 a 3 horas por dia       mais de 4 horas por dia

3. Onde você se conecta para acessar as redes sociais?

Casa       Lan House       Escola       Celular

4. O que mais atrai a sua atenção nas redes sociais?

5. Qual conteúdo você mais gosta de acessar nas redes sociais

6. Você acessa as redes sociais na escola?

Sim       Não

7. Se sim, qual tipo de atividade você desenvolveu nas redes sociais na escola?

8. Se não, você gostaria de desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais? Por que?

9. O que você entende por mídias sociais?

10. Na sua opinião, qual a função das mídias sociais na sociedade?

11. O que é o Facebook para você?

12. Você utiliza a rede social Facebook?

Sim       Não

13. Por que você utiliza esta rede social - Facebook?

14. Por que você não utiliza esta rede social - Facebook?

15. Você acha que o Facebook é importante? Justifique o por quê.

16. Quando você está online no Facebook, qual é o conteúdo que você se interessa em ver?

17. Você consegue aprender usando o Facebook?

Sim       Não

18. Se sim, explique como você acha que aprende utilizando o Facebook?

19. Se não, por que você não consegue aprender utilizando o Facebook?

20. O que é cidadania para você?
21. Quais os tipos de atitude que você considera como exemplos de cidadania? Por que?
22. Você busca por conteúdos sobre cidadania no Facebook?  
( ) Sim ( ) Não
23. Se sim, quais as páginas de cidadania você acessa?
24. Você compartilha/escreve em seu mural no Facebook conteúdos sobre cidadania?  
( ) Sim ( ) Não
25. Quais os temas de cidadania você compartilha em seu mural?
26. Você participa de grupos ou segue páginas que você considera discutir questões de cidadania?  
( ) Sim ( ) Não
27. Quais são os temas debatidos nestes grupos e páginas?
28. Você contribui escrevendo suas ideias e opiniões sobre cidadania nestes grupos e páginas?  
( ) Sim ( ) Não
29. Você utiliza o Facebook a favor da cidadania? Como você acha que faz isso utilizando o Facebook? Explique.
30. O Facebook contribui em seu aprendizado sobre cidadania?  
( ) Sim ( ) Não
31. Como ele contribui neste aprendizado? Qual o conteúdo que você aprendeu utilizando o Facebook?
32. As questões debatidas no Facebook sobre cidadania levaram você a tomar alguma atitude na sua vida diária?  
( ) Sim ( ) Não
33. Que tipo de atitude cidadã você já realizou?
34. Você compartilhou essa atitude no Facebook?
35. Por que você não compartilhou?

### Apêndice B: Composição do questionário aplicado

<b>Objetivo Geral:</b>	Identificar e analisar a representação social de adolescentes matriculados no ensino médio, na Escola Estadual Tanel Abbud, do município de Presidente Prudente (SP), sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que eles possuem.	
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Perguntas</b>
- Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais pelos adolescentes em seu cotidiano;	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual a periodicidade de acesso às mídias sociais no cotidiano do adolescente?</li> <li>2. De onde o adolescente acessa as mídias sociais? (Escola, Casa, Lan House, Celular)</li> <li>3. Por qual o motivo o adolescente acessa as mídias sociais no cotidiano?</li> <li>4. Qual o conteúdo que o adolescente acessa quanto está conectado às mídias sociais no cotidiano?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você acessa as redes sociais? ( ) Sim ( ) Não</li> <li>2. Se sim, quanto tempo você fica conectados nelas: ( ) 1 hora por dia ( ) de 2 a 3 horas por dia ( ) mais de 4 horas por dia</li> <li>3. Onde você se conecta para acessar as redes sociais ( ) Casa ( ) Lan House ( ) Escola ( ) Celular</li> <li>4. O que mais atrai a sua atenção nas redes sociais?</li> <li>5. Qual conteúdo você mais gosta de acessar nas redes sociais?</li> </ol>
- Identificar a frequência e a natureza de uso de mídias sociais nas salas de aula dos adolescentes pesquisados;	<ol style="list-style-type: none"> <li>5. Qual a periodicidade de acesso às mídias sociais na sala de aula?</li> <li>6. Por qual motivo o adolescente utiliza as mídias sociais em sala de aula?</li> <li>7. Qual o conteúdo acessado nas mídias sociais quando o adolescente está em sala de aula?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>6. Você acessa as redes sociais na escola? ( ) Sim ( ) Não</li> <li>7. Se sim, qual tipo de atividade você desenvolveu nas redes sociais na escola?</li> <li>8. Se não, você gostaria de desenvolver atividades escolares utilizando as redes sociais? Por quê?</li> </ol>
- Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre mídias sociais, especificamente o Facebook.	<ol style="list-style-type: none"> <li>8. O que os adolescentes compreendem por mídias sociais Facebook? Compreendem a função das mídias sociais? Como as compreendem? Quais são as funções da mídia na visão deles?</li> <li>9. Quais são as atitudes dos adolescentes diante desta rede social, eles a consideram importante? Gostam de estar conectados nesta rede? Por quê?</li> <li>10. O que mais fazem nesta rede social? Conseguem aprender pelo Facebook? O que aprendem?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>9. O que você entende por mídias sociais?</li> <li>10. Na sua opinião, qual a função das mídias sociais na sociedade?</li> <li>11. O que é o Facebook para você?</li> <li>12. Você utiliza a rede social Facebook? ( ) Sim ( ) Não</li> <li>13. Por que você utiliza esta rede social (Facebook)?</li> <li>14. Por que você não utiliza esta rede social?</li> <li>15. Você acha que o Facebook é importante? Por quê?</li> <li>16. Quando você está online no Facebook, qual é o conteúdo que você se interessa em ver?</li> <li>17. Você consegue aprender utilizando o Facebook?</li> </ol>

		<p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>18. Se sim, o que já conseguiu aprender utilizando esta rede social?</p> <p>19. Se não, por que você não consegue aprender utilizando o Facebook?</p>
<p>Identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre o conceito de cidadania</p>	<p>11. O que os adolescentes compreendem por cidadania? O que eles consideram que é ser cidadão?</p> <p>12. Os adolescentes acessam conteúdos sobre cidadania no Facebook? Quais os conteúdos sobre cidadania acessados? Compartilham esse conteúdo? Participam de Grupos? Seguem páginas sobre o assunto?</p> <p>13. Os adolescentes utilizam na prática o Facebook a favor da cidadania? Como consideram que fazem isso? O Facebook contribui nesta construção do conceito?</p>	<p>20. O que é cidadania para você?</p> <p>21. Quais os tipos de atitude que você considera como exemplos de cidadania? Por que?</p> <p>22. Você busca por conteúdos sobre cidadania no Facebook?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>23. Se sim, quais as páginas de cidadania você acessa?</p> <p>24. Você compartilha/escreve em seu mural no Facebook conteúdos sobre cidadania?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>25. Quais os temas de cidadania você compartilha em seu mural?</p> <p>26. Você participa de grupos ou segue páginas que você considera discutir questões de cidadania?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>27. Quais são os temas debatidos nestes grupos e páginas?</p> <p>28. Você contribui escrevendo suas ideias e opiniões sobre cidadania nestes grupos e páginas?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>29. Você utiliza o Facebook a favor da cidadania? Como você acha que faz isso utilizando o Facebook? Explique.</p> <p>30. O Facebook contribui em seu aprendizado sobre cidadania?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>31. Como ele contribui neste aprendizado? Qual o conteúdo que você aprendeu utilizando o Facebook?</p> <p>32. As questões debatidas no Facebook sobre cidadania levaram você a tomar alguma atitude na sua vida diária?</p> <p>( ) Sim ( ) Não</p> <p>33. Que tipo de atitude cidadã você já realizou?</p> <p>34. Você compartilhou essa atitude no Facebook?</p> <p>35. Por que você não compartilhou?</p>

## Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Presidente Prudente

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Título da Pesquisa: "Mídias sociais, adolescentes e cidadania – espaço de representações e de educação para a mídia"

Nome da Pesquisadora: Joyce Galdino Gomes

Nome da Orientadora: Cláudia Maria de Lima

1. **Natureza da pesquisa:** Você é convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar as representações sociais de adolescentes sobre as mídias sociais e a cidadania
2. **Participantes da pesquisa:** alunos do ensino médio de Presidente Prudente (SP).
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo seu filho (a) responderá um questionário e participará de um grupo focal na escola onde estuda. Você tem liberdade de recusar a participação de seu filho (a) e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone (18) 3221 8658 da pesquisadora do projeto Joyce Galdino Gomes e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da FCT UNESP, Profa. Dra. Edna Maria do Carmo, telefone (18) 3229-5399 ramal 5466 – 3229-5365 ramal 202, email: CEP@fct.unesp.br.
4. **Sobre as entrevistas:** Durante o grupo focal, haverá uma interação da pesquisadora no ambiente escolar. Seu filho (a), assim como os demais alunos, será convidado para falar sobre como utilizam as redes sociais, como o Facebook, e se acreditam que podem aprender questões sobre cidadania nestes ambientes.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade de seu filho.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.
7. **Benefícios:** o seu filho (a) ao participar desta pesquisa não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes sobre as questões de construção de cidadania pelas redes sociais, tão utilizadas por adolescentes hoje.
8. **Pagamento:** Seu filho (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago pela participação dele (a).

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para o (a) seu (sua) filho (a) participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

### Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome de seu (sua) filho (a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pai ou responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Orientadora

**Pesquisadora: Joyce Galdino Gomes – Telefone: (18) 3221 8658**

**Orientadora: Claudia Maria de Lima – Telefone: (17) 3221-2322**

**Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo**

**Vice-Coodenadora: Profa. Dra. Renata Maria Coimbra Libório - Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526/ E-mail [cep@fct.unesp.br](mailto:cep@fct.unesp.br)**

## Apêndice D: Autorização da Escola E. E. Tanel Abbud



### AUTORIZAÇÃO

**Nome da pesquisadora:** Mestranda Joyce Galdino Gomes (UNESP/Presidente Prudente)

**Nome da orientadora:** Prof.ª Dr.ª Claudia Maria de Lima (UNESP/Presidente Prudente)

**Ref.: PROJETO: MÍDIAS, ADOLESCENTES E CIDADANIA – ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES E DE EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA**

A presente declaração registra o conhecimento e concordância da direção/coordenação da escola "E.E. Com. Tanel Abbud" sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado "Mídias, adolescentes e cidadania – espaço de representações e de Educação para a mídia", sob responsabilidade de Joyce Galdino Gomes, regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente, matrícula 143951, portadora do RG. 34.184.352-0 e do CPF: 223.146.008-08. A responsável pelo estudo informou sobre as características, objetivos e metodologia da pesquisa.

O referido projeto tem por objeto de pesquisa a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania que os adolescentes possuem.

Nestes termos, declaro minha ciência e autorizo a realização do estudo.

Presidente Prudente/SP, 04 de junho de 2013.

  
Altairio Cervellini Filho  
Diretor da Escola  
RG: 0.810.825-9  
E.E. Com. Tanel Abbud  
Assinatura do responsável

  
Joyce Galdino Gomes  
RG: 34.184.352-0  
Pesquisadora Responsável



Apêndice E: **Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa**

FACULDADE DE CIÊNCIAS E  
TECNOLOGIA - UNESP/  
CAMPUS DE PRESIDENTE



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Mídias Sociais, Adolescentes e Cidadania: Espaço de Representações e de Educação para a Mídia

**Pesquisador:** Joyce Galdino Gomes

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 16318613.1.0000.5402

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 387.976

**Data da Relatoria:** 06/09/2013

**Apresentação do Projeto:**

O projeto tem por objetivo investigar o papel do facebook na construção do exercício de cidadania. A investigação terá a abordagem qualitativa, com delineamento descritivo-explicativo e assumirá o caráter de estudo de levantamento (Survey). A análise dos dados será feita mediante análise de conteúdo.

**Objetivo da Pesquisa:**

Identificar e analisar a representação social de adolescentes matriculados na Escola Estadual Tannel Abbud, do ensino médio do município de Presidente Prudente (SP), sobre a função da mídia, em especial da mídia social (Facebook) na construção do conceito de cidadania.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A participação de adolescentes nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Nenhum dos procedimentos a serem utilizados oferece riscos à dignidade humana.

Não haverá nenhum benefício direto aos participantes da pesquisa. Porém, os pesquisadores esperam que este estudo traga informações importantes sobre a representação social de adolescentes sobre a função da mídia, especialmente o Facebook, na construção do conceito de cidadania, contribuindo na pesquisa no campo de mídia-educação.

**Endereço:** Rua Roberto Simonsen, 305

**Bairro:** Centro Educacional

**CEP:** 19.060-900

**UF:** SP

**Município:** PRESIDENTE PRUDENTE

**Telefone:** (18)3229-5315

**Fax:** (18)3229-5353

**E-mail:** cep@fct.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS E  
TECNOLOGIA - UNESP/  
CAMPUS DE PRESIDENTE



Continuação do Parecer: 387.976

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa sobre tema carente de estudos e relevante à discussão da relação educação-mídias.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos estão de acordo com as exigências do CEP.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências, a documentação está completa e preenchida corretamente.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião realizada no dia 06.09.2013, o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Presidente Prudente, em concordância com o parecerista, considerou o projeto APROVADO.

Obs: Lembramos que ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) deverá apresentar o relatório final.

PRESIDENTE PRUDENTE, 09 de Setembro de 2013

---

**Assinador por:**  
**Edna Maria do Carmo**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Roberto Simonsen, 305

**Bairro:** Centro Educacional

**CEP:** 19.060-900

**UF:** SP

**Município:** PRESIDENTE PRUDENTE

**Telefone:** (18)3229-5315

**Fax:** (18)3229-5353

**E-mail:** cep@fct.unesp.br

Apêndice F: **Roteiro de perguntas da entrevista semi-dirigida**



- 1) O que vocês acharam do vídeo? O que mais chamou a atenção de vocês?
- 2) O que é cidadania para vocês?
- 3) Vocês acham que pensar a Copa é relevante para o exercício cidadão? Por quê?
- 4) Conte como isso acontece nos seu dia a dia.
- 5) Vocês acham que a internet ajuda nesse exercício? Como?
- 6) Vocês usam o Facebook para essa finalidade?
- 7) Como fazem esse uso e quais os temas que mais interessam?
- 8) Há alguma coisa que acham ruim no Facebook? O quê? Por quê?
- 9) O Facebook contribui no aprendizado de vocês sobre cidadania? Por que?
- 10) Alguma questão debatida no Facebook levaram vocês a tomar alguma atitude na prática?
- 11) Qual atitude vocês tomaram? Cite alguns exemplos.